Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23252 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 31 MAIO 90 60$00

Novo preço

Os jornais diários vespertinos passam a custar, a partir de amanhã, setenta escudos. A notícia não será agradável para o leitor (tão pouco para nós transmiti-la) mas, se se pensar como o custo de vida tem galopado, facilmente se admitirá que este aumento de preço fica até aquem do que muitas empresas defendiam, pois em relação ao preço actual há um agravamento de, apenas, dez escudos.

A sobrecarga com os custos de produção e de distribuição dos jornais é a principal razão invocada pela Associação de Imprensa Diária (AID) para estabelecer o novo preço dos vespertinos, a partir de 1 de Junho, em 70 escudos. Os diários matutinos sofrem um aumento maior, estando o seu custo fixado, também a partir de amanhã, em 75 escudos. **Pág. 13**

Governo prepara proposta para levar ao Parlamento

Rendas de casa vão ser liberalizadas

O Conselho de Ministros analisou hoje uma proposta do titular das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral, que aponta para a liberalização das rendas de casa. Contratos a prazo, rendas livres não condicionadas e a introdução de novos benefícios fiscais decorrentes dos arrendamentos são alguns dos pontos da nova legislação. Alterada vai ser também a legislação dos trespasses comerciais.

A revisão do quadro legal que enquadra a habitação vai ser acompanhada de um novo regime de crédito. Prevê-se a atribuição de maiores bonificações e um alargamento dos limites de empréstimo. **Pág. 5**

Reuter

Uma jovem, em Washington ,coloca-se junto das bandeiras norte-americana e soviética, irmanadas para receber Gorbachev

Na cimeira Bush/Gorbachev

Alemanha e Báltico são os pontos de conflito

A cimeira Bush-Gorbachev começou hoje em Washington, capital federal dos EUA, que ontem se engalanou para receber o líder soviético. A agenda dos encontros, que vão prolongar-se até ao dia 3 de Junho, inclui várias questões, nomeadamente o desarmamento, o futuro da Alemanha unificada e a situação no Báltico. Mas se em relação ao primeiro ponto não há praticamente divergências (sendo dada como certa a assinatura, sem problemas, dos acordos de redução dos arsenais nucleares e químicos) o mesmo não acontece com os restantes assuntos prioritários. Gorbachev continua a não querer uma Alemanha unida na NATO e, quanto ao Báltico, pretende mais tempo para conseguir uma saída. **Pág. 10**

Cabo Verde: um movimento criado para derrubar PAICV

Manuel Delgado/Especial para o DL

«Derrubar o regime do PAICV». Foi assim que António Espírito Santo, o dirigente do recém-formado Movimento para a Democracia (MPD), definiu o objectivo imediato do seu agrupamento para as eleições legislativas cabo-verdianas que se deverão realizar no próximo ano, as primeiras a que poderão concorrer partidos da oposição. Antigo militante do PAICV, Espírito Santo é conotado com um facção trostsquista expulsa em 1979. Outros dirigentes do MPD advogaram objectivos menos ambiciosos, como Carlos Veiga, que se contenta com a obtenção de um terço dos votos. As eleições pluripartidárias em Cabo Verde parecem garantidas com a aprovação pela Assembleia Popular de um «pacote» do Governo, onde se destacam as leis sobre os partidos políticos e sobre os direitos de manifestação e reunião, para além de alterações à lei da reforma agrária e à autorização da dupla nacionalidade para os cabo-verdianos. **Pág. 11**

Camilo entrevistado pelo DL

Suplemento Literário

DL

Vieira da Silva: obra completa no catálogo da Skira *Pág. 19*

Aeroporto de Macau: um concurso sem faxes *Pág. 7*

Maria Barroso matou saudades de Benilde *Pág. 20*

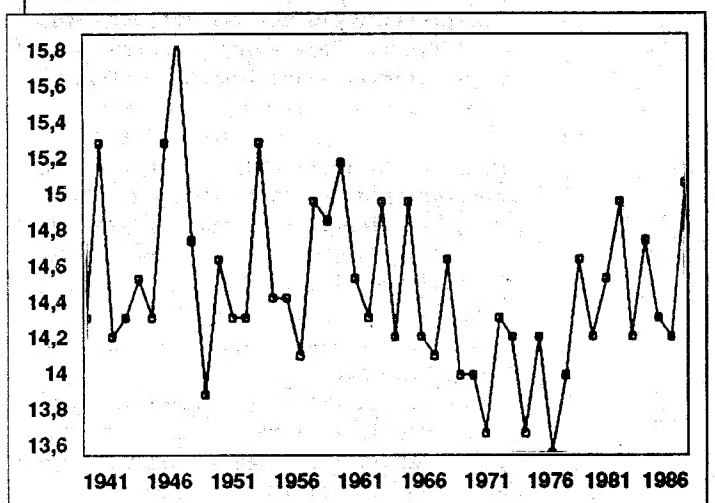
O clima deve estar louco *Págs. 2 a 4*

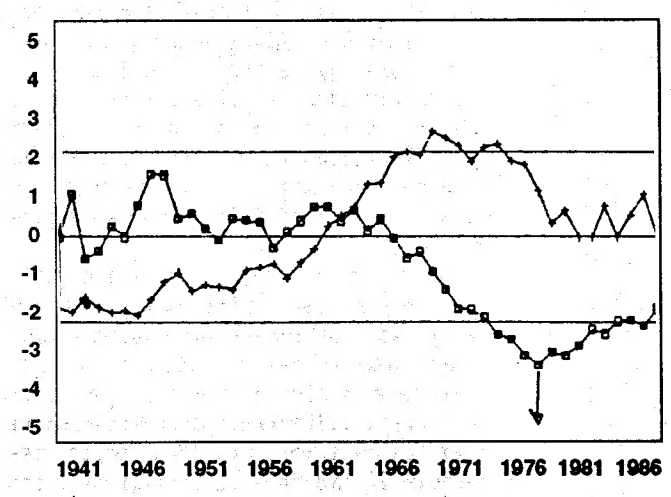
PORTE PAGO

Em Portugal chove cada vez menos na Primavera, desde 1960/65, especialmente nas regiões do Sul. E como a temperatura média do ar veio a decrescer a partir de 1941, constata-se agora que, desde 1975/76, houve uma inversão desta tendência: as temperaturas não param de subir

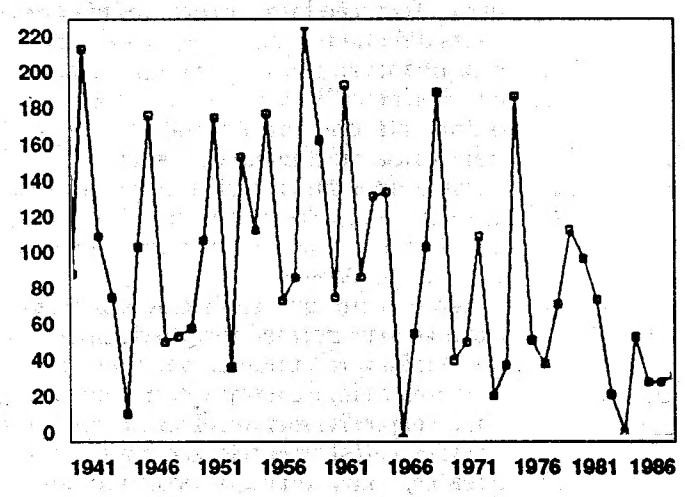
GRANDE ANGULAR

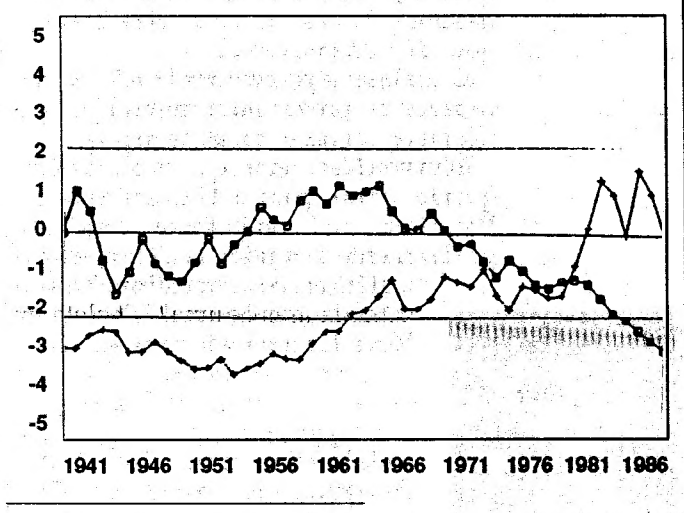
Já fomos um país temperado





As temperaturas médias anuais na região do Porto (que servem de exemplo para todo País), têm vindo a aumentar desde 1976. E tal como se vê no gráfico 2, o «ruído» foi excedido em 1971 e 1975 e, ainda, entre 1976 e 1984





A partir de 1962/63, a precipitação média no mês de Março (um mês exemplar em chuva) tem vindo a diminuir em quase todo o País. No gráfico 4, vê-se que o «ruído», os limites da variabilidade, foram ultrapassados a partir de 1981. Isto é, chove cada vez menos

A meteorologia não é um ciência de bruxos, por mais que as pessoas apertem com aqueles que a praticam. De facto, seria óptimo que no final de Março, quando os trabalhadores são obrigados a marcar as férias, fosse possível assegurar que naqueles quinze dias de Junho com que sonhámos trabalhar para o «bronze», de permeio com umas ricas banhocas, o tempo estivesse esplendoroso, de amena temperatura, sem nuvens, com muito sol e nada de chuva.

Só que o estado do tempo e as variações climáticas raras vezes se coadunam com os desejos consumistas. O grau de probabilidade favorável aos seus desígnios é incomensuravelmente mais dilatado do que o do Totoloto...

Daí, o sadismo com que as pessoas tratam os pobres meteorologistas que dão a cara na Televisão, quando o seu prognóstico, a curto prazo, resulta num nítido falhanço.

Pense-se unicamente nas virtualidades de uma fiável previsão do estado do tempo, não apenas para os próximos três a cinco dias, mas para daqui a seis meses. É que, para lá da acertada marcação das férias, a sociedade daria saltos de contentamento: por via da planificação agrícola e pecuária, da produção e consumos energéticos, ou da gestão da oferta turística.

Primavera mais cedo

Porém, a maioria das pessoas, não só não sabe dar uma correcta definição do clima como confunde a variabilidade que o caracteriza com as mudanças que só ocorrem entre milénios.

Por isso, é natural que ande por aí muita gente a dizer que o tempo já não é como era, isto é, o Verão salta para o Outono e a Primavera entra pelo Estio adentro.

E elas não deixam, em parte, de ter razão. Não se trata propriamente de uma mudança do clima, do género de estarmos a entrar num período de glaciação, mas sim de variações (fenómenos extraordinários) que afectam, e de que maneira, as nossas referências culturais e vivenciais.

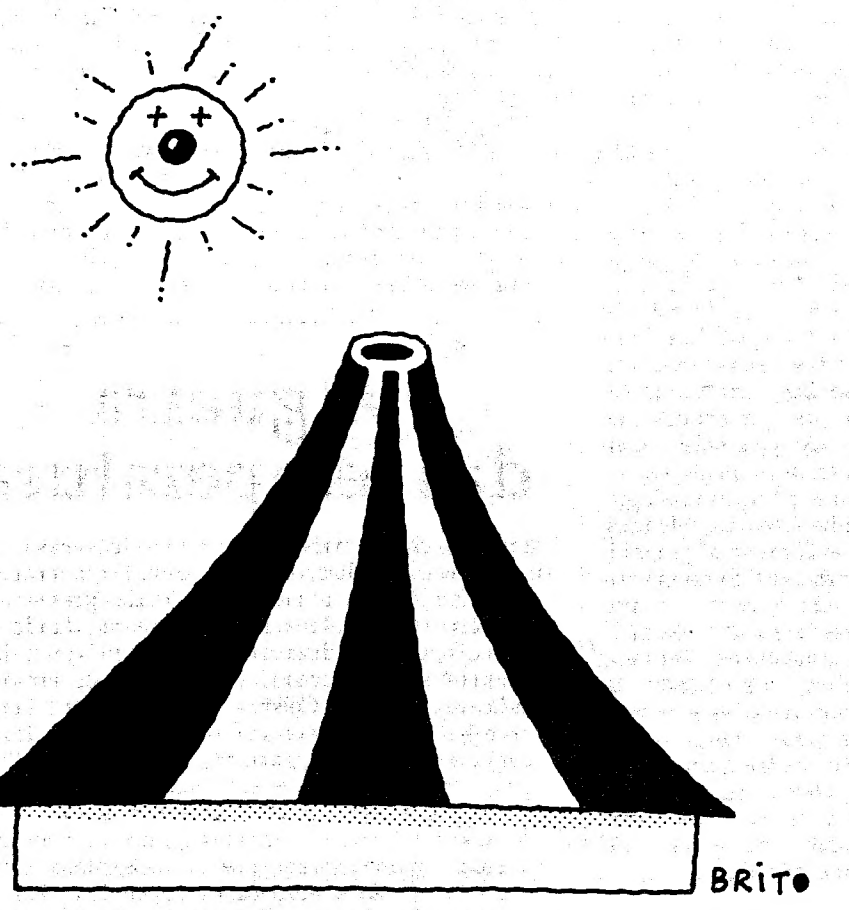
Os mais velhos sentem forçosamente na pele que o Inverno já não é tão rigoroso como era há 30 anos, ou que já não tem muito sentido ter como referência de transição, entre as estações do ano, os meses de Março ou Setembro. Apesar de estes meses continuarem a «conter» os equinócios, a verdade é que nos últimos anos, em Portugal, a Primavera tem começado mais cedo e o Verão mais tarde, com o Outono a encolher junto de um Inverno de três meses cada vez menos frio.

Uma constatação que os próprios climatologistas não renegam. Caso do dr. José Casimiro Mendes, que chefia o Departamento de Climatologia do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG).

O clima da Terra, diz este cientista, tem-se caracterizado, ao longo dos tempos, por uma permanente variabilidade: «Aliás, existem inúmeras provas da ocorrência de mudanças climáticas, ou seja, de períodos significativos sucessivos em que as diferenças entre as médias ou outras estatísticas excedem o ruído climático».

São apenas anomalias

Neste contexto, Casimiro



O frio não entra em Lisboa

Custa a acreditar, mas é verdade. De Outubro a Maio, faz menos frio na capital do que em Faro

Quem a contragosto suporta o frio, é normal que pense nas delícias de um Algarve como a região ideal, em Portugal, para se passar um Inverno bem ameno.

Só que as coisas não são bem assim.

Na verdade, das 15 capitais de distrito em que o INMG regista as condições meteorológicas, vê-se que, pelas médias das temperaturas nos últimos 30 anos (de 1958 a 1987), Lisboa - e não Faro - é a cidade em que o Inverno é menos rigoroso no nosso país.

Analisando as médias das temperaturas mínimas do ar nesse período de trinta anos, que registam o «máximo» de frio que fez, verifica-se que, de Outubro a Maio (seis meses), Lisboa tem uma média de mínimas mais alta que a cidade de Faro, empatando em Junho e Setembro, e ganhando Faro em Julho e Agosto.

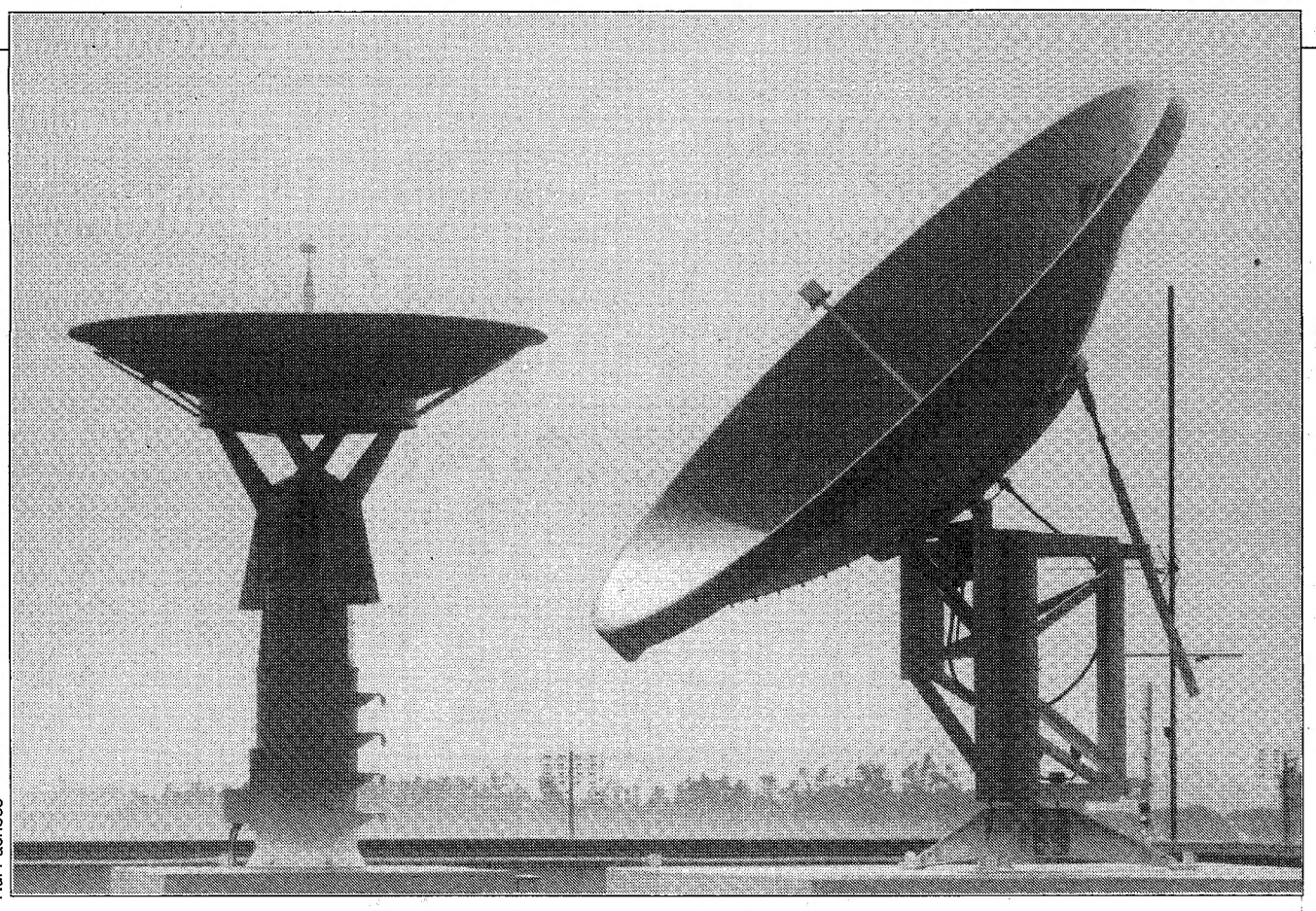
Em relação aos três meses de Inverno, a média das temperaturas mínimas é, em Dezembro, de 8,8 graus Celsius para Lisboa e de 8,7 graus para Faro. Em Janeiro, Lisboa regista uma média de 8,3 graus, contra 7,4 para Faro. E, em Fevereiro, Lisboa apresenta uma média de 8,9 graus, enquanto Faro regista 8,1 graus.

Curiosamente, a cidade mais fria no Inverno é Bragança, com uma média de temperaturas mínimas de 1,3 graus em Dezembro, 0,7 graus em Janeiro e 1,5 graus em Fevereiro.

Mas o confronto entre Lisboa e Faro ainda apresenta outra constatação assinalável. Por exemplo, a de que a capital do Algarve, apesar de ser mais fria do que Lisboa no Inverno, também não deixa de ser mais quente...

Ou seja, a média das temperaturas máximas em Faro, ao longo dos 12 meses do ano, é sempre superior à de Lisboa.

No que respeita apenas ao Inverno, vê-se que Faro apresenta, em Dezembro, uma média de temperaturas máximas de 16,9 graus, contra 14,8 graus para Lisboa. Em Janeiro, Faro regista 16,1 graus e Lisboa 14,5 graus e, em Fevereiro, a média de Faro é de 16,7 graus e a de Lisboa 15,6 graus.



Rui Pacheco

As antenas de captação no INMG, da informação dos satélites meteorológicos

A guerra das temperaturas

Em Julho do ano passado, quando os lisboetas (e não só) suavam as estopinhas, os vários painéis com termómetros electrónicos disseminados pela cidade apresentavam, à mesma hora, valores muito diferentes, dando azo às mais disparatadas discussões sobre as máximas do dia. Enquanto nas Amoreiras, por exemplo, os termómetros indicavam 41 graus Celsius , na Avenida da Liberdade os registos da temperatura «desciam» aos 38. Isto, num período em que, curiosamente, a máxima oficialmente registada em Lisboa pelo INMG foi de 37,7 graus. É que independentemente da maior ou menor fiabilidade desses termómetros electrónicos, e da cidade de betão ser muito mais quente que a estação meteorológica do Aeroporto, a temperatura oficial do ar é aferida , com precisão, a uma distância de 1,7 metros do solo. Uma determinação justificada pelo facto de a temperatura «na relva» poder diferir uma boa dezena de graus da que é medida à altura do homem. No Inverno, num país como a França, os termómetros podem marcar 1,8 graus a um 1,7 metros e 12 graus negativos sobre a relva. No Verão, podem registar-se 28 graus Celsius a 1,7 metros e 45 graus ao nível do solo. Tratam-se de fenómenos termodinâmicos, explicáveis pelo facto de o solo absorver ou irradiar a energia solar segundo a sua natureza, e de acordo com a maior ou menor nebulosidade, transparência do ar, humidade do ar, etc. Acrescente-se, ainda, os processos de condução térmica entre o solo e o ar em interacção com outras duas variáveis: a natureza do terreno e a velocidade do vento. Por tudo isto, a única temperatura que interessa aos meteorologistas é a da atmosfera a 1,7 metros do solo. Valor que deve ser registado sob um abrigo - em caso de chuva, a evaporação de uma simples gota de água sobre o termómetro pode fazer baixar a temperatura vários graus - e à sombra. Como se vê, não faz nenhum sentido tirar as temperaturas ao sol. No pico do Verão, se se colocar um termómetro de vidro e mercúrio sobre um rocha de granito, rapidamente a temperatura subirá aos 70 graus.

Mendes salienta que «é habitual usar-se o termo mudança climática para variações de longa duração, que se estendem por vários séculos, e o termo flutuações climáticas para variações que duram poucas décadas e em que as condições climáticas retornam ao estado primitivo».

Assim, o termo variabilidade climática refere-se, segundo aquele climatologista, à variação dos parâmetros climáticos dentro do período típico das estatísticas , isto é, geralmente 30 anos. «O que inclui as diferenças dos valores mensais, estacionais e anuais em relação aos «normais», as quais são chamadas, usualmente, de anomalias».

Numa outra terminologia, sublinha Casimiro Mendes, pode encarar-se a variabilidade climática como «a variabilidade inerente a um processo estocástico (conjectural) estacionário ajustado ao clima na escala de algumas décadas e a mudança climática como a diferença entre processos estocásticos estacionários referentes ao clima em períodos sucessivos de algumas décadas ».

Alteração à vista

Mas no nosso século, diz o climatologista, surgiu uma nova preocupação: «A possibilidade de alteração das condições climáticas da Terra provocada pelas actividades humanas, a qual, a ocorrer, será a primeira desta natureza».

Com efeito, as concentrações atmosféricas de dióxido de carbono (CO_2) e de outros gases com efeito de estufa, produzidos pelas actividades industriais, não cessam de aumentar e representam um risco sério à modificação da composição natural da atmosfera terrestre e, consequentemente, ao balanço térmico do nosso planeta.

Deste modo, não surpreende que um trabalho desenvolvido pelo Departamento de Climatologia do INMG, em Junho do ano passado, apresente alguns exemplos da variabilidade climática em Portugal Continental, fundamentalmente no período de 1941 a 1988, no que se refere a valores da temperatura média do ar e da quantidade de precipitação (chuva).

Este estudo sobre as condições climáticas no Continente nos últimos 50 anos, no que respeita às condições extremas de temperatura do ar e de precipitação, mostram a existência de um decréscimo da quantidade de precipitação na Primavera (mês de Março em Particular) principalmente nas regiões do Sul, a partir de 1960/1965, e a inversão da tendência decrescente da temperatura média do ar (anual) a partir de 1975/1976.

O Verão de 1949

Entre 1941 e 1988 aconteceram fenómenos extraordinários, ou anomalias, dignos de registo.

No que respeita ao Outono, por exemplo, o mais quente foi em 1948 e o mais frio em 1976.

Já para o Inverno, o máximo em calor foi registado em 1965/66, e o mínimo, ou seja, o maior frio de sempre, em 1941/42.

E em relação à Primavera vê-se que a de 1945 foi a mais quente e que a de 1971 foi a mais fria.

Acerca do Verão, os registos mostram que o de 1949 bateu o recorde do sufoco enquanto o de 1977 foi o mais suave.

Tudo isto, no que toca às estações do ano. Por meses, vemos que Abril de 1945 foi o mais quente desses 50 anos, enquanto Abril de 1986 foi o mais frio. Para o mês de Setembro, 1985 registou o recorde de calor, e, em 1969 e 1974, o frio invernal quase que deu cabo de um Outono incipiente.

Curiosamente, para o Verão de 1949, (o mais quente), os desvios atingiram os +3 graus Celsius nalgumas regiões, o que corresponde a cerca de três vezes o desvio padrão - uma «brutalidade». E no caso do Verão mais frio, o de 1977, esses desvios atingiram -3 graus Celsius.

Desvios que, admitindo uma distribuição Gaussiana para os valores estacionais da temperatura média do ar à superfície, implicam que os correspondentes valores extremos tenham ocorrido apenas em menos de 1 por cento dos casos, quer se trate dos mais frios quer dos mais quentes.

No caso do mês de Abril, os desvios atingiram os +5 graus C no ano de 1945 e -4 graus C no ano de 1986, índices também superiores a três desvios padrão.

A valsa das temperaturas

Quem tiver boa memória e anos suficientes para o teste, faça um esforço para recordar o friozinho crescente, em qualquer das estações do ano, de 1949 a 1977.

Mesmo ignorando o chavão: «Teste de tendência de

Continuação na pág. 4

COMENTÁRIO

A única certeza: a insegurança

Na base dos dados de que dispomos hoje em dia parece excessivo afirmar que o *Day-After* já foi ontem. É hoje, amanhã também. Que se chame Deus ou *Big-Bang* , a questão é que quem criou esta coisa onde pousamos os pés, nos arranjou uma boa encrenca. Para a qual,a dizer a verdade, temos contribuído substancialmente. Sobretudo ultimamente.

Ainda há umas escassas dezenas de anos, um cientista poderia em perfeita tranquilidade e com «segura objectividade», afirmar que, definitivamente, apenas cinco causas afectavam as condições climatéricas da Terra: a latitude, a altitude, a direcção dos ventos,a proximidade ou distanciação dos mares e a pressão atmosférica.

Havia, ainda, e paralelamente, todo um conhecimento empírico traduzido pela sabedoria popular que a ciência nem sempre enjeita, como o voo das andorinhas (que é mais alto ou mais baixo conforme a pressão, não por causa das aves, mas porque ela afecta a possibilidade de voo dos insectos de que se alimentam), as cebolas, que, misteriosamente, parecem saber se o próximo ano será húmido ou seco e se revestem de casca mais ou menos densa de acordo com as suas previsões.

Os *rain-men* índios dançavam para fazer chover, mas cientistas norte-americanos, no final do século passado, tentavam fazer o mesmo disparando canhões para o céu. E idêntico processo utilizavam os franceses precisamente na intenção contrária. Em 1901 foram disparados 20 mil tiros de canhão para um céu borrascoso, no Beaujolais, a tentar evitar que furiosa tempestade destruísse as preciosas vinhas de região. Sem resultado, acrescente-se.

Porque as catástrofes são um facto da vida. O coração humano bate milhões de vezes até que um dia decide deter a sua caminhada; as placas tectónicas do planeta chocam milhares de vezes umas com outras, até que um desses choques se transforma num sismo devastador.

Por muitos anos, a ciência pretendeu criar uma hipotética barreira contra o catastrofismo bíblico da criação e dos dilúvios punidores.

Agora, com um conhecimento mais exacto e mais pormenorizado do planeta que habitamos, tornou-se claro que vivemos num ciclone contínuo num Universo criado explosivamente pelo *Big Bang* . As grandes catástrofes não são muito frequentes, mas quando ocorrem conhecemos-lhes as consequências. E é algo que não podemos evitar.

É também algo que ainda não somos capazes de prever num mundo de que julgamos conhecer todas as regras.

John von Newmann, que, nos anos Cinquenta, criou, para a Universidade de Princeton, um computador destinado precisamente a estudar as alterações climatéricas, costuma afirmar que o bater de asas de uma borboleta em Nova Iorque pode provocar uma tempestade em Moscovo (isto sem qualquer metáfora política...)

E o que, por enquanto, na realidade somos capazes em afirmar de seguro, é que só podemos olhar para o futuro com insegurança.

Roby Amorim

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

GRANDE ANGULAR

Julho de 89 foi, em Portugal, o mais quente desde que existem registos meteorológicos no País. Batendo o anterior recordista, o tórrido Julho de 1928

Um mês de brasa

Deve ser difícil, mesmo para os portugueses com costela tropical, esquecer o ultra-sufocante Julho do ano passado, mês em que o comércio de ventoinhas e de aparelhos de ar condicionado esgotou os seus «stocks», por sinal nada precários.

De facto, passado o mês de brasa que pôs os portugueses de língua de fora e transformou as nossas florestas num incontrolável braseiro, o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica veio a público confirmar que, na realidade, Julho de 89 tinha sido o mais quente desde que há observações (registos dos dados meteorológicos).

Os números falam por si. Tendo como referência a temperatura média do ar (soma das máximas e das mínimas a dividir por dois), constatou-se que esta foi excepcionalmente elevada, isto é, de 2 a 4 graus Celsius, respectivamente, acima dos valores normais para o litoral e para o interior.

Em Lisboa, por exemplo, as temperaturas do ar começaram a ser medidas em 1856, em Coimbra em 1865 e em Évora em 1871.

E desde aí até ao ano passado, os recordes absolutos para as temperaturas médias de Julho tinham sido registados em 1928, com Lisboa a exibir uma média de 24,8 graus Celsius, Coimbra 24,4 e Évora 25,8.

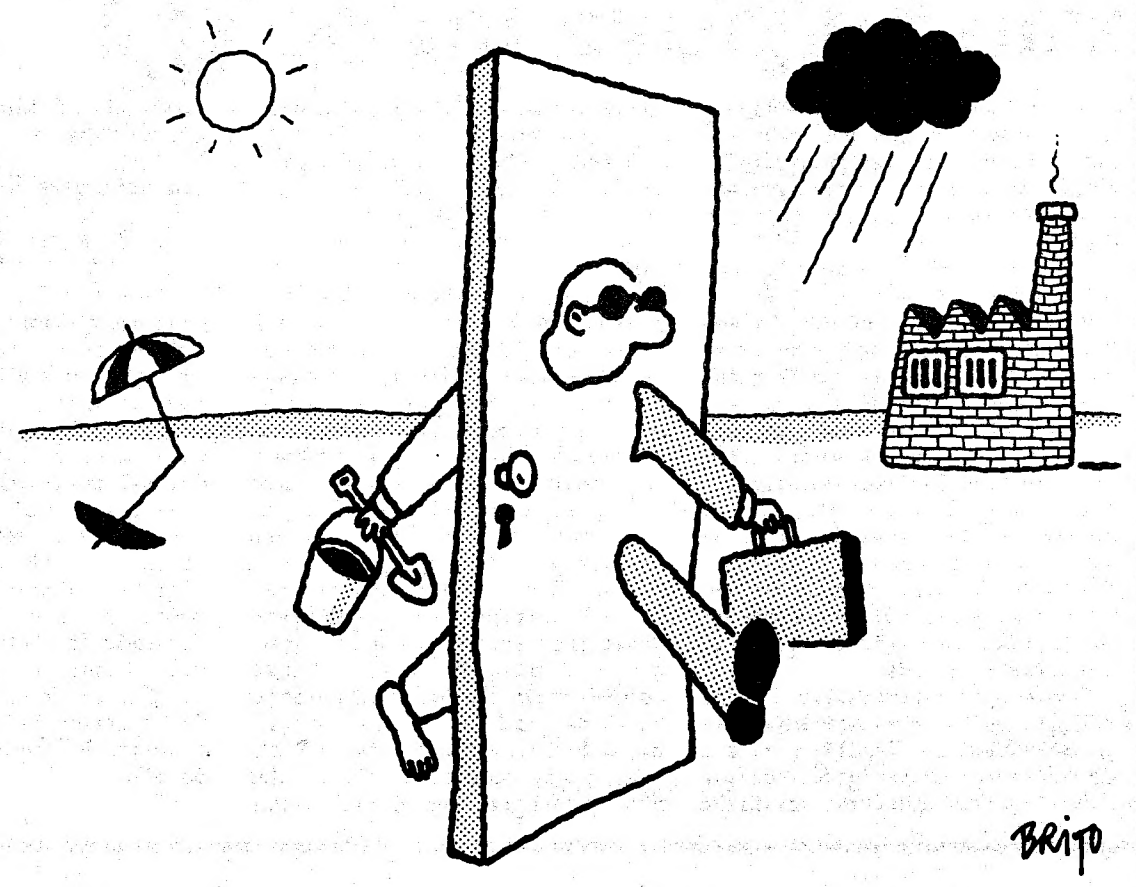
Só que Julho de 1989 ainda foi mais tórrido: Lisboa com 25,1 graus Celsius, Coimbra com 25 e Évora com 26,2 graus de temperatura média.

Uma vaga de calor memorável que tão cedo não se repetirá. Nesse mês de brasa, o período mais quente foi de 22 dias , entre 10 e 31, com as médias a variarem no Continente de 20,6 graus no Cabo Carvoeiro a 29 graus em Portalegre. Pelo meio, Lisboa com 23,8 graus, o Porto com 23,8, Vila Real com 26,4, Castelo Branco com 28,8, Évora com 28, Beja com 28,2 e Faro com 25,8 graus Celsius.

Mas se as médias lhes dizem pouco, reparem nos registos das temperaturas máximas. Durante os 22 dias mais quentes de Julho de 1989 o número de dias com temperatura máxima do ar superior a 35 graus foi de 9 em Bragança, 12 em Vila Real, 2 no Porto, 13 em Coimbra, 19 em Castelo Branco, 7 em Lisboa, 17 em Évora, 21 em Beja e 1 grau em Faro.

Foi mesmo um mês de sufoco. Os valores máximos da temperatura do ar observados nesse período foram de 36,6 graus em Bragança, 38,4 em Vila Real , 36,6 no Porto, 39,4 em Coimbra, 40,2 em Castelo Branco, 37,7 em Lisboa, 39,4 em Évora, 40,2 em Beja, 39,1 em Portalegre e 35,1 graus Celsius em Faro.

Curiosamente, no período de 30 anos entre 1951 e 1980, o ano que teve o mês de Julho mais quente foi o de 1969. No entanto, os valores médios da temperatura do ar em 1989 ultrapassaram os de 1969 em cerca de 2 graus nas regiões do interior e 1 grau nas do litoral.



O inferno alentejano

O paradigma de «fornalha» em Portugal é a cidade de Beja. Em Julho e Agosto dos últimos 30 anos a média das temperaturas máximas foi de 32,3 graus Celsius em ambos os meses.

Nesta lista das cidades mais quentes vem, em segundo lugar Castelo Branco, com uma média de 31,5 graus em Julho e 31,6 graus em Agosto, seguida de...Santarém, com 30 graus em Julho e 30,5 graus em Agosto. Depois, vem a cidade de Évora, com 29,8 graus em Julho e 30 graus em Agosto, e, em quinto lugar Portalegre, com 29,7 graus em Julho e 29,8 graus em Agosto.

Cidades «frescas», se é coisa que existe no Verão, só a Guarda e o Porto, que surgem no fim desta tabela com médias de temperaturas máximas da ordem dos 24 graus: em Julho, 24,4 graus para a Guarda e 24,6 graus para o Porto/Serra do Pilar; e em Agosto, 24 graus para a Guarda e 24,9 graus para o Porto.

De resto, e para o conjunto das 15 capitais de distrito que entram nas estatísticas meteorológicas, observa-se que apenas quatro delas são «temperadas», isto é, os valores da temperatura média do ar (soma das máximas e das mínimas a dividir por dois) nunca são inferiores, ao longo do ano, aos 10 graus Celsius: Faro, Lisboa, Setúbal e Coimbra.

Ao contrário do que sucede na Guarda onde, por exemplo, esses valores apresentam uma média mínima de 4 graus no mês de Janeiro e uma média máxima de 18,9 graus no mês de Julho.

Note-se que as médias de Agosto para Faro, Lisboa, Setúbal e Coimbra - neste período de 30 anos - foram, respectivamente, de 23,2 graus, 22,7 graus, 22,4 graus e 21,7 graus Celsius. Como se vê, são cidades de muito menor amplitude térmica (diferença entre as máximas e as mínimas num dado período) do que as restantes capitais de distrito consideradas.

Temperaturas sempre a subir

Continuação da pág. 3

Mann (coeficiente de Kendall) às séries climatológicas dos valores mensais, estacionais e anuais da temperatura média do ar em Portugal Continental».

Um estudo do INMG que mostra uma tendência decrescente dos valores médios anuais das temperaturas no período de 1948/49 a 1977.

No entanto, a partir de 1977/78, dá-se uma inversão dessa tendência, que passa a ser crescente - com um aumento das temperaturas bastante mais nítido no Outono, nos meses de Setembro.

Os anos de seca

Os anos agrícolas (Setembro a Agosto) mais secos destes últimos 50 anos foram os de 1944/45, 1948/49 e 1980/1981. Em relação ao Inverno, o de 1980/81 foi o mais seco, tal como o Outono de 1971 ou o mês de Janeiro de 1981.

Em comparação, o Inverno mais chuvoso foi o de 1978/79, tal como o Outono de 1960, o ano agrícola de 1965/66, os Verões de 1971 e 1988, e o mês de Janeiro de 1970.

Estes exemplos mostram casos notáveis de variabilidade climática. Por exemplo, no caso do Inverno de 1980/81 as quantidades de precipitação atingiram apenas 10 por cento dos valores médios de algumas regiões; no ano agrícola de 1944/45 choveu menos 50 por cento do normal na maior parte do Continente: e no ano agrícola de 1965/66 choveu mais de 150 por cento do que o normal em grande parte do País.

E aqui, o mesmo estudo do INMG mostra (novamente através do teste de tendência de Mann) a existência de uma tendência decrescente, na Primavera e no mês de Março, a partir de 1962/63, na maior parte do Continente, com excepção da região que compreende o Minho, o Douro Litoral e parte da Beira Litoral.

Note-se que esta tendência é mais significativa nas regiões do Sul , onde, nalguns casos, se começa a notar essa mesma tendência nos valores anuais.

Deste estudo sobressai, como se viu, uma grande variabilidade, ou seja, o decréscimo, mais notório na Primavera, dos valores médios anuais da temperatura no período de 1948/49 até 1977. Tal como se constata, a partir de 1978, uma tendência para o aumento dos valores anuais da temperatura média do ar, sendo esse aumento mais nítido no Outono, particularmente no mês de Setembro.

E em relação à quantidade de precipitação, o mesmo estudo revela a existência de uma tendência decrescente na Primavera, a partir de 1962/63, especialmente no mês de Março, com excepção das regiões que abrangem, novamente, o Minho, o Douro Litoral e parte da Beira Litoral. De salientar que, esta tendência, tem projecção estatística ao nível da significância de 5 por cento, nas regiões do Sul, onde ela se começa a notar mesmo nos valores anuais.

Mas por mais que o bom povo português sinta na pele estas variações climáticas, falando já em mudança do clima, os cientistas, tal como Casimiro Mendes, não desarmam: «Estes resultados não significam que estejamos perante uma mudança climática, pois os valores estão ainda dentro dos limites expectáveis, isto é, dentro da variabilidade natural do clima».

João Galamba de Oliveira

POLÍTICA

Rendas de casa e trespasses vão ter nova lei

A nova Lei das Rendas esteve hoje em discussão no Conselho de Ministros. À hora de fecho desta edição a reunião ainda decorria, não sendo possível confirmar se o Governo aprovou o novo diploma.

Simultaneamente, o Executivo prepara-se para alterar o regime de crédito à compra de habitação própria. O objectivo é facilitar o acesso ao crédito, atribuindo maiores bonificações e alargando os seus limites, hoje considerados irrealistas face à evolução do mercado.

A revisão da legislação sobre o arrendamento da habitação aponta para uma maior liberalização, prevendo-se nomeadamente a possibilidade de realização de contratos a prazo com rendas livres não condicionadas e o usufruto de novos benefícios fiscais. Também está prevista a alteração do regime dos trespasses comerciais.

Para legislar nesta matéria o Governo tem que solicitar autorização legislativa à Assembleia da República, pois a Constituição, no seu artigo 65, consagra o direito à habitação como um direito fundamental, chamando a si a legislação nesta àrea.

A ambição do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC), através da sua Secretaria de Estado da Habitação, é conseguir que a oferta de habitações para arrendamento possa aumentar significativamente. Fonte próxima de Ferreira do Amaral confidenciava ao «DL» que o ministro quer que as grandes cidades possam «voltar a ter escritos nas janelas». Nesta altura, o Governo calcula que, só em Lisboa, existam cerca de 40 mil fogos devolutos.

A actual legislação sobre habitação está muito dispersa e o MOPTC pretende também com o novo diploma integrar toda a matéria legal sobre este assunto. É uma matéria complexa não sendo de estranhar que a sua redefinição possa ainda arrastar-se durante algum tempo. De qualquer modo, a intenção do ministro Ferreira do Amaral é avançar o mais depressa possível com a liberalização do mercado da habitação. Resta saber o que vai dizer o ministro das Finanças, Miguel Beleza, hoje ausente do Conselho de Ministros por se encontrar em Paris.

Conselho Económico e Social

A criação do Conselho Económico e Social (CES) foi também hoje analisada em Conselho de Ministros, soube o «DL» de fonte oficial. O CES vai substituir o Conselho Nacional do Plano, o Conselho Permanente de Concertação Social e o Conselho Nacional de Rendimentos e Preços. A configuração do novo orgânismo, anunciado pelo Governo há já alguns meses, esteve em discussão pública e gerou acesa polémica no campo laboral.

Várias «comissões especializadas permanentes e temporárias» integram o novo Conselho. Como comissões permanentes, o diploma aponta a Comissão de Política Económica e Social, a Comissão de Desenvolvimento Regional e a Comissão de Concertação Social (em que terão assento os actuais membros do Conselho de Concertação Social).

A.J.T.

PS à espera de parabéns

O PS diz estar de parabéns com a concessão do 14º mês aos reformados e pensionistas, ontem anunciada pelo primeiro-ministro, pois há muito que vinha exigindo a sua institucionalização, segundo comunicado ontem divulgado.

Por seu turno, a CGTP/IN afirma que «o Governo responde às nossas reivindicações». Partidos e organizações reagiram prontamente à divulgação da medida. De comum entre todos ressalta o facto de nenhuma das forças discordar da medida, contestanto, contudo, a sua paternidade.

O PS lembra que nas recentes Jornadas Parlamentares voltou a insistir na necesidade de também os reformados deverem receber o 14º mês.

PCP e PRD consideram que os aumentos das pensões de reforma são «manobras eleitoralistas». Os renovadores lamentam, contudo, que o Governo mantenha a sua «insensibilidade» à sua proposta de equiparação do valor da pensão mínima ao salário mínimo nacional.

Os comuinistas acentuam, por seu lado, que o referido aumento «espelha claramente um evidente estado de aflição pré-eleitoral», reivindicando também para si a satisfação desta exigência.

A UGT regozija-se com a iniciativa e considera «imperativo» o aumento intercalar das pensões em geral. Paralelamente, reivindica a alteração do seu método de cálculo, que não constitui, «como devia, um rendimento de substituição dos salários dos trabalhadores enquanto activos».

Redacção «DL»/Lusa

Taveira ouvido no Parlamento

O arquitecto Tomás Taveira foi ontem ouvido na Comissão de Inquérito à Saúde sobre as eventuais ligações ilícitas do Ministério da Saúde com entidades privadas.

Está em causa a realização dos projectos de urbanização nos terrenos dos hospitais Julio de Matos e Curry Cabral.

Taveira reafirma a inocência no processo dizendo que «não houve qualquer ilagalidade» e voltou a defender a construção de uma zona residencial para os jovens e a classe média nos 22 hectares do hospital psiquiátrico.

O arquitecto considera ainda que «a eliminação de algumas partes do tecido urbano e a reintrodução de novas funções», vão contribuir «para o fim da especulação imobiliária».

Tomás Taveira disse ainda aos jornalistas que a reunião com os deputados destinou-se apenas a esclarecer questões técnicas relacionadas com a utilidade dos projectos de urbanização.

Fontes da Comissão de Inquérito revelaram que o arquitecto apenas respondeu a perguntas sobre os documentos e os factos a apurar no processo.

Anabela Loureiro

Tomás Taveira todo sorrisos para a imprensa, para fazer esquecer o passado

A pedido do PSD, a Comissão vai receber hoje a engenheira Paula Melo e o arquitecto Bentes, ex- assessores do ex-secretário de Estado da Saúde, Costa Freire. Os dois integravam a comissão que aprovou os projectos para os novos hospitais de Almada e Amadora/Sintra.

Neste processo ainda poderão ser ouvidos a ex-ministra da Saúde, Leonor Beleza, e o próprio Costa Freire.

Redacção «DL»/Lusa

À FALA COM...

José Sócrates, deputado socialista

«Áreas protegidas privadas não serão reservas de caça»

O PS, pela voz do seu deputado José Sócrates, apresentou um projecto de Lei-Quadro das Áreas Protegidas que deverá, em princípio, ser discutido só na próxima sessão legislativa. Sócrates é o responsável pela política de Ambiente no Grupo Parlamentar Socialista e o «DL» chegou à fala com ele sobre os aspectos essenciais do projecto.

Diário de Lisboa - *Porquê só agora o PS tomou esta iniciativa, quando passaram mais de três anos sobre a publicação da Lei de Bases do Ambiente?*

José Sócrates - Nós pensamos que as leis-quadros pertencem à iniciativa do Governo e a das áreas protegidas é um vector essencial da política de conservação da natureza. Mas perdemos a paciência: o Governo, em três anos, não só não legislou os aspectos essenciais da lei de bases, como não legislou sobre as áreas protegidas. Nesse sentido, o PS deliberou tomar a iniciativa na esperança de que isto sirva para acordar o Governo para não marginalizar mais a política de Ambiente.

DL- *Em substância, o que é que o PS pretende ver consagrado nesta lei?*

JS - Nós queremos alterar a gestão e a concepção das áreas protegidas. A maior parte delas foi definida sem critério, sem um estudo sério dos recursos naturais e paisagísticos e obedecendo a diversas pressões. Outras estão ultrapassadas, no quadro da estratégia mais geral de conservação da natureza. O que nós pretendemos é dar-lhes viabilidade social, inseri-las nos modos de vida e nas culturas locais e descentralizar as competências para a sua gestão.

DL - *Porque é que «não faz sentido», como disse ao apresentar o projecto, que «a Administração Central tenha competência de gestão, desde o Parque Nacional da Peneda-Gerês, até ao sítio classificado dos Açúdes da Barca e da Agolada»?*

JS - Não faz sentido porque, uma coisa é gerir uma área protegida com recursos de interesse nacional, outra coisa é gerir uma pequena área de interesse naturalmente local. A descentralização é uma aposta programática do PS, com a devolução de competências às autarquias e às Regiões.

DL - *O projecto admite a gestão privada das áreas protegidas. Isso significa que a conservação da natureza passa a ser um negócio, não apenas do turismo?*

JS - Em muitos casos, é possível que a gestão privada seja viável e nós não temos nada contra a utilização da natureza como negócio. Até já se conhecem casos de grupos de pessoas que compram eles próprios essas áreas. A lei abre-lhes a oportunidade de participarem na política nacional de conservação da natureza, gerindo eles próprios algumas áreas protegidas. Mas, atenção: uma área protegida de gestão privada não será, com certeza, uma reserva de caça. Nada disso.

DL - *As associações de ecologistas não serão as entidades naturalmente mais vocacionadas para essa gestão?*

JS - Já temos o exemplo da Quercus, que anda a comprar terrenos na zona do Tejo internacional e poderá candidatar-se à gestão dessa área, o que acho muito bem. Mas não excluo a possibilidade de isso servir como negócio, desde que se salvaguarde o interesse público da conservação da natureza.

D.R.

POLÍTICA

Alteração da lei eleitoral votada para a semana

A proposta de alteração à Lei Eleitoral do Governo vai ser apreciada em plenário no próximo dia 7. A decisão foi tomada, ontem em Conferência de Líderes.

À saída António Guterres, Narana Coissoró e Hermínio Martinho congratulavam-se por terem uma das poucas oportunidades para poder chumbar uma proposta do Governo PSD. Os líderes parlamentares falaram sobre o delicado tema da amnistia dos presos das FP-25 de Abril, na sequência do que fora discutido na Comissão dos Direitos Liberdades e Garantias.

Os deputados deixaram ao presidente da Assembleia da República a tarefa de reflectir sobre essa questão para posteriormente avançarem para uma tentativa de consenso. Segundo fontes parlamentares, «a morosidade do processo afasta à partida a hipótese da amnistia ser aplicada no dia 10 de Junho, como chegou a ser divulgado pela Imprensa. Os líderes parlamentares marcaram para o próximo dia 5 a cerimónia de posse do deputado do PSD, Mário Raposo, actual presidente da Comissão de Direitos Liberdades e Garantias, no novo cargo de Provedor de Justiça.

Freitas do Amaral defende sistema maioritário

Freitas do Amaral negou ontem que, na campanha presidencial de 1986, tivesse criticado «severamente», o sistema de representação proporcional. «Na verdade critiquei-o, mas contrapus a proposta de adopção de um sistema maioritário em duas voltas, de tipo francês, respeitador do pluralismo partidário e que não conduziria ao aniquilamento do CDS nem do PCP. Era uma proposta de boa fé, o que não acontece com a actual proposta do Governo», disse.

Reafirmando a defesa de tal sistema, Freitas do Amaral sublinhou o facto de não poder propô-lo, pelo facto de não ser permitido pela Constituição. Daí ter considerado que «a melhor solução, ou pelo menos a menos má, é deixar o sistema como está», concluiu.

«O PSD, com menos votos, teria mais deputados, enquanto que o CDS, com mais votos, ficaria com menos deputados» - foi assim que o presidente do CDS resumiu ao «DL» as consequências da proposta de alteração à lei eleitoral do Governo, caso a oposição não a rejeitasse em bloco.

Freitas do Amaral considerou esta iniciativa de Cavaco Silva «um atentado ao princípio da proporcionalidade», garantindo que «não passará no Parlamento». Deu uma ideia do «contrasenso» da proposta de alteração da lei eleitoral em relação aos pequenos partidos, nomeadamente ao CDS. Se, por exemplo, com a lei em vigor, tivesse onze deputados, com a proposta que no próximo dia 7 será apresentada à Asembleia da República, limitar-se-ia a um.

«Esta lei apresentada pelo Governo do PSD agrava a desproporcionalidade, é injusta, é parcial, atenta contra os princípios constitucionais em vigor», declarou também o líder centrista.

A iniciativa visa atingir «objectivos inconfessados», segundo Freitas do Amaral, designadamente «impedir a recuperação eleitoral do CDS, dificultar o acesso do PS ao Governo (na medida em que unificaria partidariamente a direita e manteria a divisão da esquerda) e permitir ao PSD manter-se no Governo, mesmo baixando consideravelmente a sua votação». Nesse quadro, «se esta lei fosse aprovada, o CDS, com uma votação nacional de 10 por cento obteria menos de metade dos deputados do PCP», concluiu.

Redacção «DL»

Anabela Loureiro

Freitas do Amaral acusa Governo de má fé

BREVES

PSD comemora 16 anos no Porto

O Partido Social Democrata comemora hoje o seu 16º aniversário na região do Porto. Ontem, a Comissão Política daquele partido debateu a actualização das linhas programáticas, tendo convocado para o dia 9 de Junho, em Coimbra, um Conselho Nacional onde aquela matéria deverá ser aprofundada.

Municípios pacifistas encontram-se em Junho

O IV encontro de municípios livres de armas nucleares, ligados ao movimento ZLAN, Zonas Livres da Armas Nucleares, que se realiza nos dias 1 e 2 de Junho, na Covilhã vai debater o «Desarmamento e segurança e o contributo de Portugal no mundo».

Quadros angolanos criam «Inango»

«Inango» é a designação pela qual ficará conhecido dentro em breve o instituto que os quadros angolanos radicados no estrangeiro vão criar já a partir de Julho. Sediada em Lisboa, aquela instituição tem como propósito «promover o desenvolvimento de Angola depois de estabelecida a paz no país».

Regiões autónomas discutidas no Parlamento

Hoje na Assembleia da República discute-se o Estatuto Político-Administrativo definitivo da Madeira e revê-se, pela segunda vez, o Estatuto da Região Autónoma dos Açores. Os dois documentos não serão já aprovados em plenário por acordo entre os partidos, que decidiram que ambas baixassem à comissão.

Congresso do PS/Açores no fim-de-semana

Os socialistas açorianos estão convencidos que a vitória nas próximas eleições regionais de 1992 dificilmente lhes escapará. O principal objectivo do seu congresso no próximo fim-de-semana é por isso «preparar o caminho para uma nova maioria nos Açores».

«Poder Local»: ano 13

A questão do planeamento e ordenamento do território constitui o tema central da edição de Maio da revista «Poder Local», que comemora o seu 13º aniversário. Em extenso dossier, a publicação liderada pelo dirigente comunista Luis Sá debate as implicações da nova legislação relativa a Planos Regionais de Ordenamento do Território, sobretudo o decreto-lei de 2 de Março deste ano. Escrevem autarcas, arquitectos e urbanistas.

Reclusos querem amnistia para todos

Em carta enviada à Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias a Pró-Associação Nacional de Reclusos apoia a decisão de amnistiar os arguidos do Caso FUP/FP-25, reclamando simultaneamente a extensão da medida aos presos não implicados naquele processo.

Municípios reclamam aumento do Fundo de Equilíbrio Financeiro

Um «aumento significativo» do valor do Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF) a inscrever pelo Governo no Orçamento de Estado de 1991 foi ontem reclamado pelo presidente da Associação Nacional de Municípios, em conferência de Imprensa realizada no Porto.

A reivindicação de Mário de Almeida, caracterizada com «imperativo nacional», funda-se na necessidade de aproximar aos níveis médios comunitários as transferências financeiras da Administração Central para a Local, cujo instrumento é, por excelência, o FEF. Refira-se que, no nosso país, as autarquias recebem apenas cerca de cinco por cento do Orçamento do Estado, menos de um terço da média da CEE.

No encontro com a Imprensa, a Associação de Municípios desmistificou o quadro «dourado» por alguns responsáveis governamentais em relação à capacidade financeira das autarquias para fazer face às exigências do desenvolvimento. A situação é considerada «preocupante».

A prática recente de transferência de novos encargos para os municípios está a comprometer, segundo os responsáveis da ANMP, a sua capacidade de investimento. Estão neste caso o pagamento das despesas de IRS dos funcionários e as comparticipações para a Segurança Social.

Ao mesmo tempo, registam-se atrasos na cobrança de receitas, como é o caso do imposto sobre veículos automóveis e da contribuição autárquica.

CEE desaproveitada

No que concerne ao Fundo de Equilíbrio Financeiro, a Associação denunciou uma vez mais o facto de se basear em valores estimados do IVA, que posteriormente se verifica estarem subavaliados. Aliás, outra das reivindicações da ANMP diz respeito à necessidade de serem feitos adiantamentos de dois duodécimos do FEF de 90, para fazer face ao aperto financeiro que o crescimento da taxa de inflação tende a agravar.

Os representantes das autarquias consideram, por outro lado, que as dificuldades financeiras com que se debatem «estão a impossibilitar o máximo aproveitamento das verbas provenientes da CEE». Chamam aliás a atenção para o facto de a linha de crédito recentemente criada contar para os limites de endividamento das câmaras, «contrariamente ao inicialmente apontado».

Uma das saídas para esta situação, no entender de Mário de Almeida, é o recurso a adiantamentos de parte do pagamento das comparticipações, em obras iniciadas no âmbito do chamado Quadro Comunitário de Apoio.

Redacção «DL»

André Martins sai da bancada dos Verdes

Valente Fernandes, um médico de Setúbal, estreia-se amanhã como deputado, na bancada parlamentar dos Verdes, em substituição de André Martins. Esta substituição não foi nada pacífica e resulta da guerra de influências, que tem agitado o partido ecologista nos últimos meses, entre os defensores da autonomia partidária e os que entendem não gozarem os Verdes de margem de manobra suficiente para se distanciar do Partido Comunista, seu parceiro de coligação nas últimas eleições legislativas.

A reunião da Comissão Executiva, no domingo passado, apurou um novo equilibrio de forças tendencialmente favorável à tese autonomista, com o consequente sacrifício de André Martins: ele era o terceiro da lista de Setúbal e só entrara no Parlamento porque o número dois, o médico Valente Fernandes, requerera a suspensão do mandato, quando se tratou de substituir Maria Santos. A suspensão foi, entretanto, levantada e André Martins automáticamente substituido como parceiro de Herculano Pombo na Assembleia da República.

A participação de Herculano Pombo na Comissão Executiva foi decisiva para esta mudança e o conhecido deputado admite mesmo rever a decisão de abandonar o Parlamento, se as suas condições políticas forem satisfeitas. Essas condições, já há tempos transmitidas aos orgãos dirigentes, passam pela inversão da maioria provisória que ultimamente se formara no partido. Na Comissão Executiva essa maioria já foi conseguida e aguarda-se uma nova reunião do Conselho Nacional para avaliar as tendências dominantes, nomeadamente, quanto à apresentação de um candidato próprio às eleições presidenciais, tal como defendem Herculano Pombo e Maria Santos.

Daniel Reis

POLÍTICA

Aeroporto de Macau não vai em faxes

A Companhia do Aeroporto de Macau (CAM) não vai em faxes. Esta a conclusão que se pode retirar do rigoroso programa e caderno de encargos que a empresa apresentou a quatro consórcios convidados para o concurso de construção da pista e acessos do aeroporto.

Em causa estão 20 milhões e 35 mil contos — o custo estimado das obras da pista e acessos no plano director do aeroporto, forçado, na sua totalidade, em 64 milhões e 75 mil contos, a preços de 1989.

Quatro consórcios têm as suas propostas em análise desde ontem, prevendo-se que só sexta-feira termine a abertura dos *dossiers:* um grupo encabeçado pela companhia brasileira Oderbrecht e integrando a firma de Hong Kong, Leighton Asia, além da Soares da Costa, lidera a lista de concorrentes.

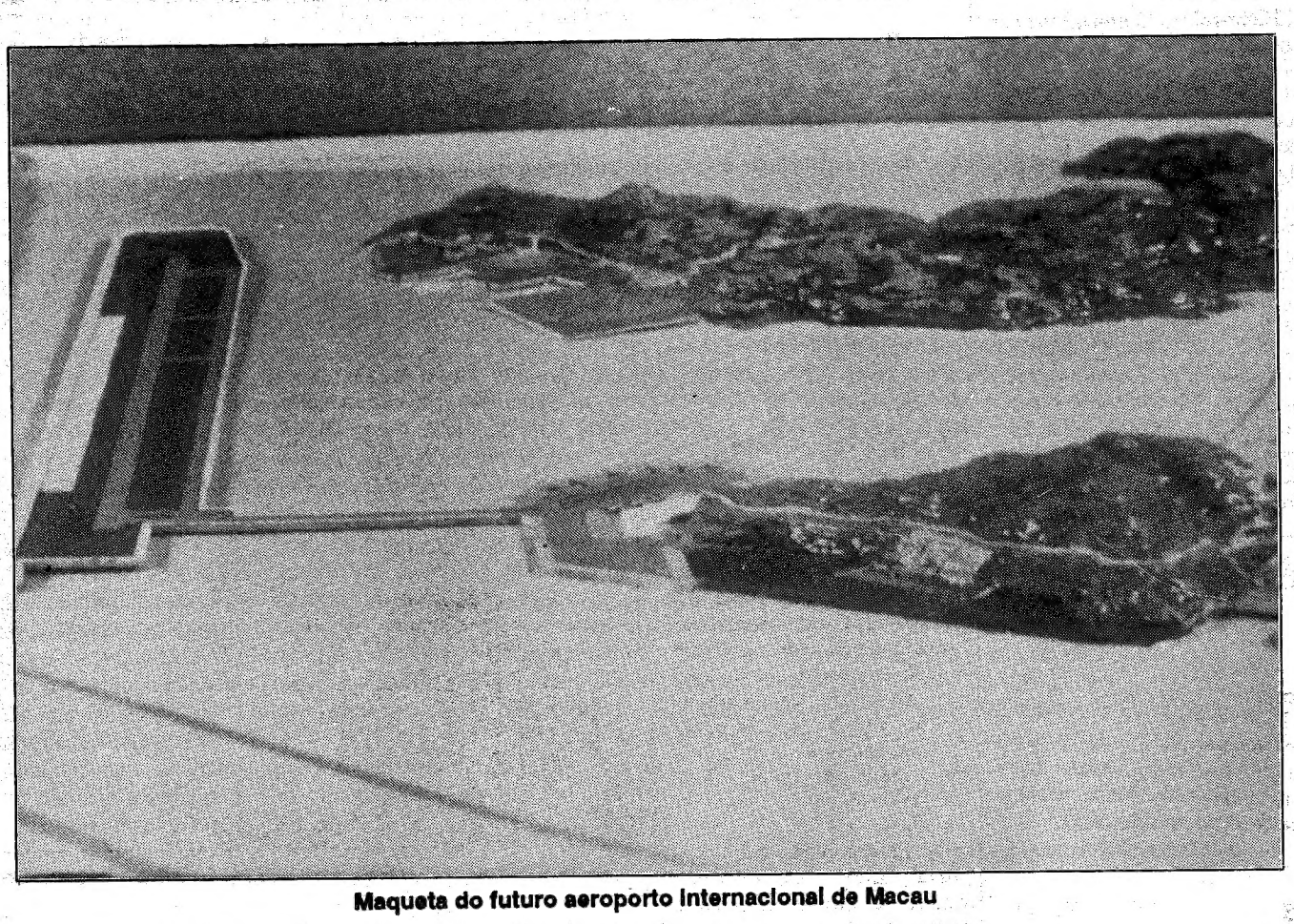
Seguem-se a «Ballast», da Holanda, mas subsidiaria da British Aerospace, associada aos italianos da «Condotte d'Acqua» e às Construções Técnicas, e como terceiro concorrente aparece o grupo formado pela Gammon, de Hong Kong, e a Societa Anonima de Electrification, da Itália.

A lista de concorrentes conta ainda com o consórcio de firmas francesas Dumez, Societé Auxiliare d'Entreprises e Campenon Bernard.

A CAM enviou previamente aos quatro consórcios um rigoroso programa e caderno de encargos do concurso no qual se lê uma especificação que o presidente da companhia, Santos Ferreira, sintetizou assim para o «DL»: «De forma a evitar confusões a CAM deixou bem explícito que todas as despesas com a apresentação das propostas, fossem elas quais fossem, seriam da exclusiva conta e responsabilidade dos concorrentes não dando lugar a qualquer indemnização ou reembolso.»

De facto, o inquérito — ainda em curso e rumo desconhecidos acabou por ser o subproduto de um fax excêntrico em que uma firma alemã-federal alegadamente exigia de Carlos Melancia o reembolso, com juros, de dinheiros pagos ao próprio governador por via de um indefenido concurso em torno do Aeroporto de Macau.

Apurou-se até hoje, enquanto Melancia aguarda resultados do processo judicial que moveu aos seus acusadores, que a firma alemã diz nada ter a ver com o caso, que o fatal intermediário português do escândalo se contradiz, que os alegados factos e pagamentos só poderiam ter ocorrido em meados de 1988-1989, respeitando a actividade do Gabinete do Aeroporto de Macau, um departamento administrativo, que, aliás, nega qualquer conhecimento do assunto e pouco mais de concreto se vislumbra.



Maqueta do futuro aeroporto internacional de Macau

O Procurador-Geral da República terá já admitido, em acordo de cavalheiros, que a CAM tinha razão ao solicitar imediatamente a rectificação dos termos do inquérito anunciado em Fevereiro.

Afinal, a empresa privada — em que o território de Macau participa em 33,3 por cento do capital — detentora da concessão da construção e exploração do aeroporto, só foi constituída em Janeiro de 1989 e nada teve a ver com as eventuais actividades da firma alemã-federal, a Weidieplan, que participou no concurso para a consultadoria do Gabinete do Aeroporto Internacional de Macau.

Fax amareleceu

O fax de destinatário e remetente equívocos amareleceu, o inquérito instaurado pelo Procurador-Geral e o processo judicial movido por Carlos Melancia estão hoje a aguardar definição e, para «nos salvarmos de confusões e por rigor», diz o presidente da CAM, não se brinca com concursos.

A empresa rodeou-se de artilharia pesada para a adjudicação das obras da pista e seus acessos no aeroporto da ilha de Taipé e definiu, desde logo, que a Comissão de Avaliação das propostas a concurso teria de ter uma componente de auditoria financeira.

A Ernst and Young — 68 mil empregados para 600 escritórios em mais de uma centena de países — um «peso pesado do sector», vai, assim, determinar o preço corrigido de cada proposta de acordo com o programa e caderno de encargos do concurso.

As regras são simples, mas pouco praticadas: o preço global apresentado pelo concorrente será decomposto em listas de preços unitários, enquanto a análise do plano de pagamento levará em conta o montante e a data de realização do *downpayment* assim como o escalonamento dos pagamentos.

A Comissão escolhera a proposta-base de melhor preço corrigido e concordante com as especificações técnicas do projecto, cuja análise de engenharia está a cargo da firma portuguesa Grid.

Admitindo à partida um prazo de 40 meses para a obra igual para todos os concorrentes, a adjudicação será assim entregue ao consórcio que apresentar melhor preço de proposta-base, surgindo, então, outra especificidade de peso.

Só depois de ter escolhido pela sua proposta-base o consórcio vencedor a Comissão abrirá e estudará qualquer proposta-alternativa que este, e apenas este grupo, tenha preparado.

Pormenor, também: o preço das propostas-alternativas do consórcio vencedor terá de ser obrigatoriamente inferior ao da proposta-base com que ganhou a adjudicação; a Ernst and Young — auditora da Mobil, da BP Oil, da Apple Computers, e da Coca Cola — procederá à análise da proposta-alternativa.

A CAM reservou-se ainda o dircito de reter proposta de financiamento apresentada pelo consórcio vencedor, optando pelo pagamento de uma percentagem até 1 por cento do financiamento, apenas no caso em que considere ser do seu interesse tal hipótese.

No princípio de Julho será anunciado o resultado do concurso através de um único relatório preparado pela Comissão de Avaliação.

A articulação e a fundamentação jurídica do relatório da Comissão e o trabalho de acompanhamento legal do processo fica, entretanto, a cargo da última rede de segurança criada pela CAM para a maior adjudicação de sempre de um empreendimento em Macau.

Dos dois advogados que integram a Comissão um dá pelo nome de Carlos Assumpção e é o presidente da Assembleia Legislativa de Macau, o outro chama-se Rui Afonso e foi nomeado, pelo governador, deputado à mesma Assembleia.

C.G.B.

FORUM

Liberdade e consumo (Conclusão)

O TOTALITARISMO DOURADO

Há quem proclame a vocação dos portugueses para a «dita-dura». Hoje, travestida de solução tecnológica unívo-ca, mundo fantástico e deslumbrante, a *ditadura* infantilizou-se pelo modelo americano que tem como bitola o número anual de visitantes à Disneylândia; desleixo cultural estupendamente sofisticado e caro, no qual os «descobrimentos» passam à categoria de prémio literário ou de concurso televisivo.

A queda dos regimes comunistas parece influir ainda mais nesta planetarização do capitalismo e do consumo como único quadro teórico. A Liberdade para escolher camisas ou frigoríficos não é Liberdade, mas submissão, avisava Havel aos seus concidadãos, ávidos de experimentarem o eldorado do comércio de bugigangas. O fatalismo e o isolacionismo casaram bem durante a ditadura salazarista: o primeiro era inerente à metade árabe da alma portuguesa; o segundo foi um compasso de espera imposto pelo adiar da História. A questão do 25 de Abril não é a da sua «razão histórica», mais que comprovada; a questão é a de sabermos que a Liberdade que tanto custou tem de aguentar hoje um esforço suplementar. A exigência actual implica sabermos estar numa entidade internacional cujo modelo é a sociedade de consumo, sem nos descaracterizarmos, sem perdermos a nossa essência, a nossa liberdade.

A rarefacção do sentido da História, drama civilizacional do Ocidente tecnológico, vírus que as sociedades de Leste parece terem dominado, implica a sobrevalozização do imediato, da notícia factual, transferindo o potencial utópico para um eterno-presente que se esgota no ápice da sua ficção mecanicista.

Quando se propagandeia o «fim das ideologias», o que se está a dizer é que o capitalismo é um sistema universal de «virtudes assépticas», um sistema sem política, cuja racionalidade é a tecnologia e o dinheiro, assente no dogma integrador do conformismo. Se não há «ideologia», o pensamento torna-se supérfluo; para quê lutar contra um sistema fora do qual é o vácuo ou o caos primitivo? A mensagem de submissão é claríssima. É um novo tipo de totalitarismo dourado.

Por outro lado, as fórmulas depressivas do Estado-sanguessuga, a inércia mental do sujeito passivo, a intuição de que não há luta possível ou de que a fuga para o individualismo é a única saída, funcionam com o mesmo apelo de facto consumado que as ditaduras políticas e militaristas empregaram.

No tempo da ditadura salazarista, a grande mentira era detectável no plano ideológico para quem tivesse um mínimo de formação. Hoje, a massa dos cidadãos está dividida entre a necessidade de se pensar como elemento de uma sociedade de potencial económico e político avassaladores, e a urgência de definição de um espaço individualizado. Este drama pode transpor-se para o plano nacional.

A nossa tendência civilizadora nos seus contornos multirraciais foi sempre um pouco «bárbara», preferindo o sertão aos suaves luxos das cortes europeias. Domesticamente, a contrapartida dessa fuga para o exótico era o secular pé-de-meia dos sem política. O Estado Novo aproveitava-se de ambas as manias, inofensivas, para conciliar a política dos «eleitos» (situacionistas) com a «cinzenta e vil tristeza» (a plebe).

Os «eleitos» de hoje prescindem de quadro histórico que, aliás, desconhecem, ignoram ou desprezam a herança cultural, funcionam como classe «iluminada» (pelo esplendor do dinheiro). Neste quadro em que o «Estado-interminável» tem um papel opaco, mas não inocente, a Liberdade mudou de figura e de roupagem. Hoje, a questão não é económica, mas essencialmente de sobrevivência: a Liberdade passa por saber detectar as pequenas e grandes mentiras de uma máquina que tem milhões de servidores. A Liberdade passa pela denúncia de um sistema que se virou contra o homem e contra a Natureza. Depois de Portugal ter sabido demonstrar que era possível rejeitar as grandes mentiras da ditadura que falava em nome do povo e agia em nome próprio, é preciso ensinar a detectar as causas do grande mal que afecta o planeta. A contradição reside no facto de querermos a riqueza e de não podermos querer o que ela projecta de suicídio da Humanidade. A ameaça global sobrepôs-se a todo e qualquer supercódigo de consumo, de bem-estar ou de desperdício. Tal como a tartaruga que vai devagar, mas chega à meta, a Natureza ultrapassou a História e assimilou a grande questão mundial da Liberdade a uma única - a da sobrevivência. O filme estava a ser passado depressa de mais. Título: «O Nome do Cravo». Vamos recomeçar?

Iva Delgado

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

O JOGO E A SOCIEDADE

Só a força do jogo é capaz de mobilizar sociedades inteiras. É por isso que uma final da Taça dos Campeões continua ainda hoje a esvaziar as ruas das grandes cidades, sobrepondo-se a todos os imperativos, inclusive aos mais elementares imperativos da sobrevivência. É que, a propósito dos pretextos nacionalistas que ocasionalmente desperta, o jogo acorda ressonâncias arcaicas que se situam na fronteira entre a natureza e a cultura e que possuem uma racionalidade própria que escapa às tradicionais formas puramente utilitárias de racionalidade.

A nossa primeira experiência do mundo foi uma experiência lúdica e é ao jogo que voltamos constantemente quando a força das instituições se torna demasiado pesada e até insuportável. Antes mesmo de acedermos à consciência clara e distinta do mundo, dos objectos, das pessoas e de nós próprios, já estávamos envolvidos pelo jogo inebriante da variedade dos reflexos, das cores, das luzes, do movimento dos corpos.

A experiência lúdica é a mais originária. É ela que funda a própria experiência do mundo. As próprias normas que regem a sociabilidade são cristalizações de figuras que no jogo têm a sua origem e se repetem sem cessar. Não admira por isso que as regras do jogo sejam de natureza diferente das normas sociais. As normas sociais não só estabelecem princípios gerais a que devem obedecer os comportamentos, como também ditam procedimentos de aplicação desses princípios gerais aos comportamentos particulares. As regras do jogo são antes algoritmos, receitas de comportamentos singulares que visam a elaboração de figuras: delimitam um quadro, um campo de validade a que devemos ater-nos no decurso da partida, sob pena de sairmos do seu âmbito. Não são portanto princípios gerais de comportamento mas delimitações do espaço lúdico.

As regras do jogo não ditam a conformidade dos comportamentos do jogador; limitam-se a definir fronteiras do espaço dos movimentos destinados a formar sempre novas configurações singulares. Apesar de as suas regras se manterem inalteradas, cada jogo é um todo, único, singular e fechado nas suas fronteiras. Por isso a racionalidade das regras do jogo não é uma racionalidade económica mas estética e festiva. Não se trata de economia, de produção e de troca, mas de elaboração de figuras singulares que escapam a qualquer possibilidade de troca. Há uma estilística e uma retórica lúdicas, não uma economia. É por isso que o jogo acompanha sempre a irrupção de um estádio desorganizador das normas habituais, é um espaço e um tempo de excepção, podendo até levar à irrupção de modalidades inquietantes de violência, como aconteceu por exemplo, em Bruxelas, no Heyzel Park. O hooliganismo é, no mundo actual, um dos fenómenos mais evidentes destes processos de desestruturação que acompanham o lúdico. À sua maneira, estes fenómenos demonstram claramente que os processos mais arcaicos em que a sociabilidade se funda, neste intervalo entre o estado caótico pré-social e o mundo organizado da norma não pertencem a uma época desaparecida; permanecem disponíveis, sempre prestes a eclodir. É no jogo que se encontram reunidas as condições destinadas ao seu retorno e à sua reactualização ritual. A organização social está aparentemente fundada na racionalidade económica, na produção de valores que podem trocar-se entre si, em função de uma lei geral, de que o preço é simultaneamente a medida de objectivação e o instrumento técnico da sua satisfação. Na racionalidade lúdica, pelo contrário, trata-se da elaboração de configurações singulares que resultam do retorno de uma dívida ilimitada, nunca totalmente satisfeita. Desta dívida ilimitada permanecem figuras esquecidas, enterradas na memória, que o jogo, na sua dimensão festiva, tende a fazer retornar.

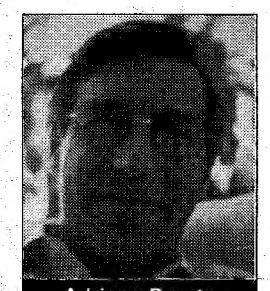
Não existe, no entanto, uma oposição radical entre o mundo do valor de troca e o jogo. O campo económico não anula nem prescinde da estratégia lúdica, tal como o jogo não escapa à lei do valor económico. É por isso que os clubes também são empresas sujeitas à lei da procura e da oferta, e que nos jogos actuais se comprometem quantidades consideráveis de dinheiro, tal como as empresas também dependem de estratégias lúdicas actualmente desenvolvidas pela publicidade e pelas relações públicas.

Não admira, por conseguinte, que consideremos o jogo como a defesa das cores do nosso clube, da nossa comunidade ou do nosso país. No jogo, trata-se de reencontrar este acto fundador da identidade que se perdeu na memória de todos nós, de que apenas apercebemos os reflexos na maneira como a língua materna comum nos diferencia. O jogador é, por isso, portador da nossa memória colectiva. No estádio, ele encarna e cristaliza, em cada jogada, um «saber-fazer» comum. À sua maneira, exerce uma função vicária, substitutiva, faz as nossas vezes, dá um espectáculo, representa uma sabedoria colectiva, feita de astúcias de de artimanhas. Os gregos davam a esta sabedoria o nome de *metis*. Também era este o nome da esposa de Zeus e mãe de Atena. Para não sucumbir às suas ciladas, «temendo que viesse a conceber um filho varão que rivalizasse com ele, Zeus, aconselhado por Prometeu, mata-a, engole-a e aloja-a assim, nas suas entranhas». O modo de racionalidade da sabedoria lúdica é, por conseguinte, prometeica, como nos recorda Homero, no Canto XXIII da *Ilíada*, a propósito da célebre corrida de cavalos que opôs Antíloco, filho de Nestor, ao rei Menelas. É uma sabedoria da previsão, de antecipação das oportunidades a aproveitar quando a ocasião se oferecer.

O jogador está assim votado a uma situação ambivalente. É um herói demiúrgico, carrega sobre os seus ombros o nosso destino colectivo. Mas, por outro lado, está destinado a ser imolado em satisfação da dívida sobre que está organizado o espaço comum. É por isso que, em rigor de termos, não é o jogador que joga; é o jogo que o faz entrar na lógica estratégica dos movimentos que realizam os lances. O jogador entra no jogo e, por isso, é por ele jogado.

A relação entre a lógica económica e a racionalidade lúdica é de procedência e de fundação da segunda em relação à primeira. É a lógica do jogo que precede e que fundamenta a racionalidade económica.

Não há uma ordem nem um estado natural do valor e da organização social. O valor e a norma são cristalizações de formas geradas pelo retorno e pela repetição, mais ou menos frequente, de figuras esquecidas.



Adriano Duarte Rodrigues

FORUM

público e privado

EIS OS «AMIGOS»...

Mesmo entre nós, está proliferando o hábito de caracterizar as pessoas como «vencedores» e «perdedores». Os primeiros, para os elogiarmos e nos aproximarmos deles; os segundos, para os evitar. «Não te metas com aquele tipo, é um falhado», diz o homem de negócios. «Não te cases com ele, é um falhado», aconselha a jovem à sua irmã. Falhado torna-se sinónimo de falido, de incapaz, e, portanto, a evitar como um leproso.

Os conceitos de vencedor e perdedor pertencem à ideologia americana do sucesso, que acarinha os que se lançam sem temor na competição da vida: os optimistas que teimam em realizar os seus sonhos e nunca se dão por vencidos. Estes, diz a ideologia, são uns vencedores. «Sonha-o - afirma um famoso *slogan* - e consegui-lo-ás». O vencedor, nesta concepção, é aquele que quer vencer, que sabe acreditar na sua vitória. E o perdedor, o que se rende, o que renuncia à luta.

Transferida para Itália, e despojada de toda a carga de optimismo, a expressão «vencedor» reduziu-se ao significado de admiração servil por quem, num determinado momento, se encontra na crista da onda, por aquele a quem a vida corre sem problemas; e «perdedor» significa o desprezo, igualmente vil, por quem caiu, por quem se encontra em dificuldades.

Uma filosofia que ensina a estar sempre do lado de quem vence e a dar coices à vítima.

Existem, na vida social, como que marés de grandes vagas que erguem uma pessoa e a transportam até ao alto. Quanto mais ela sobe, mais os outros lhe atribuem qualidades extraordinárias. Lembrem-se, por exemplo, da adoração que rodeava, há alguns anos, Pippo Baudo: milhões de pessoas seguiram, comovidas, o seu matrimónio; os literatos orgulhavam-se de receber um prémio das suas mãos. Depois, o declínio: era um falhado e começaram, então, as críticas e os insultos.

Mas isto não é nada em relação ao que aconteceu na primeira metade do nosso século, dominada por três grandes figuras de «vencedores»: Mussolini, Hitler e Estaline. Mussolini não era um grande homem; era um medíocre com ideias confusas. No entanto, as pessoas adoravam-no; quando falava, as mulheres tinham orgasmos e os homens choravam, comovidos. Hitler era um paranóico com momentos de completo delírio, mas a culta Alemanha segui-o cegamente. Estaline, um camponês sanguinário, foi olhado durante séculos, por povos inteiros, como um redentor.

Em contrapartida, houve numerosos génios que foram uns «falhados» durante a sua vida. Desde Jesus Cristo e Sócrates, condenados à morte, a Dante, que viveu quase sempre no exílio, e a Galileu, que foi aprisionado já velho e doente.

A todos os que criam, aos que querem construir algo de novo, deparam-se obstáculos incomensuráveis. Porque não são compreendidos, porque suscitam a inveja dos seus semelhantes e o medo dos poderosos, dos que se encontram comodamente instalados na sua fama. Todos estes os hostilizam, obrigando-os a uma luta constante. E logo que alcançam uma vitória, outro inimigo lhes aparece, outra dificuldade se manifesta. A vida é, para eles, um alternar contínuo de vitórias e derrotas.

E, sempre que estão no cimo, imediatamente surgem todos aqueles que bajulam o vencedores a elogiá-los, a oferecerem-lhes amizade, a vangloriarem-se de lhes terem dito, eles, que as coisas iriam correr bem. Mas quando chegam os momentos de dor, da derrota, quando é preciso cerrar os dentes, desaparecem, não mais se mostram, e acusam, denigrem.

Filosifia bem miserável, esta que divide os homens entre vencedores e vencidos sem se olhar às virtudes, aos fins que se propuseram e à coragem que demonstraram. Uma filosofia de pessoas que não entendem o valor moral da vida, antes caminham às cegas, ora para um lado, ora para o outro, a zurrar elogios ou rancores.

Francesco Alberoni

Exclusivo «Corriere della Sera»/«DL»

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

O CRIADO PRETO DE LE PEN

«A sociedade de consumo, que está a terminar, é a do dinheiro. A sociedade de comunicação, que chega, é a do talento. Atenção, perigo! O dinheiro controla-se, o talento, não.»

Fora com estas reflexões de Jacques Seguela que o responsável do programa televisivo «*Hora da Verdade*» (nada a ver com o português), François Henri de Virieu, batia à porta de Le Pen para preparar uma entrevista. Quem veio abrir? José, o criado preto de Le Pen [1].

Le Pen, o líder da extrema-direita e da xenofobia, é um caso de talento mediático. Provoca sentimentos fortes, seduz e agride, com total ausência de subtileza ou rigor. Aposta na incerteza e nos receios dos franceses face à emigração e à alteração profunda da composição social de França. Depois do debate na Assembleia Nacional, os dirigentes partidários reúnem-se para debater a questão mais importante da França: como absorver os emigrantes. Le Pen aposta, tranquilamente na exclusão... à excepção do seu criado preto, claro! Integração com controlo, parece ser o consenso. Mesmo os socialistas tiveram de recuar na proposta de voto para os emigrantes, perante uma opinião pública dividida.

Multiplicam-se os incidentes de origem racista em França. É a jovem mulçumana que pretende assistir às altas com o tchador, símbolo religioso; é a violação do cemitério judeu... Vale a pena o talento incentivador de Le Pen? E como tem respondido a isto a televisão francesa? Com talento.

Sem objectividade, quando foi preciso, isto é, na condenação total da violação do cemitério de Carpentras, boicotando mesmo uma conferência de Imprensa de Le Pen; com seriedade e rigor divulgando escolas onde coexistem 25 nacionalidades ou localidades com mais de 40 nacionalidades. Optou pelo critério do equilíbrio. Quer a televisão pública quer a privada sabem que não se brinca com um barril de pólvora.

Por essa Europa fora, informação e ficção juntam-se neste debate de êxodo permanente para a Europa. Recentemente, a televisão britânica e alemã emitiram um filme de ficção «*One World Drama: March on Europa*». É a história de um campo de refugiados, ao sul do Sudão, que ameaçados pela fome, iniciam uma longa marcha para a Europa.

A Europa estremece perante mais esta ameaça bíblica, as organizações europeias reúnem-se em permanência, divididas na solução para esta «invasão», enquanto prossegue a caminhada pacífica rumo a Gibraltar. O líder deste povo do deserto, Isa El-Mahdi, é aconselhado a utilizar a Comunicação Social, o que faz com enorme eficiência. Frente a Gibraltar há um momento de hesitação, mas perante a ameaça da força ou da fome, este povo do deserto pouco tem a perder. Metem-se nas embarcações e navegam para uma aristocrática zona balnear (talvez Marbela). As forças da ordem, com capacetes com as estrelas comunitárias enquadram-nos. O filme termina com esta dúvida. O que aconteceu a seguir? Exactamente o que se passa na realidade. Ninguém sabe.

Fernanda Mestrinho

Em Portugal, este problema passa à margem do debate nacional, num país de exemplar acolhimento, mas indiferença ou vergonha do seu estatuto de «*exportador*» humano. A televisão, essa, continua a ser cronometrada e «*abocanhada*» com sobressaltos momentâneos. Passou mesmo pela vergonha de ter sido uma das últimas da Europa a denunciar o trabalho infantil. Com isso poucos se importaram...

Voltemos ao talento de Le Pen. Só lhe falta ter razão. Para este homem, preto serve para criado e não para se lhe reconhecer cidadania. Talvez por isso, o mesmo jornalista faz questão de nunca encontrar Le Pen em público, porque «*o seu discurso de exclusão e ódio fere-me*». Há pouco mais de duas semanas, Le Pen voltou ao seu programa de televisão, já depois de ter lido o livro em que o jornalista diz isso mesmo. É a força de bom profissional de informação e de um programa indispensável para qualquer político.

Entre nós, vigora uma certa promiscuidade moral e debilidade profissional. Alguns políticos pensam mesmo que podem tratar um jornalista como Le Pen faz com José...

(1) «La mediocratie»

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Álvaro Vasconcelos:

(...) Além das zonas de interesse estratégico que se sobrepunham às portuguesas, caso em que os protestos portugueses fizeram com que não fossem avante as pretensões espanholas, a Espanha negoceia directamente com o Comandante Supremo Aliado no Atlântico que é evidentemente um almirante americano, uma zona normal de operações em que assume privilégios especiais na zona Estreito-Canárias. Isto, sem que o ponto de vista português fosse sequer ouvido, quanto mais tido em consideração, e sem que tivesse havido um real envolvimento do comandante-em-chefe do Iberlant, no âmbito da NATO. As reacções portuguesas de protesto, cujo êxito é duvidoso, à criação de uma situação de partilha de facto do Iberlant têm plena razão de ser. No entanto, tratou-se de uma «reacção» a uma iniciativa de outrem. O facto de Portugal não ter definido de uma forma clara se é ou não favorável a uma integração das forças aeronavais espanholas no Iberlant ou se é ou não favorável a uma divisão do Iberlant facilitou naturalmente esta situação. A questão importante é definir agora a atitude a assumir em relação ao pro-blema. (...)

30.Maio.90

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) Uma forma e um lugar onde todos falem com todos, e que permita a coexistência das vozes do Estado isolados com as das instituições a que apenas alguns pertencem, não é dispensável.

Foi por isso que ressuscitou a importância da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), a que reuniu em Helsínquia em 1975. O seu acto final forneceu tópicos essenciais para o discurso eficaz ocidental durante estes anos, especialmente os dos Direitos do Homem e livre circulação das pessoas, e um elemento agora lembrado e ressuscitado pelo Governo soviético, que é o compromisso sobre a estabilidade das fronteiras europeias.

Mas, nesta data, esta organização fluida, sem mecanismos permanentes nem aparelho burocrático, é a única, das existentes, que responde à necessidade do diálogo plural e globalizante. E que justamente, pela ausência de rigidez, prestará o serviço de impedir que as instituições europeias existentes não resistam à tentação de assumir a necessidade de se apropriar de funções e responsabilidade para as quais não foram vocacionadas nem construídas. (...)

30.Maio.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo de José Preto

Há dois anos, os tribunais de menores ordenaram 167 internamentos. Há três anos, 207. A maioria dos garotos estava na faixa etária dos 14/16 anos e foi internada por «indisciplina».

Do que esta rubrica signifique não é senão possível suspeitar... Sabe-se que não é «libertinagem», nem «droga», nem «vadiagem»; não é furto, nem «outros crimes», porque para tudo isto há rubricas próprias nas estatísticas dos serviços asilares. Retêm-se pois por mera indisciplina — de cujo conteúdo se exclui tudo o que tem relevância jurídica — justifica, na odiosa organização tutelar, a privação da liberdade do menor, em processo secreto, sem intervenção de advogado na defesa.

Estes números e estas rubricas chegariam para nos envergonhar. Infelizmente há mais.

Este processo secreto, sem defesa, inacessível ao olhar dos pais e do menor, compromete as famílias, «classificadas», na intolerável estatística asilar, quanto à «Moral» (é o que diz a epígrafe) as distinguindo-se as «idóneas», «sastisfatórias» e as «incapazes». Esta classificação, por si só, parece susceptível de relevância jurídico-penal. Noutros termos, é provavelmente um crime. (...)

30.Maio.90

INTERNACIONAL

COMENTÁRIO

Para a frente é que é o caminho

Momentos após ter pisado solo norte-americano, o Presidente Gorbachev deu uma ideia da importância da actual cimeira das superpotências, ao afirmar que das conversações, que a partir de hoje mantém com o seu homólogo George Bush, depende «em muito o futuro do mundo».

Os dois Presidentes parece não terem grandes divergências no tocante ao desarmamento, sendo dado como certa a assinatura de acordos de redução nas armas nucleares e químicas. As dificuldades, no entanto existem, e elas referem-se ao futuro da Alemanha unificada (e as suas consequências para a segurança europeia) e à questão global da democratização da URSS, com particular incidência nas aspirações independentistas do Báltico.

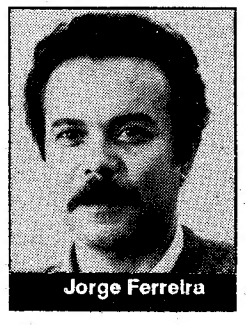
Sobre a questão alemã, Gorbachev ainda mantém-se, embora com ligeira inflexão, na sua posição inicial: «não à Alemanha unida na NATO». A este propósito, disse em Otava que a insistência ocidental nesta matéria soava «como um disco riscado». Contudo, não deixou de apelar para uma alternativa aceitável para ambas as partes. É de referir que, a semana passada, o Presidente soviético havia alvitrado para a futura Alemanha um estatuto idêntico ao da França na NATO, ou seja, sem participação militar.

Já em Washington, o líder do Kremlin, voltou a insistir, relativamente ao problema báltico, numa solução no quadro da Constituição soviética, mas, consciente da importância que os Estados Unidos atribuem à questão, pediu tempo para encontrar uma saída.

Apesar de tudo, Mikhail Gorbachev chegou aos Estados Unidos portador de um optimismo que se reflecte nas primeiras palavras que ali proferiu: «Eu vim para avançar e não para recuar».

Como sempre, a chegada de Gorby aos *States* provocou uma grande efervescência, tanto a nível governamental, como popular: muitas centenas de pessoas acotovelaram-se junto da embaixada da URSS em Washington para saudar e se possível «apertar a mão» ao pai das mudanças na Europa de Leste. No entanto, Gorbachev, cuja imagem foi muito afectada pelas dificuldades que internamente enfrenta, esteve longe de suscitar o entusiasmo da sua primeira visita.

Um ponto a reter ainda é que, o Presidente da URSS (que no Canadá pediu a integração da economia soviético no contexto económico internacional) não pretende a ajuda do Ocidente, mas «uma cooperação na base de benefícios mútuos». O renascimento económico da URSS, nesta perspectiva, é tarefa que compete aos próprios soviétivos.



Jorge Ferreira

Cimeira Bush-Gorbachev começou hoje

Desarmamento e Alemanha na lista das prioridades

De Washington, especial para o «DL»

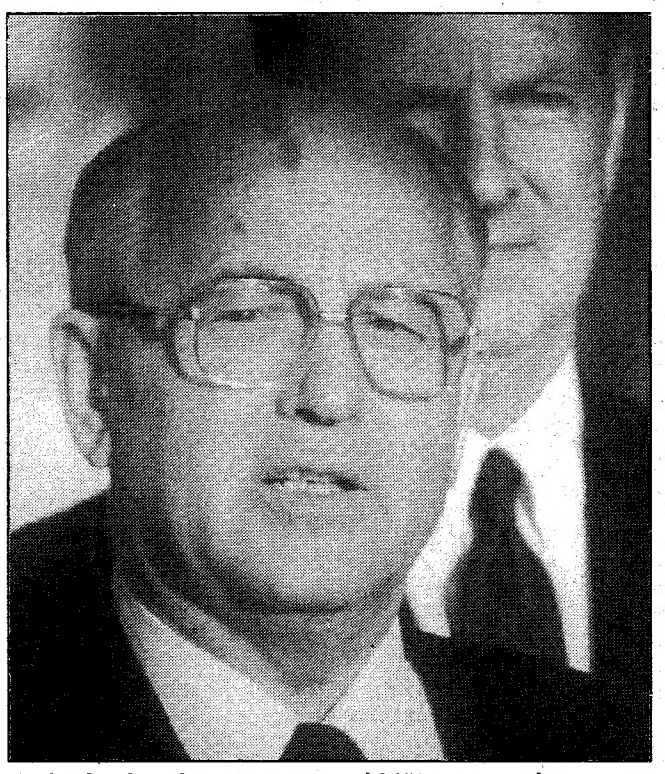
Washington esteve toda engalanada para a chegada, ao fim da tarde de ontem, eram 17.50 locais, do primeiro Presidente da União Soviética, eleito em Março passado, para aquilo que tem sido designado aqui como a Cimeira da Primavera de 1990 com o Presidente norte-americano.

Mesmo o tempo, que tinha estado até agora húmido e carregado, assinalou este histórico evento com um maravilhoso dia quente de sol, em drástico contraste com aquele que Mikhail Gorbatchev e George Bush experimentaram em Malta, quando pela primeira vez se encontraram, em Dezembro passado, na sua qualidade de líderes dos dois países.

Não será exagero dizer que entre os habitantes da capital federal o estado de espírito era de expectativa positiva. Até os «disc-jockeys» participaram neste evento, dedicando músicas à Cimeira Bush-Gorbatchev.

E na maioria dos quiosques de jornais, a última edição da revista «Time», com uma entrevista exclusiva com o Presidente soviético, estava exposta com destaque. Nessa entrevista, Gorbatchev manifestava a esperança de que o seu relacionamento com o Presidente Bush permita avançar e não recuar.

À sua chegada à base de Andrews, perto de Washington, onde foi recebido pelo secretário de Estado norte-americano, o Presidente soviético, falando do seu próximo encontro hoje com o Presidente Bush, colocou em primeiro plano, na agenda, a questão da limitação dos armamentos estratégicos, enquanto James Baker nas suas palavras de boas-vindas reiterou as prioridades norte-americanas - a questão da unificação alemã e a democratização e abertura na União Soviética.



Gorbachev frente a uma multidão que o aclamava à chegada aos EUA

Economia soviética em destaque

Se seguirmos a Imprensa norte-americana para descobrirmos que tópicos estarão em destaque na agenda, nos quatro encontros previstos entre os dois presidentes - dois dos quais estarão fechados à Imprensa, com toda a probabilidade, como aliás todo o dia de discussões informais em Camp David - entre eles figurará o estado actual da economia soviética.

Claro que a economia soviética está em dificuldades, mas seria altamente ingénuo supor que o Presidente Gorbatchev viria a Washington, via Otava, à espera de que um destes países lhe prestasse ajuda para fazer reviver a economia nacional. Isto é uma coisa que tem de ser feita pelo próprio povo soviético.

No entanto, para que ele tenha êxito, são necessárias condições internacionais favoráveis ao cumprimento desta difícil tarefa. Apesar de não serem uma panaceia, acordos comerciais bilaterais seriam úteis para a criação da necessária estrutura para a recuperação da economia.

Não negando isto, um acordo comercial soviético-norte-americano é o que muita gente deseja na União Soviética, e infelizmente é o que o Governo dos Estados Unidos suspendeu, apesar do documento estar completamente pronto. De novo os Estados Unidos recorrem à táctica do «linkage», ligando o acordo a uma nova lei soviética sobre emigração e os acontecimentos na Lituânia. Mas, como declarou ontem aos jornalistas reunidos em Washington para a Cimeira, Andrei Gratchev, vice-chefe do departamento Internacional do CC do PCUS, a ligação será algo pelo qual os Estados Unidos terão de responder.

Outro tópico que receberá muita atenção aqui são as conversações que os dois líderes poderão ter sobre a questão alemã e sobre se a Alemanha unificada deverá ou não fazer parte da NATO.

Claro que é ainda muito cedo para dizer que solução poderá sair do encontro Bush-Gorbatchev, mas não se deve esquecer que nesta questão o presidente Gorbatchev tem que ter em linha de conta a sua opinião pública, tanto quanto o Presidente Bush tem em mente os sentimentos dominantes nos Estados Unidos.

A opinião pública soviética certamente não gostaria de ver uma Alemanha mais forte dentro da NATO, que ainda é considerada pela maioria uma aliança militar que tem como alvo a própria União Soviética.

Enquanto os dois Presidentes discutem estes e outros problemas da sua carregada agenda, a mulher do Presidente soviético, Raisa Gorbatchev, terá um encontro com a primeira dama norte-americana, visitará a Biblioteca do Congresso e uma exposição de antigos manuscritos russos. Depois visitará o museu das crianças e à tarde os Gorbatchev serão recebidos pelos Bush.

Vladimir Simorov

Ieltsin desafia poder central

A União Soviética poderá estar completamente mudada nos próximos meses se Boris Ieltsin, o recém-eleito presidente da sua república mais importante, a Rússia, conseguir cumprir aquilo que ontem divulgou numa conferência de Imprensa. Preconizando o abandono do «dogma de um centro forte», Ieltsin acha que «quanto mais fortes forem as repúblicas, mais forte será o centro» e diz que dentro de cem dias a Rússia vai proclamar a sua soberania em relação ao poder central soviético em todos os domínios menos aqueles que dizem respeito à Defesa e à Segurança.

Dentro do seu projecto de autonomizar as repúblicas, sobretudo na área económica e política, o novo presidente da Rússia disse que vai estabelecer acordos com as repúblicas bálticas, no que é considerado um desafio directo às sanções impostas por Gorbachev à Lituânia.

Ieltsin, no entanto, garantiu que se vai esquecer dos confrontos que tem tido até agora com Gorbachev e vai tentar a via do diálogo, desde que este, frisou, não implique em concessões que prejudiquem a soberania da Rússia.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

BREVES

Solidariedade vence locais

Os Comité Cívicos do Solidariedade conseguiram 41,5 por cento dos lugares em disputa nas eleições locais de domingo, as primeiras inteiramente livres na Polónia em 50 anos, segundo um primeiro balanço nacional não defintivo, ontem divulgado pela Comissão Eleitoral. Os candidatos independentes ficaram com 38 por cento e o Partido Camponês com 6,5. O Partido Social-Democrata (ex-comunista) obteve apenas 0,3 dos lugares e a Confederação para uma Polónia Independente, da direita nacionalista, 0,1.

URSS cumpre retirada da Checoslováquia

A União Soviética está a cumprir rigorosamente o seu plano de retirada de tropas da Checoslováquia, onde se encontram desde 1968 quando foram esmagar a «Primavera de Praga». Foi ontem revelado pelo ministro da Defesa checoslov[illegible] das três fases da retirada, que se iniciou em Fevereiro e vai durar até ao final de 1991, foi cumprida dentro do prazo que tinha 1 de Junho com data limite. Segundo o ministro já abandonaram o país 25.827 soldados soviéticos, cerca de um terço dos 73.500 que ali se encontravam estacionados.

Bundesbank «satisfeito» com união monetária

Afinal o banco central da RFA, o poderoso Bundesbank, não tem nenhuma reserva contra a tratado de união monetária e económica das duas Alemanhas que entra em vigor dentro de pouco mais de um mês. Segundo o seu presidente, Karl-Otto Poehl, que se declarou «muito satisfeito» com o tratado, o Bundesbank esteve sempre a par das negociações de Helmut Kohl e nunca foi posto diante de factos consumados, como se dizia, participando «de forma intensiva desde o início da eleboração do projecto de união monetária». Poehl acha que a tal espiral inflacionária não acontecerá e que os alemães de leste são «demasiado inteligentes» para se lançarem num consumismo desenfreado assim que tiverem marcos da RFA nas algibeiras.

Israel faz quatro mortos e 12 detidos

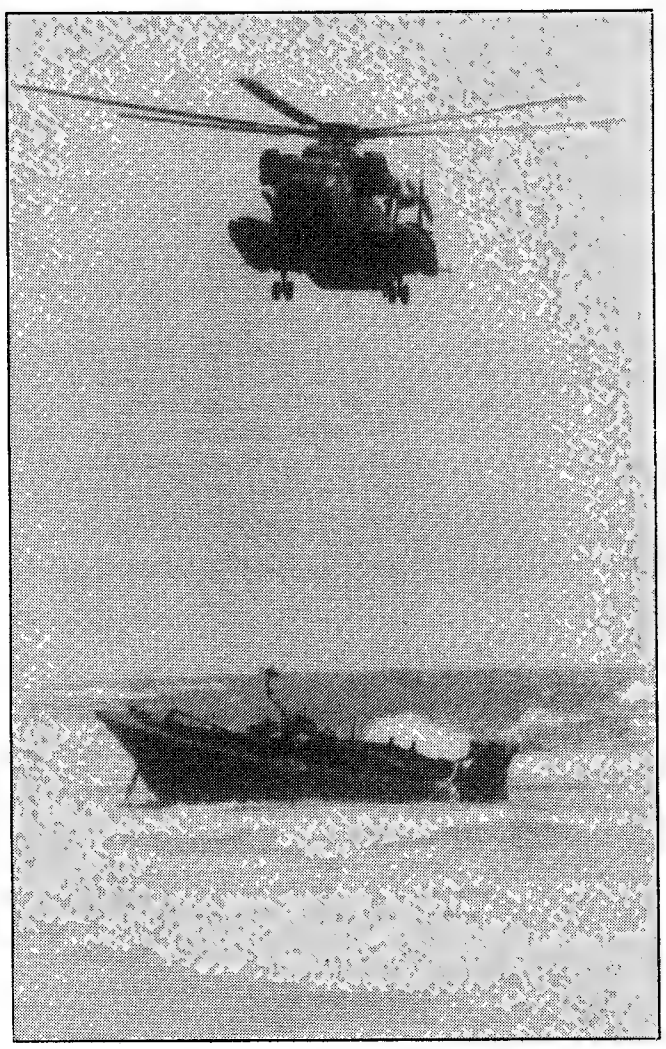
Comandos palestinianos falham infiltração

Quatro membros de um comando palestiniano foram mortos e outros 12 foram detidos pelas forças de segurança israelita, durante uma tentativa de desembarque abortada em vários locais da costa do país.

Segundo o chefe de Estado Maior israelita, os comandos pertencem à Frente de Libertação da Palestina (FPL), de Aboul Abbas, braço armado da OLP, e «tinham por missão cometer um massacre na região de Telavive». O nome de Aboul Abbas, recorde-se, esteve ligado ao desvio do navio italiano «Achille Lauro», em 1985.

Segundo a marinha israelita os comandos foram largados a 120 milhas (220 quilómetros) da costa por um navio acompanhado de seis lanchas ultra-rápidas, em fibra de vidro. As embarcações partiram no início desta semana de Benghazi, na Líbia, com destino ao Egipto. Três das embarcações não poderam prosseguir a viagem por avaria e apenas outras duas conseguiram atingir a costa israelita.

Ainda segundo o Estado Maior israelita, a operação foi lançada ontem de manhã. As duas embarcações foram detectadas ao largo da costa por patrulhas da marinha israelita. Uma delas foi interceptada ao largo da praia de Gash, cerca de 15 quilómetros a Norte de Telavive. O comando que se encontrava na embarcação rendeu-se logo após ter-se encontrado com as forças da marinha. A segunda conseguiu entrar num rio, em Natzanim, uma conhecida praia situada a 30 quilómetros a Sul de Telavive. Num primeiro momento, o comando que seguia na embarcação tentou a fuga tendo sido neutralizada por helicópetros e militares que se encontravam na praia. Os comnados encontravam armados com morteiros de 23 milímetros, lança-granadas-foguete, granadas de mão e armas automáticas.



Um helicóptero da marinha israelita sobrevoa uma das lanchas utilizadas pelo comando palestiniano

A intervenção deste comando palestiniano causou já uma viva reacção em Washington. A porta-voz do Departamento de Estado, Margaret Tutwiler, qualificou a acção de «ataque terrorista». A intervenção dos comandos da FPL vem pôr o Governo americano numa situação ainda mais delicada perante o Congresso, que ultimamente tem levantado a voz no sentido de exigir à Casa Branca explicações sobre alguns contactos existentes entre a Washington e a OLP. Aliás, um dos pontos da proposta de paz para o Médio Oriente da Administração assenta precisamente no reconhecimento da OLP por parte de Israel e no diálogo entre as duas partes.

O Departamento de Estado optou, para já, em afirmar que o Governo de Israel não conseguiu ainda apresentar provas concludentes àcerca de acções da OLP contra alvos civis. Em Israel, o ataque de ontem da FPL vem reforçar a posição do Likud do primeiro-ministro Yitzhak Shamir que se apressou a anunciar que a tentativa de infiltração do comando palestiniano é prova mais que evidente do carácter terrorista da OLP. Tanto mais que, várias informações em Washington e em Israel apontam para que Aboul Abbas tenha transferido a sua base de operações do Iraque para a Tunísia, junto da sede da OLP.

Redacção «DL»/AFP

Pelo menos oito mortos na Roménia

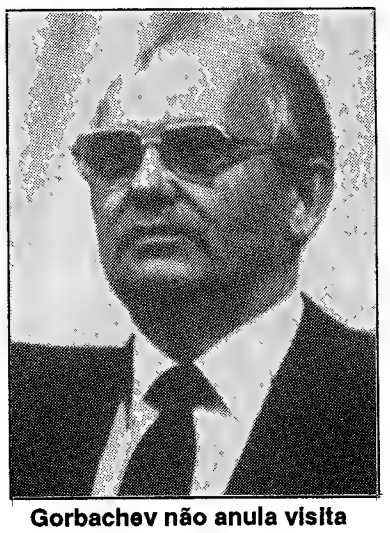
Sismos abalam leste europeu

Um deslocamento para norte da placa tectónica de África, que colidiu com a placa da Euroásia, é a causa, segundo os especialistas do Instituto de Física do Globo, sediado em Estrasburgo, de uma série de 17 abalos sísmicos que afectou quase todos os países do leste e centro da Europa nas últimas 24 horas. O mais grave foi ontem à tarde e teve o epicentro em Vancrea, a 80 quilómetros de Bucareste. Atingiu 7,5 pontos na escala de Richter (graduada até 12). Pelo menos oito mortos e 300 feridos, são os números do último balanço oficial. A terra voltou a tremer esta manhã, de novo com o epicentro em Vancrea, atingindo 5,9 pontos. Não há, por enquanto, notícias de novas vítimas.

O terramoto foi sentido em vários países vizinhos à Roménia, sobretudo na Bulgária, tendo causado pelo menos um morto, e na URSS, onde estimativas não oficiais falam de dez mortos. A Moldávia soviética foi a mais afectada, mas a onda de choque chegou a ser sentida em Moscovo e Kiev.

O presidente soviético, Mikhail Gorbachev, disse, no entanto, que os números conhecidos não justificam a interrupção da visita que está a realizar aos EUA para participar na cimeira de Washington. Em Dezembro de 1988, quando também estava de visita aos EUA, Gorbachev teve que voltar à pressa para o seu país, por causa do terramoto da Arménia que provocou dezenas de milhares de mortos.

Em Bucareste, onde duas pessoas morreram quando foram atingidas por pedras caídas dos edifícios, houve uma onda de pânico entre a população. A polícia aproveitou a confusão para tentar invadir a Praça da Universidade, mas os cerca de cem manifestantes que a continuam a ocupar esta «zona livre do comunismo» conseguiram resistir.



Gorbachev não anula visita

Noutro ponto do globo, no Peru, onde houve um terramoto de 5,8 pontos na escala de Richter na noite de terça-feira, as últimas informações asseguram que um total de 115 pessoas perderam a vida, há pelo menos 42 desaparecidos e milhares de desabrigados.

Redacção «DL»/AFP

Opositores gaboneses vão a Tribunal Militar

Três dirigentes do Partido Gabonês do Progresso (PGP), detidos terca-feira ao abrigo do Estado de emergência, vão ser julgados por um tribunal militar, informaram ontem fontes oficiais à agência Reuter.

O PGP foi considerado o responsável pela tensão que, desde quarta-feira da semana passada, agitou Port-Gentil, o principal centro económico do Gabão. As manifestações sucederam-se momentos depois de se ter conhecimento da morte de Rudolph Rendjambe, o líder daquele partido da oposição. Os manifestantes consideraram que a morte de Rendjambe se tratou de um assassínio político. No entanto, segundo fontes médicas revelaram à Agência France Presse (AFP), os resultados da autópsia efectuada ao corpo do líder do PGP mostram que este morreu de causa natural. Os resultados ainda não foram divulgados oficialmente.

Outra questão cujos contornos ainda não estão totalmente clarificados foi o súbito desaparecimento, terça-feira à tarde, do Presidente da Assembleia Nacional, Augustin Boumah, que chegou ontem a casa, tão inesperadamente quanto à sua partida. Fontes próximas do Presidente da Assembleia Nacional afirmam que Boumah chegou ontem a casa bastante cansado. Os observadores presentes no Gabão não excluíram que o seu desaparecimento temporário se deveu à presença de um veículo militar à frente da sua residência, durante a agitação dos últimos dias. Boumah é da mesma etnia do líder do PGP, Rudolph Rendjambe, ambos myennes. Aliás, uma das razões apontadas para a explicação dos confrontos em Port-Gentil prendem-se com o facto de a população da cidade ser maioritáriamente myenne. Porém, o chefe de Estado Maior General das Forças Armadas do Gabão, Idrisss N' Gari, afirmou que o desaparecimento de Boumah deveu-se a uma decisão pessoal percipitada «depois de um sonho premonitório».

Redacção DL/AFP/Lusa/Reuter

Oposição quer derrubar o regime cabo-verdiano

António Espírito Santo, dirigente do recém-formado movimento cabo-verdiano de oposição, MPD (Movimento para a Democracia), declarou no início da semana na ilha de Santo Antão que o objectivo imediato desse agrupamento político é "derrubar o regime do PAICV".

A Comissão Coordenadora do MPD convocou para o dia 3 de Julho na cidade da Praia a sua primeira «reunião geral de subscritores e simpatizantes» e está a realizar desde segunda-feira as suas primeiras reuniões fora dos centros urbanos.

António Espírito Santo, antigo militante do PAICV conotado, tal como outra das figuras de proa do movimento, Eurico Monteiro, com a facção trotskista expulsa em 1979, já tinha anteriormente preconizado uma espécie de governo provisório para Cabo Verde na fase de transição para o pluripartidarismo.

Mas outros dirigentes do MPD, como o seu coordenador, Carlos Veiga, têm uma visão mais modesta do futuro imediato, fixando como objectivo a obtenção de pelo menos um terço dos votos nas eleições legislativas de 1991.

O "pacote" do Governo

Entretanto, a Assembleia Popular de Cabo Verde, reunida desde o dia 22, aprovou já o grosso do "pacote" legislativo proposto pelo Governo, do qual se destacam a lei sobre os partidos políticos, a lei sobre o direito de manifestação e reunião, alterações à lei da reforma agrária e a lei que autoriza os cabo-verdianos a ter dupla nacionalidade.

A presente sessão da Assembleia Popular foi aberta por uma mensagem à nação do Presidente da República, em que Aristides Pereira anunciou a sua intenção de abandonar a liderança do PAICV no congresso extraordinário de Julho. Com tal gesto, o Chefe de Estado cabo-verdiano dissipou as dúvidas que pairavam sobre a sua recandidatura à Presidência da República.

De imediato, o influente sector urbano da Praia do PAICV, que concentra os quadros dirigentes do aparelho do Estado e é dirigido por um elemento próximo do primeiro-ministro Pedro Pires, aprovou uma moção pedindo a Aristides Pereira que se candidatasse às primeiras eleições presidenciais por sufrágio directo, e a Pedro Pires que se propusesse assumir o cargo de secretário-geral do partido no próximo congresso.

Segundo alguns observadores, as dúvidas sobre as intenções da figura-chave que é Aristides Pereira vinham gerando um visível mal-estar na restrita cúpula do partido, onde elementos como Abílio Duarte, presidente da Assembleia, Olívio Pires, o homem do aparelho do partido, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, se opunham a uma eventual sucessão de Aristides Pereira por Pedro Pires.

Fontes da cidade da Praia dizem que, durante a assembleia geral dos militantes da capital, elementos afectos a Silvino da Luz puseram igualmente em dúvida a "oportunidade" de Pedro Pires vir a assumir a liderança do partido.

Manuel Delgado

Cabo Verde e o problema da sida

A cada um o seu vírus

"Cabo Verde vai organizar em 3 de Junho uma conferência com os países e instituições com que mantém cooperação no despiste e combate à sida, entre os quais a França, a Suécia, a CEE, os Estados Unidos e Portugal. Nessa altura, as autoridades sanitárias cabo-verdianas tencionam abordar com as suas congéneres portuguesas a questão da tentativa de exploração racista da sida em Portugal, muito nociva para uma correcta informação das populações de ambos os países", disse ao «DL» o director-geral da Saúde de Cabo Verde, António Pedro Delgado.

"Portugal e Cabo Verde são dois países com um intenso contacto humano, mas constituem um caso típico em que se pode detectar se esse contacto determina ou não contaminação recíproca pelos dois tipos existentes de vírus da sida",

O director cabo-verdiano, que regressava de Genebra, onde apresentou à Assembleia Mundial de Saúde um relatório sobre a situação sanitária naquele país da África Ocidental, precisou: "Diferentemente de Portugal, dos restantes países europeus ou dos Estados Unidos, onde prevalece a variante HIV_1 do vírus da sida, em Cabo Verde prevalece a variante HIV_2, típica da África saeliana. Se um cabo-verdiano, um guineense ou um senegalês contaminarem um europeu ou um americano, o mais certo é que deixem a 'marca'. O contrário também é válido em Cabo Verde, embora a localização geográfica do contágio seja menos relevante que a história individual da pessoa afectada".

O mesmo mortal efeito

O HIV_2 foi detectado pela primeira vez em 1986 no Instituto Claude Bernard em Paris, precisamente num cabo-verdiano. Pouco depois, foi também identificado num guineense, e veio a provar-se ser a variante que predominava nos países africanos da faixa sudano-saeliana, como o Senegal, a Gâmbia ou o Mali.

"Embora, pelo menos no estado actual das investigações e do ponto de vista da prevenção e das consequências individuais e de saúde pública , a destrinça entre o vírus HIV_1 e HIV_2 seja irrelevante, o trabalho efectuado no meu país permitiu desde logo afastar alguns equívocos que prejudicaram a fase inicial de prevenção e combate à sida: o HIV_2 transmite-se por contacto sexual, seja homo ou heterossexual, ou pela via sanguínea e, pelo menos no seu caso, não faz sentido a noção de "grupo de risco", tão espalhada.

Todos estamos em risco, se em vez de um trabalho de educação e prevenção sério se deixar agir a ignorância e o preconceito", disse Delgado, que dirige pessoalmente o grupo cabo-verdiano de prevenção e combate à sida.

Mas precisou que talvez fizesse sentido considerar grupo de risco, tanto do ponto de vista individual como da saúde pública, as pessoas que se dedicam à prostituição. Em Cabo Verde como em Portugal, lembrou contudo, as autoridades estão de mãos atadas pela legislação que "extinguiu" por decreto a prostituição, sendo extremamente difícil repor leis que permitem, por exemplo ao Senegal, um controlo médico obrigatório das prostitutas.

Delgado disse-nos que em Cabo Verde a taxa de prevalência da homossexualidade é ínfima e a droga ainda se fica maioritariamente pela liamba.

Se concorda que no caso de drogas de administração endovenosa o risco de contaminação aumenta de uma forma real, Delgado afirmou que não está provado que haja mais risco de contágio numa relação homossexual do que numa relação homem-mulher, se forem ambas promíscuas. "Em Cabo Verde pelo menos, damos mais atenção à promiscuidade sexual do que a qualquer outro factor. Até agora não conseguimos detectar qualquer factor de maior risco", declarou. Por isso, a vertente mais marcante da educação sanitária em relação à sida naquele país é pôr os adultos perante os riscos de relações sexuais com parceiros ocasionais. "Essa opção por parceiros ocasionais é uma opção individual, respeitável como qualquer outra. Mas quem a toma deve estar consciente dos seus riscos e saber preveni-los", disse.

Risco endógeno

Nem mesmo a emigração se tem revelado um factor de risco assinalável. Apesar de Cabo Verde ser um país de intenso contacto humano com as suas comunidades no exterior, nomeadamente em Portugal e nos Estados Unidos (o país do mundo mais infectado pela sida), os despistes sistemáticos efectuados desde 1986 só permitiram até agora detectar 7 casos de seropositividade por HIV_1, contra 165 casos de seropositividade endógena (HIV_2). Desde 1983, os serviços de saúde cabo-verdianos declararam 33 doentes com sida, entre os quais se registaram 15 óbitos.

"Não faz sentido, portanto, disse o director-geral da Saúde de Cabo Verde, e não está nos horizontes das autoridades sanitárias do meu país qualquer medida restritiva nas fronteiras". Instado a comentar a atitude dos Estados Unidos, que negaram recentemente visto a seropositivos que tencionavam participar numa conferência mundial sobre a sida na Califórnia, Delgado declarou: "Também não faz sentido. Pode ter a ver com tudo, menos com a prevenção da sida. Como não faria sentido uma retaliação aos Estados Unidos na mesma moeda. Uma atitude errada não se combate com outra".

Perfeita autonomia

O facto de ter sido detectada em Cabo Verde uma variante nova da sida chamou sobre o país as atenções da comunidade científica internacional e as autoridades sanitárias tiraram partido desse interesse.

Com financiamento da França, Cabo Verde equipou dois laboratórios e formou pessoal que lhe permitem hoje perfeita autonomia no despiste do "vírus do século". Graças às ligações diárias por avião entre as ilhas, foi possível concentrar a colheita de sangue nos dois hospitais centrais e aí proceder ao exame prévio dos dadores. Por outro lado, os serviços de saúde procedem à distribuição grátis de preservativos, a partir dum financiamento da instituição sueca Radda Barnen.

Numa população de 350.000 habitantes, os serviços cabo-verdianos de prevenção da sida procederam, em 1989, a um controlo aleatório de 5790 voluntários entre os 15 e 55 anos, sendo neste momento a taxa de prevalência da seropositividade projectada para os 0,46%. A população sexualmente activa é estimada em cerca de metade da população global.

Nos serviços de protecção materno-infantil, são, por outro lado, mensalmente submetidas ao teste ELISA as primeiras 100 grávidas que a eles se apresentem e voluntariamente os queiram fazer. Um cuidado especial é também prestado, segundo o director-geral, aos portadores de outras doenças sexualmente transmissíveis e aos tuberculosos.

"Desde o princípio, o espectro da sida fez-nos pesar as desvantagens e vantagens de sermos um país pequeno. Se um pequeno país de jovens como somos - os jovens ultrapassam metade da população - podia estar mortalmente ameaçado por uma epidemia como a sida, hoje somos capazes de fazer um controlo da doença a um nível que outros países com mais meios não conseguem atingir. Isso porque as autoridades sempre tiveram uma atitude aberta e, em vez de tentarem esconder a sida, tomaram as medidas que deveriam tomar e pediram a tempo ajuda a quem deviam pedir. Em primeiro lugar, à Organização Mundial de Saúde (OMS)", disse Delgado.

Durante a conferência internacional de Julho, Cabo Verde vai transmitir aos seus parceiros a experiência acumulada na prevenção da forma específica de sida que é o HIV_2 e tentar que o ajudem a reforçar os meios de despiste que já possui.

Progressão geométrica

Segundo os últimos dados da OMS, o número de casos de sida declarados em todo o mundo era de 215.144 em Fevereiro de 1990, embora os peritos desse organismo das Nações Unidas pensem que o número real possa ascender aos 600.000.

Mais grave que os números globais é a sua natureza até agora fatal e a progressão geométrica da contaminação: nos últimos quatro anos, segundo a OMS, o número de casos declarados multiplicou-se por 18!

Os Estados Unidos continuam a comandar a nível mundial o pelotão dos países mais afectados, com mais de metade dos casos declarados (117.781 doentes) e cerca de um quinto dos estimados pela OMS. Na Europa, o país mais infectado é a França (8025 doentes), logo seguido da Itália (5307 casos), da Alemanha Federal (4306), e da Espanha (3965). Em África, os países que até agora declararam mais de mil casos (quando nos referimos a casos, referimo-nos a doentes e não a seropositivos) são o Burundi, o Congo, a Costa do Marfim, o Ghana, o Quénia, o Malawi, o Uganda, a Tanzânia, o Ruanda, a Zâmbia, o Zaire e o Zimbabwe. Contudo, a OMS estima que, desde 1987, cerca de 300.000 novos casos de sida se teriam manifestado na África subsariana. O que significa metade da projecção da existência actual, a nível mundial.

A "ameaça" da diferença

"É evidente que a atitude de alguns países de tentarem esconder a sida é profundamente irracional e nociva para a sua prevenção e contenção", comentou Delgado. Mas acrescentou que nalguns países africanos a situação dos refugiados e deslocados pela guerra e pelas calamidades naturais deve ser levada em conta quando se julga uma avaliação eventualmente deficiente. Apontou como caso típico Moçambique. Frisou porém que algumas projecções catastrofistas iniciais tiveram que ser revistas em baixa, apesar da progressão da sida continuar a ser alarmante.

"As autoridades e os próprios cientistas não estão imunes à normal reacção humana ante uma ameaça de contornos mal definidos: negá-la ou atribui-la ao outro, àquele que é diferente de mim". Esse foi, segundo Delgado, o primeiro obstáculo a um trabalho correcto de informação e educação, tão importante para debelar a epidemia como as pesquisas de laboratório. Por outro lado, frisou, o facto de a sida surgir ligada ao sexo, tão revestido de tabús na civilização judaico-cristã, complicou ainda mais as coisas. Em África, onde as relações sexuais não comportam tal carga, a questão poderia ter sido mais fácil, não fosse talvez a atitude das elites ocidentalizadas.

"Creio que a carga racial que se tentou inicialmente imprimir à sida contribuiu para que certos responsáveis sanitários e políticos africanos a tentassem negar ou minimizar.

É o irracional a gerar o irracional, a intoxicação pela desinformação a gerar a sonegação de informações, e daí, se tal atitude não mudar, a África poder vir a ser de facto um dos mais importantes focos de sida. Contudo, a experiência diz-me que se pode falar às pessoas muito mais abertamente de sexo, e portanto de sida, em África, mesmo num país maioritariamente católico como Cabo Verde, do que em Portugal."

"A sida - continuou Delgado - não traz em si nenhum elemento discriminatório. Só que, ante uma grande ameaça, reforçamos os mecanismos de rejeição daquilo ou daqueles que já rejeitávamos. A tentação de explorar a sida em favor do racismo e da xenofobia é grande, mas pode virar-se contra a comunidade que o fizer. Quem se convencer que a sida só acontece aos outros está mais sujeito ao contágio".

Manuel Delgado

Laboratório de despistagem da sida, vendo-se ao centro o aparelho LP-10, detector do vírus Hiv

QUOTIDIANO

A investigação ao acidente de Cruz da Pedra culpabiliza o maquinista da composição que embateu.
No entanto, o sindicato sustenta que este cumpriu as normas

Maquinistas reagem a inquérito preliminar

O Sindicato Nacional dos Maquinistas reagiu ao resultado do inquérito preliminar sobre o choque de comboios no apeadeiro de Cruz da Pedra, ocorrido segunda-feira. Em comunicado, a estrutura considera que as afirmações do ministro dos Transportes e do Conselho de Gerência da CP «distorcem» a verdade dos factos: «São uma tentativa de fugirem às suas responsabilidades, influenciando a Comissão de Inquérito».

Os factos e depoimentos recolhidos pela Comissão de Inquérito permitiram concluir que Adérito Lopes, maquinista do comboio que embateu, «não teve a devida atenção à indicação do sinal 52D, que apresentava a indicação amarela», o que implicaria iniciar a frenagem a montante do sinal, de modo a ultrapassá-lo a velocidade de 45 quilómetros/hora». O maquinista só começou a frenar «a juzante» do mesmo sinal, que foi ultrapassado a uma velocidade superior à aconselhada (80 Km/h), acrescenta o comunicado.

Os investigadores consideram que perante a iminência de choque «seria normal a utilização da torneira de emergência», que não foi usada: «O manípulo da coluna de freio encontrava-se, após o acidente, na posição de emergência, não tendo sido porém accionada a torneira de emergência».

Tanto o sistema de sinalização como o de freio funcionaram perfeitamente e o material da composição que embateu tinha sido submetido a todas as operações de manutenção na semana anterior, refere o texto do inquérito.

A Comissão de Inquérito salienta ainda que o sinal 46D (vermemlho) tem uma distância de avistamento de 300 metros e o sinal 52 D (amarelo) de cerca de 600 metros.

O Sindicato dos Maquinistas contraria as conclusões afirmando, no comunicado distribuído ao fim da noite de ontem, que Adérito Lopes «actuou correcta e decididamente no accionamento da frenagem do comboio ao seu dispor e em respeito absoluto pelas indicações apresentadas pelos respectivos sinais».

Sindicato culpa a CP

Segundo o documento da estrutura sindical, o maquinista actuou também «em conformidade estrita com as normas técnicas e regulamentares em vigor».

Ao considerar que as normas de segurança mínima «não são permanentemente proporcionadas pela empresa», o sindicato aponta como causas do acidente a «sobrelotação do comboio (três vezes superior à normal), deficiências frequentes no sistema de freio e o desgaste do material, com 35 anos de serviço».

No comunicado, a estrutura dos maquinistas acusa a CP de estar «presentemente a reduzir a potência de frenagem» dos comboios. A «alteração nas indicações da sinalização com o objectivo de aumentar o fluxo da circulação, em manifesto prejuízo da segurança, e o perfil da linha desfavorável face à superlotação do comboio» são ainda razões indicadas pelo sindicato como causas do acidente.

O texto refere ainda que «os maquinistas não aceitam ser 'bode-expiatório' das irresponsabilidades provocadas pelos gestores da empresa e respectiva tutela»: «A existir falha, é do Conselho de Gerência da CP e do ministro dos Transportes, porque não dotaram a empresa dos meios necessários à sua actualização tecnológica».

O comunicado conclui afirmando que «o Sindicato dos Maquinistas encara a possibilidade de tomar medidas restritivas na circulação de comboios, para salvaguardar as mínimas condições de segurança e a alteração da actual situação de degradação em que a CP se encontra e cujas vítimas principais são os maquinistas».

Também o organismo do sector de transportes de Lisboa do PCP e os presidentes das juntas de freguesia de Agualva-Cacém, Queluz e Rio de Mouro responsabilizam o Conselho de Gerência e o Governo pelo acidente. Os autarcas e população utente da linha de Sintra reclamam daquelas entidades «medidas imediatas que respondam eficazmente ao máximo de segurança para esta via ferroviária», lê-se no seu comunicado.

Entretanto, um outro acidente, no ramal da Lousã (Coimbra) e de que resultou um mortou, exaltou a população, que interrompeu a circulação ferroviária durante oito horas.

A ocorrência vitimou um motociclista, colhido numa passagem de nível sem guarda por uma composição.

Avenida da Liberdade

Seis projectistas candidatam-se a rever o Plano Urbanístico

O Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade deverá ser revisto por adjudicação de um projecto «mediante um ajuste directo precedido de consulta a seis projectistas aprovados pela edilidade lisboeta». Esta proposta de Jorge Sampaio, ontem aprovada por unanimidade, na Câmara Municipal de Lisboa, resultou de um estudo elaborado pelo Gabinete de Planeamento Estratégico que neste âmbito recomendava a adjudicação daquela tarefa ao arquitecto Pedro Vieira de Almeida.

Recorde-se que o documento, subscrito pelo presidente da autarquia da capital, tem como objectivos de intervenção, o incentivo à qualidade do terciário a instalar naquela área, a requalificação do espaço público, o incentivo à instalação de equipamentos hoteleiros, a revitalização da ocupação residencial e a sistematização da circulação automóvel.

Com as novas regras ditadas a partir de agora para a Avenida da Liberdade, os investidores passam, a ter que refrear os ímpetos da construção.

Além da aprovação desta proposta que Sampaio considera «indispensável», a sessão de ontem ficou marcada pela apresentação de uma moção dos vereadores social-democratas em que estes se congratulavam com a medida governamental de pagar o 14º mês aos pensionistas.

A Câmara aprovou «por unanimidade» a referida moção, não sem antes os socialistas terem acrescentado ao texto que a medida de Cavaco Silva «veio corresponder a uma aspiração dos pensionistas repetidamente reivindicada pelo movimento sindical».

L.A.B.

Documentos antigos em leilão Uma folha de papel selado do primeiro ano da sua emissão (1661) e várias acções do século passado são algumas das cerca de mil peças, distribuídas por 637 lotes, que vão ser leiloadas amanhã, num hotel de Lisboa. O leilão, promovido pela Associação Portuguesa de Coleccionadores de Papeis de Valores, apresenta centenas de documentos financeiros e compreende acções, letras de câmbio, cheques antigos, papel selado, recibos, lotarias e apólices, notas e cédulas camarárias e particulares.

BREVES

Festas da Cidade começam amanhã

A festa inicia-se já amanhã. Lisboa engalanou-se e está pronta para receber, com todas as honras, os santos populares, anunciou esta manhã o vereador Vitor Costa. Este ano, apesar do corte orçamental de 30 mil contos, a cidade desmultiplica-se e, como por «aparente magia», trezentos e cinco iniciativas culturais, cento e dez desportivas e muitas inovações, para além das tradicionais marchas, vão animar os alfacinhas. A Avenida da Liberdade e a Praça da Alegria vão tornar-se dois pólos de animação permanente e o Campo Pequeno transforma-se numa discoteca gigante para ser palco, durante dois dias, do concurso dos melhores *disco-jockeys* do país. Música ao vivo, gastronomia, moda, de tudo um pouco vai viver Lisboa, neste mês de festas populares.

Fundação Gulbenkian contribui para residências de estudantes

A Fundação Gulbenkian, que já contribuiu com mais de um milhão de contos para a construção de residências de estudantes do ensino superior, assinou um protocolo com o Instituto Politécnico de Viana do Castelo para subsidiar, com 50 mil contos, as obras de adaptação de um edifício para residência de estudantes. Idêntico protocolo vai ser assinado com o Instituto Politécnico de Setúbal para atribuição de um subsídio de 40 mil contos, para o mesmo efeito.

Portaria estabelece preços no Serviço Nacional de Saúde

Uma portaria hoje publicada no «Diário da República» aprova as tabelas de preços a praticar pelo Serviço Nacional de Saúde. As diárias nos hospitais centrais, gerais e especializados custam 15.700 escudos e nos distritais 12.200. Nos sanatórios, 4.100 escudos, enquanto nos centros de saúde, 7.600 e nos hospitais psiquiátricos, 4.400 escudos. Em unidades de cuidados intensivos, as diárias ascendem a 45 mil escudos, e em hospital de dia elas são, respectivamente, de 3.000 e 10.150 escudos para psiquiatria e outros. As consultas variam entre 1.200 e 2.400 escudos nos hospitais, sendo nos sanatórios e centros de saúde de 850 a 1.200 escudos.

Calçada do Combro reabriu ao trânsito

A Calçada do Combro, em Lisboa, reabriu esta manhã ao trânsito rodoviário, após a conclusão da obras de demolição de um prédio em ruínas, que abatera parcialmente. O restabelecimento dos «eléctricos» está também previsto mas aguarda a conclusão, pela Carris, da recolocação do sistema eléctrico.

Prazo para declaração de IRS adiado oito dias

A secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais resolveu prolongar, por mais oito dias, o prazo de entrega do modelo 2 do imposto sobre os rendimentos singulares, (IRS), que terminava hoje. Esta tolerância, segundo o secretário de Estado Oliveira e Costa, «mais do que uma prorrogação do prazo» é uma compensação para os atrasos registados no envio aos contribuintes da carta relativa à contribuição autárquica.

A partir de amanhã

«DL» nas bancas a 70$00

A partir de amanhã, dia 1 de Junho, o «Diário de Lisboa» passará a custar 70$00, seguindo, desta forma, o preço estabelecido pelos restantes jornais da tarde. A decisão de aumentar os jornais diários de expansão nacional foi tomada, em assembleia geral, pela Associação da Imprensa Diária, que fixou o preço dos diários em 75$00. O «DL» aceitou a decisão que, de acordo com a deliberação da assembleia geral, é de cumprimento obrigatório.

No entanto, «A Capital», apesar de ter participado na votação, decidiu, há dois dias, que não cumpriria a decisão tomada, fixando o seu preço de capa em 70$00. Tal medida levou o «Diário Popular» - que ainda não é membro da AID - a tomar medida idêntica. O «DL» - que sempre seguiu as votações realizadas na AID - decidiu, neste contexto, igualar o seu preço ao dos outros vespertinos.

Encontro de Caça-Cigarros no Dia Mundial Sem Tabaco

A Tabaqueira assinala pelo silêncio a jornada internacional anti-tabágica que hoje decorre

Um combóio chamado «Combóio sem fumo», transportando para Lisboa 300 jovens não fumadores do Porto, constituiu uma das iniciativas com que está a ser celebrado no nosso País «Dia Mundial Sem Tabaco».

Outras acções de carácter cultural, lúdico e desportivo estão a decorrer no âmbito das mesmas comemorações, que têm por tema «Uma Infância e uma Juventude sem Tabaco».

Entre elas, constam uns «Jogos sem Tabaco», a decorrer nos escorregas aquáticos do Ondaparque da Caparica.

Além desses jogos, em que participam 12 equipas de quatro elementos cada, há uma demonstração do «Clube Caça Cigarros», do Porto. Os ministros da Saúde e da Juventude e os secretários de Estado do Ambiente e da Juventude foram convidados para as comemorações na Caparica.

Organizados pela Comissão das Comunidades Europeias, os Jogos contam com com a participação do Conselho de Prevenção do Tabagismo, Liga Portuguesa contra o Cancro, Secretaria de Estado da Juventude e «Movimento Tabaco ou Saúde».

O I Encontro dos Caça Cigarros, no Porto, actividades culturais e desportivas em Coimbra e na Madeira (nesta Região Autónoma mobilizando todas as escolas e estabelecimentos dos ensinos primário e secundário), constam também do programa destas celebrações.

A própria «Tabaqueira» vai de alguma forma assinalar o «Dia Mundial Sem Tabaco», abstendo-se de intervir na controvérsia pública

em curso sobre o tabagismo.

Um porta-voz da maior empresa produtora de cigarros do País disse à Lusa que com essa atitude se exprime «respeito por quem luta pelas suas convicções», neste caso os antifumadores».

Revelando que a «Tabaqueira» tem sido convidada por diversos orgãos de Comunicação Social a fazer-se representar em debates acerca do consumo de tabaco, o mesmo informador frisou que aquele gesto simbólico não traduz concordância com as posições das entidades patrocinadoras do «Dia Mundial sem Tabaco», apenas visando contribuir para a discussão «equilibrada e civilizada» do assunto.

Redacção «DL» / Lusa

A gestualidade das formas na rota da seda

Navegam numa direcção formal, empurrados por correntes estéticas que vão ao encontro da tradição. Também se assumem como portadores de ideias que falam de experiências partilhadas, do compromisso que advém da mestiçagem porque não é possível apagar os séculos de história comum. A passagem de modelos que vimos no Casino do Estoril, integrada na quinzena "Macau na Rota do Oriente", ilustra precisamente esse espírito.

Tivemos, assim, a oportunidade de apreciar o que, no domínio da produção têxtil, se fabrica naquele território, empenhado em competir no mercado internacional com as marcas italianas de prestígio, caso da Benetton. Com cotação na Bolsa de Hong Kong, o grupo Novel Enterprises, implantado em Macau, procura intervir no campo da moda, através de uma linha de vestuário ocidentalizada. Os *jacquards*, as gangas, toda uma indumentária prática e casual adaptada às exigências da vida moderna.

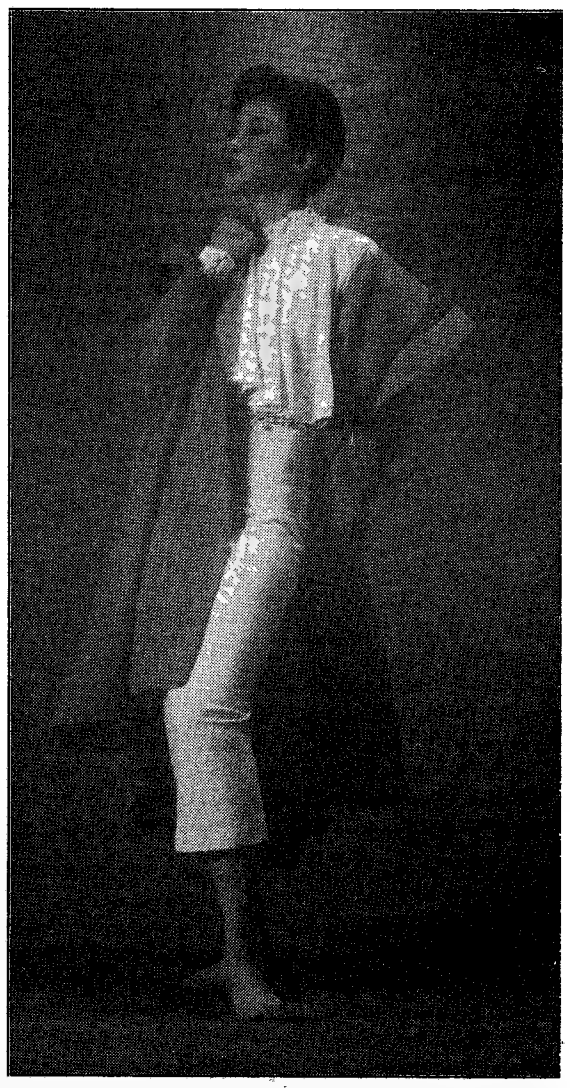
Quanto ao discurso de António Conceição, actual presidente da Associação de Designers de Macau, decorre de uma postura que se revê no passado longínquo para se projectar no presente. Nas suas formulações, contaminadas de influências étnicas, combinam-se tecidos do Oriente e do Ocidente.

Desenham-se os itenerários do caminho da seda, evocam-se os mosaicos da igreja de Santa Sofia, as ablações no Ganges, os quimones chineses e ainda os palcos do Nô e do Kabuki, aquilo que comporta "uma solenidade ritualística". O cerimonial, o apelo ao divino que transcende a banalidade do quotidiano. No corpo dos manequins masculinos declaram-se as rememeniscências dos quimones japoneses, enquanto no feminino se insinua uma tendência plástica em que afloram alguns signos buscados no destino marítimo dos portugueses. Trata-se, sem dúvida, de uma colecção interessante, que veicula, com alguma mestria, uma clara mensagem.

Manuela Tojal, a estilista convidada da Missão de Macau. Ela esteve lá: descobriu coisas, foi seduzida pela atmosfera envolvente, apreendeu e compreendeu.

Fruto dessa inesquecível vivência é a belíssima colecção que nos mostrou. Um magnífico exercício para o qual a criadora convocou diferentes memórias. Errância vagabunda, di-lo a própria. Vivências armazenadas no seu casulo que contribuiram para o tecer da trama, uma interpretação muito pessoal das sensibilidades com que se confrontou.

As folhas do chá, os bagos de arroz, os cheiros, as pérolas, a música, a gestualidade e até as simulações das fardas da era maoista transparecem nas roupas. Um mundo interior profundo escrito na superfície da seda, dos materiais sumptuosos que a autora utiliza na gestação dos volumes. Fá-lo identificando-se com a mulher oriental, a quem presta uma homenagem.



Mensagem clara veiculada com alguma mestria

Lourdes Féria

Made in Macau

Sem que se compreenda muito bem porquê, o comissariado das Exposições de Macau - patentes na Galeria do Casino Estoril e no Centro de Arte Moderna - apresenta as primeiras como «Fotógrafos de Macau» e «Pintura e Caligrafia Chinesas de Macau», designando a última por «Artistas Contemporâneos» daquele território sob administração portuguesa.

Estranha-se que a contemporaneidade apenas contemple os expostos no CAM, quando todos os artistas convocados a trazerem a Lisboa a arte de (e em) Macau, pouco diferem na idade, situando-se as diferenças - isso sim - na inequívoca qualidade de uma e outras. Atentendo a que o comissariado procurou mostrar comportamentos que se autonomizam, quer tradicional quer tecnicamente, no âmbito das artes plásticas, compreende-se a generosidade de nos ser dada a ver a arte oriental que afinal prolifera um pouco por toda a parte da cidade, sem a pompa e a circunstância de que estas se revestem.

Exceptuando alguns trabalhos de um ou outro autor patente no Casino, a exposição salva-se apenas pelas fotografias que de Macau nos trouxeram as respectivas associações do «Salão» e do «Clube». Não diferindo muito na sua totalidade, reside sobretudo no carácter documental a sua maior expressividade, muito embora o conjunto registe trabalhos de inegável dimensão estética.

Mas, curiosamente, parece que os autores preocuparam-se em mostrar-nos um universo em rápida e insustentável agonia. Esta exposição de «Fotógrafos de Macau» é um inegável testemunho de contradições violentas, de que alguns conseguem ainda retirar, quanto mais não seja, a poética impossível do genocídio.

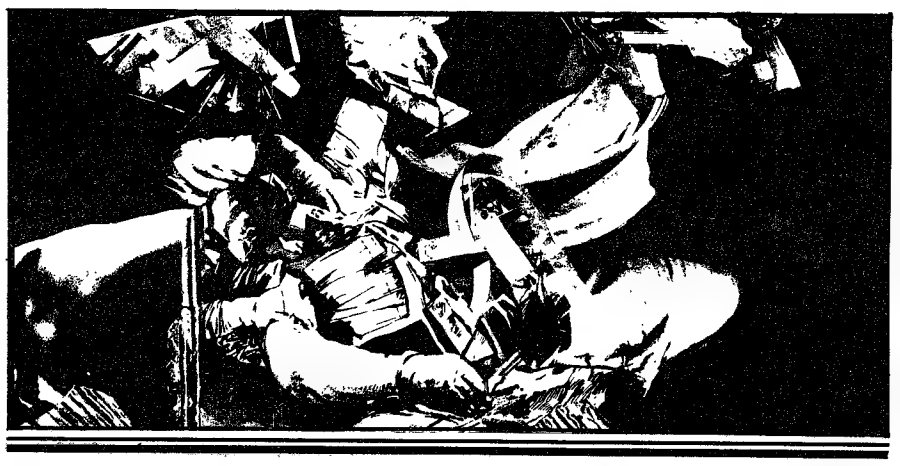
Quanto à exposição no CAM, nove artistas residentes em Macau oferecem-nos um conjunto de trabalhos que mais não revela que o cuidado dos mesmos em manterem-se informados. No entanto, e exceptuando a «Ponte Suspensa», não referenciada no catálogo, todos eles reflectem a sedimentação populacional e urbana. São trabalhos onde conflui uma asfixia de processos e velocidades de execução. Só a ponte, só realmente a ponte, que jaz no explendor da sua inutilidade e na grandeza do seu passado, possibilita ainda a memória de um diálogo.

Jorge Fallorca

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE

ROCHA DE SOUSA

PINTURA
DESENHO COLAGEM
VÍDEO



Av. Nuno Álvares Pereira, 74-A - 2800 Almada
Tel. 275 69 59

Patente ao público de 8 de Maio a 8 de Junho de 1990
das 15 às 22 horas encerra à 2.ª feira

Câmara Municipal de Almada

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

As «dores» da autonomia

A autonomia universitária colocou os estabelecimentos superiores de ensino perante a responsabilidade de se autofinanciarem em boa parte, o que alterou a rotina da sobrevivência exclusivamente através de dotações orçamentais. Não admira, pois, que os problemas da gestão universitária estejam no centro das preocupações dos órgãos por ela responsáveis e, neste ponto, nivelem todos os programas de candidatura a essas instâncias.

É o que sucede na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde, no próximo dia 6, será eleito o director. Concorrem dois candidatos: o actual titular, prof. Adriano Duarte Rodrigues, e o prof. Augusto Mesquitela Lima.

Ontem, houve debate público, muito concorrido, moderado pelo prof. José-Augusto França, presidente do Conselho Científico da Faculdade, para apresentação dos programas eleitorais.

Como se disse, a criação e repartição de recursos, com vista à melhoria infra-estrutural da escola, que lhe permita desenvolver as funções de docência e investigação, constituem o ponto fulcral das propostas debatidas. O que as distingue essencialmente é a atitude perante os constrangimentos que se deparam aos gestores de uma Faculdade: o prof. Mesquitela Lima, no que o seu opositor vê como utopia, considera possível, através de uma presença sistemática junto dos órgãos de tutela, obter fundos acrescidos; é a estratégia da persistência, complementada com o lançamento de iniciativas que aumentem os réditos internos.

O prof. Adriano Rodrigues estriba-se no realismo e chama a atenção para os comandos legais que tolhem a boa vontade do director, duvidando do êxito, que não do bom propósito, do seu colega, no massacre das direcções-gerais.

Todas as divergências decorrem desta diferença de entendimento quanto à possibilidade de obtenção dos meios necessários para atacar os problemas prioritários (sendo certo que o autofinanciamento apresenta dificuldades de monta) — infra-estruturas, quadro de pessoal não docente, cooperação entre os vários departamentos da escola, «independência» no quadro da UNL, afirmação do prestígio da faculdade intra e extra-muros — que são reconhecidos por mestres, alunos e funcionários. Pairando como ameaça, está a perspectiva comunitária em matéria de prioridades na Educação: tudo pela áreas da tecnologia e da economia, muito pouco pelas Ciências Sociais e Humanas. O modelo será o japonês, reluzente de *chips* e baço de humanidades — outro ponto de encontro das inquietações dos candidatos à direcção da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Eurico Vasconcelos

Da esquerda para a direita, os profs. Adriano Duarte Rodrigues, José-Augusto França e Mesquitela Lima

J. P. O.

Beja homenageia jornalista

O jornalista José Moedas, há 34 anos redactor do jornal «Diário do Alentejo», recebeu da Câmara Municipal de Beja a medalha de prata de mérito da cidade, numa cerimónia integrada no programa das festas daquela cidade.

A distinção, segundo o Município, pretende traduzir o reconhecimento pela actividade daquele profissional da imprensa por «uma já longa e profícua carreira de jornalista, durante a qual se bateu corajosamente pela verdade e pela dignificação do nome de Beja».

Crise em «o diário»

Administrador confirma dificuldades económicas

Um administrador da editorial Caminho, proprietária do jornal «o diário», desmentiu ontem a eventualidade de se verificar em breve uma situação de salários em atraso naquele jornal.

O referido administrador, Mateus Branco, admitiu, no entanto, que «é difícil» a actual situação económica do matutino.

Em declarações à agência Lusa, Mateus Branco disse que «por enquanto estão salvaguardados os vencimentos» em «o diário».

O jornal atravessa também uma crise de natureza política, agudizada pela substituição do anterior director, António Borga, por Armando Pereira da Silva. A mais recente manifestação dessa crise traduziu-se numa carta que o secretariado da célula comunista do jornal enviou à direcção do PCP, alegando marginalização, nomeadamente no processo de demissão do director.

Armando Pereira da Silva, segundo a Lusa, escusou-se a comentar a situação, alegando tratar-se de uma carta de teor «puramente partidário».

Acrescentou que se mantém o projecto inicial de «o diário», criado há 16 anos para ser um jornal «aberto e de esquerda» e disse que, pela sua parte, se esforçará por manter «a unidade profissional» em torno daquele projecto.

FÁTIMA MURTA
O ECO E A SOMBRA

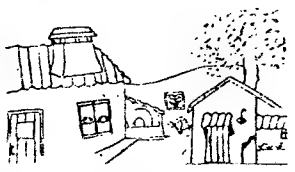
«Mil e uma palavras de dizer encantamento»

Escritor

Nas livrarias

Casinha independente a 150m da Barragem. Todas as actividades náuticas

AGRO — TURISMO
Barragem de Magos
(60km Lx.)



Reservas: tel. 01-979022
063-58516

REGISTO

As antenas de Braga

A cruzada pela TV da Igreja soma e segue, a todo o vapor, na Cidade dos Arcebispos.

O último pretexto, segundo reza o insuspeito, ainda que diocesano «Diário do Minho», surgiu no domingo passado, quando a Igreja Católica comemorava o XXIV Dia Mundial das Comunicações Sociais.

D. Eurico Dias Nogueira tinha lançado há tempos, ainda que metaforicamente, o mote evangelizador, agora oportunamente agarrado pelos seus dois bispos auxiliares num estilo muito mais popularucho, mas também mais esclarecedor, do que o utilizado pelo arcebispo.

Por exemplo, D. Carlos Pinheiro, na homilia que proferiu durante a peregrinação a Nossa Senhora da Abadia, no concelho de Amares, disse já não bastar recomendar que se evitem as más leituras ou se ponham de lado os maus programas: «É preciso fazer render este talento que a magnanimidade do Senhor nos confiou.»

Ao explanar o seu raciocínio, o prelado considerou que a televisão faz falta à Igreja, razão por que fez um apelo aos cristãos para se associarem e fazerem ouvir as suas vozes: «De facto, os meios de comunicação social são tão importantes nos nossos dias que, **ou fazemos deles meios de evangelização, ou dificilmente poderemos evangelizar,** porque ocupam todo o espaço disponível na vida das pessoas.»

De resto, e para não vir a ser eventualmente acusado de falta de rigor, D. Carlos Pinheiro sublinhou que parece estar bem clara, para os católicos e homens de boa vontade deste País, a necessidade da Igreja poder proclamar a sua mensagem e intervir, como é seu dever, no respeito pela justa autonomia do temporal: «É dado inquestionável, que facilmente se percebe, o interesse da mesma (Igreja) em fazê-lo com a linguagem e os meios técnicos do nosso tempo.»

Mas se bem pregou D. Pinheiro, o seu colega não lhe ficou atrás.

Em visita pastoral às paróquias de Pevidém e Gondar, D. Jorge Ortiga chamou a atenção da mensagem do Papa para o Dia das Comunicações, referindo que, com a rapidez das revoluções modernas, «a linguagem informática deve penetrar na pastoral».

Perante a missão que a Igreja tem de evangelizar e a situação actual do mundo, o prelado sublinhou que «nenhum fiel se pode furtar ao dever e à obrigação de responder».

Lembrando que são muitos os espaços geográficos onde o anúncio da Boa-Nova ainda não chegou, D. Jorge Ortiga justificou o recurso a «meios idóneos e capazes» que permitam o permear da mensagem cristã em todas as mentalidades, recurso sem o qual a Igreja «corre o risco de caminhar por estradas paralelas ou de um antagonismo com o mundo, com a terrível responsabilidade de não suscitar um encontro de corações».

O problema, disse D. Jorge Ortiga, é que não basta contemplar e louvar Deus pelos avanços das técnicas: «Só o uso, consciente e responsável por parte das comunidades, **segundo as reais possibilidades**, colocará condições de acolhimento da mensagem.»

E pondo bem o acento tónico nesta questão, o prelado rematou: «O alhear-se a esta dinâmica do progresso é **risco que nunca podemos correr.**»

Como se depreende, e aqui se regista, os cristãos de Amares, Pevidém e Gondar estão em nítida vantagem em relação aos restantes irmãos em Cristo e homens de boa vontade deste País.

No fundo, eles têm o privilégio de, finalmente, perceber por que é que a televisão faz tanta falta à Igreja e por que é que a linguagem informática deve penetrar na pastoral.

Por mais que custe a acreditar que a evangelização ainda não tenha chegado a Braga, uma cidade nada carente em **antenas.**

João Galamba de Oliveira

Dois planos para a zona ribeirinha

A procissão ainda vai no adro

Para a zona ribeirinha de Lisboa estão em apreciação dois planos: o Plano de Salvaguarda e Valorização de Ajuda-Belém e o Plano Parcelar da Frente Marginal Santos-Santa Apolónia. O primeiro, encomendado pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC), é coordenado por Costa Lobo e prevê o rebaixamento da linha e da marginal entre a Praça Afonso de Albuquerque e a Praça do Império. O segundo, da responsabilidade da Administração do Porto de Lisboa (APL), é chefiado por Luís Gravata Filipe e admite a construção de um complexo lúdico-cultural e comercial entre o Mercado Abastecedor e o Terminal Ferroviário do Cais de Sodré.

Estes, tal como o nome indica, são um levantamento das potencialidades daquelas zonas. Trata-se de estudos de pormenor que dão conta dos espaços a dinamizar e monumentos a recuperar, apontando soluções. No caso de serem aprovados pela Câmara Municipal de Lisboa, cabe a outros apresentar projectos dentro do espírito dos planos.

As localidades de actuação destes trabalhos tem directivas diferentes. Grande parte da zona de Belém é protegida pelo IPPC. Por outro lado, o Governo decretou medidas preventivas para aquele espaço, o que quer dizer que durante três anos nada se pode fazer sem a aprovação da edilidade lisboeta e secretaria de Estado da Cultura.

Este período acaba em Junho, daí a urgência em aprovar um plano de salvaguarda, caso contrário, deverão ser feitas normas provisórias ou aumentadas as zonas de intervenção do IPPC.

Saliente-se que o único trabalho que existe naquela área é o Plano de Salvaguarda e Valorização de Ajuda-Belém.

Este, entregue à Câmara Municipal de Lisboa nos finais de 1988, só agora foi submetido à apreciação, já que nada se resolveu na anterior presidência.

No que diz respeito à zona Santos-Santa Apolónia, a responsabilidade de actuação é da APL. Esta entidade foi a única que deu seguimento a um trabalho premiado no Concurso de Ideias para a Renovação da Zona Ribeirinha de Lisboa, vencedor *exaequo* do «Prémio Município de Lisboa», promovido pela Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP). Neste sentido, a APL contratou o arquitecto Luís Gravata Filipe, em Fevereiro, para elaboração do estudo prévio, estando, neste momento, a ser contactados os organismos com interferência no assunto.

Janelas para o estuário

Uma das medidas mais polémicas do Plano de Salvaguarda e Valorização de Ajuda-Belém é o rebaixamento da linha e da marginal. Para Costa Lobo trata-se de criar uma vista para o Tejo porque, salienta, «Lisboa precisa de janelas para chegar ao estuário». Mas, as diversas entidades interessadas ainda não se entenderam e pararam as negociações, apesar de Fonseca Ferreira, responsável do Gabinete de Planeamento e Estratégias da Câmara, nos dizer que «é uma proposta que vai ter com certeza receptividade. Trata-se de uma das medidas para a ligação do rio à cidade».

Segundo Pedro Brandão, membro do Conselho Directivo Nacional da AAP, «terá havido um corte de orçamento e privilegiou-se o Centro Cultural de Belém. Eu concordo porque nesta zona não há congestionamento de tráfego. Há uma maior sobrecarga de trânsito entre Alcântara e Cais do Sodré. Não me parece que a linha seja um obstáculo para quem quer passear naquela zona. Já para os milhares de pessoas que utilizam o caminho de ferro é completamente diferente ir num túnel, sobretudo naquele sítio, o mais nobre da zona ribeirinha».

Para Costa Lobo não é só a linha que está em causa. Este considera que a estrada é mais negativa. «Não insisto para que ambos sejam enterrados. Mas, como profissional, entendo que não devem passar por ali. É um tráfego que não tem nada a fazer em Lisboa. O enterramento é já uma tolerância», justificou.

Por seu turno, Reis Pereira, do IPPC, salienta: «A frequência de comboios tem tendência para aumentar. Por isso, parece inevitável afundar a linha. Porque as cancelas acabarão por estar sempre fechadas».

Como o consenso não chega, Costa Lobo entende que «neste momento não há condições para se avançar com o estudo da zona ribeirinha enquanto não se resolver o problema da linha e da estrada».

O Plano de Salvaguarda e Valorização Ajuda-Belém incide sobre a triângulo que vai da Cordoaria (ao lado da Feira das Indústrias de Lisboa) à Torre de Belém e Palácio de Ajuda. No entender de Costa Lobo, esta é a parte mais vulnerável porque, diz-nos, «a zona da Praça do Comércio está estabilizada e tanto o morro do Castelo, a Leste, como as alturas do Bairro Alto, a Oeste, têm demonstrado não correr grandes riscos de desenvolvimentos insólitos e o troço a montante (Terreiro do Paço a Marvila) mantém-se na fase espectante com pouco dinamismo».

O regulamento genérico do Plano salienta, em primeiro lugar que: «As intervenções a fazer na área deverão ter como objectivo e consequência a conservação dos valores patrimoniais, a sua valorização e a criação de património de qualidade ou, em alternativa, a remodelação de situações existentes quando forem insólitas ou negativas para a imagem da área e sua qualidade ambiental».

Porto e cidade de braço-dado

«Não podemos esquecer que a cidade de Lisboa nasceu da vida do porto», refere o arquitecto Fausto Simões, da Administração do Porto de Lisboa, respondendo à afirmação de que a actividade portuária é um obstáculo à criação de espaços de *lazer* na zona ribeirinha. No entanto, só agora surge um plano de dinamização.

O Plano Parcelar da Frente Marginal Santos-Santa Apolónia visa «harmonizar as actividades portuárias com as urbanas e a reconversão do património da APL (e de outras entidades), numa perspectiva que não pode ignorar a rentabilização das instalações mas que se preocupará também com o melhor usufruto dos espaços disponíveis».

Este plano prevê a construção do referido complexo lúdico e cultural, envolvendo a recuperação de edifícios com interesse histórico-arquitectónico, a revitalização da área do antigo Arsenal da Marinha e a reconverção do espaço das docas da Marinha e do Jardim do Tabaco, como frente ribeirinha do bairro histórico de Alfama.

«Há duas zonas importantes nesta área, o Jardim do Tabaco e, sobretudo, o Cais do Sodré, um local onde conflui diariamente muita gente. Tem as estações do Caminho de Ferro e Transtejo, o terminal de autocarros e prevê-se que venha a ter o metro). Assim, os objectivos essenciais são cordenar os diversos meios de transportes, dando boas condições aos utentes, e assegurar uma série de actividades que surgem nesses locais de confluência, comércio e *lazer*», referiu ao DL Fausto Simões.

Céu Neves

A deputada Helena Roseta defende um espaço [illegible] de sigilo na administração ce[illegible]

Belém à procura d[illegible]

Diário de Lisboa- *Fala-se muito em devolver o rio aos lisboetas, mas afinal o que fica de um bonito enunciar de intenções?*

Helena Roseta- Não há ninguém que mexa nas coisas da cidade e não fale nisso. Há quinze anos não era assim. A zona ribeirinha esteve parada durante muito tempo. Desde o século passado as intervenções de expansão de Lisboa - quer as de Rosa Araújo quer as de Duarte Pacheco - viraram-se todas para norte e para as periferias. É um facto que Duarte Pacheco foi mais longe. Existem muitos estudos, da altura, sobre a reformulação das estruturas portuárias e mesmo da zona fronteira a Belém. A construção da marginal data dessa época e a Exposição do Mundo Português, em 1940, demonstra como aquele espaço era privilegiado. Depois Belém entrou no esquecimento geral. Há uma intervenção pontual ainda no anterior regime com a construção do Monumento das Descobertas e uma tentativa de deslocar as actividades portuárias para a zona de Pedrouços. Foram, porém, intervenções pontuais, a medo, sem nunca terem sido debatidas publicamente.

DL- *As questões de urbanismo continuam a ficar no «segredo dos deuses»*.

H.R.- No regime anterior não eram debatidas pela simples circunstância de que não se usava. Agora não se discutem porque as diferentes administrações de Lisboa estiveram com a corda ao pescoço, a seguir ao 25 de Abril, para resolver questões imediatas. Durante os mandatos de Krus Abecasis surgiu, por outro lado, a ideia de uma cidade que não tinha nada a ver com a transformação da zona ribeirinha em espaço de lazer. O presidente Abecasis queria trazer para a capital uma série de marcas de pseudo-modernismo, de edifícios que dessem a Lisboa uma silhueta internacional, sem especificidade própria.

DL- *Então o que defende para a zona ribeirinha,?*

H.R.- Os espaços de lazer têm que ser espaços ambivalentes, plurais. Na zona ribeirinha faltam actividades que mobilizem a malta nova. A área de Belém tem uma pesada carga cultural de monumentos; falta-lhe a carga cultural dinâmica, moderna, falta-lhe um espaço de espectáculos, concertos, acesso às técnicas da visualização, etc. Por outro lado, a tradição que a zona tem em atrair artistas - pois a relação do artista plástico com o rio é extremamente fecunda - é um ponto a não perder. Em vez dos meninos terem aulas de desenho enfiados num buraco, podiam aproveitar um espaço aberto para o rio. Digo o mesmo para os que se preparam para o cinema e para o vídeo. As actividades gastronómicas e os desportos naúticos são compatíveis com tudo isto, além do pequeno comércio.

Frentes de água

DL- *O que defende aproxima-se, creio, da experiência de Baltimore, nos Estados Unidos, onde o rio deu vida a uma cidade em depressão.*

H.R.- A experiência de Baltimore é muito interessante. Em traços resumidos: era uma cidade em depressão, económica e urbana, com empobrecimento crescente devido a uma zona portuário obsoleta. Os comerciantes da cidade, que se aperceberam do problema, juntaram-se e contrataram uma equipa para fazer um projecto de renovação. Começa por uma alameda ao pé do rio. Passado algum tempo, criaram, naquele passeio verde, um museu, um centro cultural, lojas e galerias de arte. Hoje, Baltimore, uma pequena cidade, atrai cerca de oito milhões de turistas por ano. Quem me explicou este projecto começou com uma frase linda: «The story of Balti-

Um centro para a Eu[illegible]

Rui Pacheco

Reis Pereira mostra-nos a maqueta do Centro Cultural de Belém

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

paço de lazer polivalente na zona de Belém. A arquitecta diz que é preciso acabar com a prática ão central e apela ao debate público para que o rio seja devolvido aos lisboetas

a de orgulho local

Em
ulas
um
itar
rio,
ese
a e
des
por-
veis
do

oxi-
a de
dos,
dade

de
res-
dos;
res-
na,
res-
ona
om-
se
ma,
am
um
ão.
eda
um
ele
seu,
s e
alti-
ade,
s de
me
ecto
ase
alti-

Maria Emília Prazeres

Nem só de pesca vive o homem: a zona ribeirinha pode e deve ser aproveitado como espaço de lazer polivalente

more is a story of local pride» (A história de Baltimore é uma história de orgulho local). Porque não fazer o mesmo em Belém?

DL - *Os erros do passado tendem a ser alterados?*

H.R.- Para a década de 90, existem dois factores muito importantes. Por um lado, toda a gente já percebeu que a zona ribeira é potencialmente importante. Vai ter investimentos públicos voltuosos, designadamente o Centro Cultural de Belém. É também uma zona onde se prevê todo um conjunto de operações imobiliárias de uma dimensão inexcedível. Não existe outra na cidade com as mesmas capacidades. Por outro lado, as correntes urbanísticas actuais, tanto na Europa como nos Estados Unidos, viram-se muito para a ideia de que é preciso não só reanimar e reabilitar os centros históricos das cidades, como produzir zonas de enquadramento natural. São escolhidos ou recortes montanhosos ou frentes de água.

Perante estes factos, chegou o momento para se pôr a questão: que zona ribeirinha queremos? O debate tem de ser público. A experiência do passado é muito negativa. Há um sobreposição de poderes entre a Câmara de Lisboa, a Administração do Porto de Lisboa e a Administração Central. Há um floresta institucional que acaba por bloquear tudo.

DL- *As instituições continuam de costas voltadas umas para as outras?*

H.R.- Sei que a Câmara já está em conversações com a Administração do Porto de Lisboa sobre o futuro daquela zona. Mais do que as entidades falarem entre si, os cidadãos têm que saber que destino se quer dar à zona ribeirinha: se vamos ou não vamos manter a tradição portuária da cidade de Lisboa, que espaço vão ter as actividades de lazer?

Mecanismos obstruzos

DL- *Os próprios arquitectos deveriam ser ouvidos?*

H.R.- Há esforços nesse sentido. O concurso de ideias para a zona ribeirinha, em 1988, foi um passo importante.

DL- *Concurso que deu origem a projectos para ficarem na gaveta...*

H.R.- Ficaram na gaveta mas, pelo menos, mostraram que há alguma inquietação sobre o assunto. O que falta são movimentos de opinião. Temos muitos agentes culturais que falam do Tejo, mas falam de um Tejo nostálgico, imaginário. Há um outro rio, o quotidiano, e é desse que se deve falar agora. Há um experiência interessante a recordar, a do terreiro, perto da Praça do Império, contíguo ao enfiamento de casinhas do século XVII, onde a Câmara de Lisboa queria fazer uma feira. Houve um movimento de opinião contra a decisão camarária e a verdade é que a feira não foi instalada e o espaço foi ajardinado. Isto veio revitalizar profundamente a zona de Belém, que hoje é um centro de atracção gastronómica e turística.

Eurico Vasconcelos

Helena Roseta: Baltimore, uma pequena cidade dos EUA, venceu uma profunda depressão graças ao aproveitamento de um rio

DL- *O Plano de Salvaguarda e Valorização de Belém, datado de 1985, a cargo do professor Costa Lobo resolvia parte dos problemas daquela zona, nomeadamente com a sua proposta de rebaixamento das vias?*

H.R.- Esse é um caso típico dos mecanismos de indecisão portuguesa. O plano é encomendado na sequência do concurso de ideias que referi. Entretanto, a administração central toma a decisão de fazer o Centro Cultural de Belém. Como a questão do centro se tornou mais evidente - porque é a que vai gastar mais dinheiro público e há pressa de o inaugurar em 1992 - inverteu-se a prioridade. Constrói-se um complexo sem pensar no impacte ambiental. O plano, que não foi aprovado nem desaprovado, tinha uma coerência para os problemas de trânsito, de desenvolvimento urbanístico. O rebaixamento das vias rodiviária e ferroviária, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, era a tentativa de criar uma janela para o Tejo. Essa opção chegou a ser apreciada e foi posta de lado. Não se sabe por quem! O próprio autor do plano confessou publicamente que não sabia. Isto é uma coisa completamente obstruza. Tanto mais quando o arquitecto português que concebeu o Centro Cultural, Manuel Salgado, diz que não sabe como se vão resolver os problemas do trânsito para acesso ao Centro. A quem vamos pedir contas disto tudo?

A lógica de «ambientofagia»

DL- *O Centro Cultural de Belém vai alterar muito a fisionomia daquela zona.*

H.R.- Vai ter um impacte grandioso. As alterações do próprio projecto do Centro apontam para problemas agravados, com a substituição dos auditórios de 200 e 300 lugares para uma ópera com capacidade para dois mil espectadores. Aplaudo a mudança de dimensão, só que essa decisão tem enormes custos de acesso. E são esses custos que não vemos definidos. As grandes decisões devem ser conhecidas. A prática de sigilo tem que acabar!

DL- *Sem um plano director para a zona, não se corre o risco de vir a existir um foco de especulação imobiliária e de os empreendimentos ficarem desenquadrados da arquitectura circundante?*

H.R.- Especulação já existe! A lógica de mercado não é da preservação histórica, é «ambientófaga», vive do ambiente e come o ambiente. Esta lógica está a ser posta em causa pelos próprios promotores imobiliários, pois começam a perceber que não podem dar cabo daquilo que têm na mão. No caso concreto de Belém, o presidente da junta de freguesia já referiu, várias vezes, à Imprensa que há já aumentos brutais de rendas por conta de uma coisa que não existe, o Centro Cultural de Belém.

Paula Sá

Europa ver

O Centro Cultural de Belém inclui uma área de reuniões e auditórios, um espaço de exposições e uma zona hoteleira. Os encontros do Conselho das Comunidade Económica Europeia, em 1992, realizar-se-ão já neste local. Por isso, há quem afirme que é uma fachada para a Europa.

Segundo Pedro Brandão da Associação dos Arquitectos Portugueses, o Centro é um exemplo de que se «está a investir em Portugal, na cidade de Lisboa». Para Reis Pereira, cordenador do concurso para o projecto, do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), Belém merece um edifício desta natureza. «Esta é uma zona privilegiada do contacto do público com o rio e o património português, com grandes potencialidades de desenvolvimento e que tem sido esquecida», salientou.

A empresa que executa as obras tem um compromisso: construir a zona de reuniões, auditórios e uma parte do local de exposições até finais de 1991. É que, no primeiro semestre de 1992, Portugal preside ao Conselho da Comunidade Económica Europeia. O Centro Cultural de Belém estará definitivamente pronto dois anos mais tarde.

Os autores do Centro são portugueses e italianos. Foi uma equipa chefiada por Vittorio Gregotti, de onde se destaca o arquitecto Manuel Salgado, que venceu o concurso internacional organizado pelo IPPC. Este trabalho, no entender do júri, foi aquele que melhor soube equacionar as diferenças urbanísticas de Belém: «ambiguidade entre o desenho urbano e edifício monumental» e a funcionalidade do conjunto da frente do Tejo, desde a Torre de Belém até à Cordaria Nacional.

Desde a Exposição do Mundo Português, em 1940, que se ambiciona aproveitar aquele espaço em frente aos Jerónimos. Mas só agora, e porque grande parte da área é protegida pelo IPPC, se avançou com propostas. Os trabalhos aceleraram quando se entendeu fazer no Centro Cultural de Belém as reuniões das Comunidades Europeias. A construção do edifício está a cargo de uma empresa constituída para o efeito, Sociedade de Gestão e Investimento Imobiliária, S.A. (sociedade anónima de capitais maioritariamente públicos, inicialmente subscritos na sua totalidade pelo Estado), prevendo-se um orçamento de 15 milhões de contos para a sua concretização.

Rui Pacheco

ECONOMIA

BREVES

Investidores no SAT-2 reúnem-se em Lisboa

A convite da Marconi reúnem-se esta semana em Lisboa os investidores no cabo submarino SAT-2. Estarão presentes delegados da Bélgica, França, Alemanha Federal, Itália, Holanda, África do Sul, Espanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Conforme o **DL** noticiou oportunamente, o acordo para a construção deste cabo digital de fibra óptica, que ligará a África do Sul à Europa, foi assinado em Madrid no dia 6 de Março.

Missão financeira de Macau de visita a Portugal

Encontra-se em Portugal uma missão constituída por representantes ao mais alto nível de instituições financeiras de Macau, na qual se integra o Banco Nacional Ultramarino, na sua qualidade de banco emissor para aquele território. A visita visa reforçar os contactos comerciais e financeiros entre Portugal e Macau.

Henkel Ibérica quer liderar mercado de detergentes

A Henkel Ibérica propõe-se disputar, já este ano, os primeiros lugares de vendas de detergentes em Portugal. Há apenas 15 meses a operar no mercado português, a Henkel prevê que no seu segundo ano deve duplicar a facturação dos primeiros 12 meses. Trata-se de uma multinacional alemã, que tem uma estratégia de produtos «ecologicamente simpáticos ao meio ambiente», para cujo desenvolvimento investe em 1990 cerca de 32 milhões de contos.

Continente consolida situação financeira

A cadeia de hipermercados Continente atingiu um volume de vendas de 55,247 milhões de contos, com uma margem bruta de 4,2 milhões e resultados líquidos de mais de três milhões. Nesta conformidade, verificou-se uma significativa valorização das acções, que passaram de 5.300 escudos, na primeira semana de 1989, para 8.600 escudos, na última semana do ano passado.

INESC na década da mudança com Projecto Estímulo

Estação multimédia desafia mitos

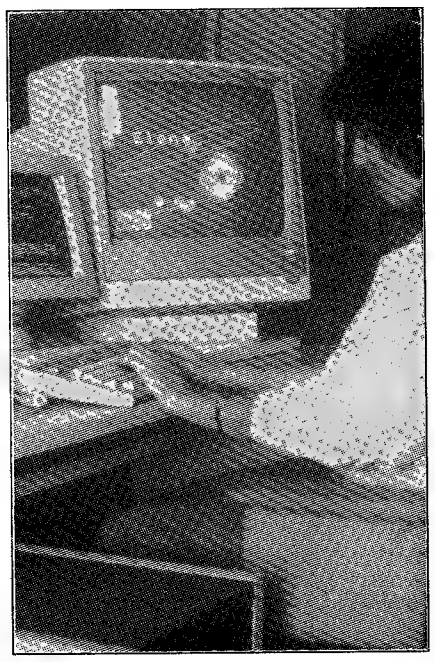
«A década de noventa representa, para o INESC, o consolidar de uma mudança, a vitória sobre os mitos do subdesenvolvimento», disse ao **DL** o professor João Bilhim, responsável pelo departamento de Comunicação do INESC, Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, que ontem iniciou as comemorações do seu décimo aniversário, com a apresentação pública do Projecto Estímulo, que visa a criação de uma estação de trabalho integrada multimédia.

Para João Bilhim trata-se de consolidar uma ideia segundo a qual a ciência e a tecnologia produzem riqueza fora dos apoios oficiais e os cientistas em geral desenvolvem a investigação em pleno, longe do poder e controlo político.

Tal como os portugueses na época das Descobertas venceram o Adamastor e todos os mitos que se lhes depararam, com a sua arte de navegar e os conhecimentos científicos da altura, «nós hoje vamos vencer esse mesmo desafio com a alta tecnologia já existente em Portugal», sublinha João Bilhim.

O INESC cresceu substancialmente possuindo neste momento mil cientistas no activo e uma grande mobilidade, entre outras, nas áreas da tecnologia da informação, da informática, na aplicação de software, conquistando, segundo afirma aquele professor, «um grande prestígio no meio científico e empresarial português».

Para se chegar a esta situação, acentua João Bilhim, foi feito um exaustivo trabalho de organização e gestão cujo objectivo é, para além da modernização tecnológica e científica, a criação de centros eficazes de investigação e desenvolvimento, que permitam «sermos artífices das cidades do futuro e liderarmos um projecto de inovação».



Trabalho de investigação e desenvolvimento no INESC

Projecto Estímulo

O programa do décimo aniversário do INESC, que ontem se iniciou no Forum Picoas, em Lisboa, constará de diversas iniciativas a ter lugar até ao próximo mês de Novembro, tendo como prato forte a apresentação pública do Projecto Estímulo, Estação de Trabalho Integrada Multimédia.

O objectivo principal deste Projecto, que é apresentado pelo professor Alves Marques, director do INESC, é o desenvolvimento de ambientes de utilização das Estações de Trabalho (Workstations), as quais se caracterizam pela maior capacidade de processamento, grande capacidade de memória central e secundária e por ecrãs gráficos com elevada resolução.

Na última década, refere Alves Marques na apresentação do Projecto Estímulo, a utilização de computadores pessoais em detrimento dos equipamentos centrais multiplexados modificou o panorama informático.

Aqueles computadores que inicialmente tinham um poder computacional e uma capacidade de memória reduzidos, sofreram uma evolução acelerada derivada da conjugação de diversas áreas tecnológicas com grande potencial de desenvolvimen-to.

O Projecto Estímulo, patrocinado pelo JNICT teve a duração de três anos e foi estruturado em torno de cinco objectivos nas áreas de maior capacidade tecnológica, ou seja, em ambientes para desenvolvimento de software, interfaces homem-máquina, informação multimédia, arquitecturas fiáveis e interfaces hardware.

R.F.S.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	40$50	46$50
ALEMANHA FED. (marco)	86$90	88$10
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$034	4$284
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$85	126$35
(notas de 5 a 1000)	124$35	126$85
DINAMARCA (coroa)	22$90	23$30
ESPANHA (peseta)	1$363	1$483
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$10	149$60
(notas de 5 a 1000)	146$60	150$10
FINLÂNDIA (marka)	37$05	37$65
FRANÇA (franco)	25$80	26$50
HOLANDA (florim)	77$15	78$25
IRLANDA (libra)	233$95	237$95
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$926	$981
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	249$45	253$95
SUÉCIA (coroa)	24$00	24$50
SUÍÇA (franco)	103$45	104$95
VENEZUELA (bolívar)	2$631	3$431

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Para 17,34 milhões

BCI vai aumentar o capital social

O Banco de Comércio e Indústria (BCI) vai aumentar o seu capital social de 10 para 17,34 milhões de contos, mediante a emissão de 7,34 milhões em novas acções, de valor nominal de mil escudos, mediante três processos de atribuição.

Conforme divulgado por este banco privado, a atribuição será feita mediante a incorporação de reservas livres, no montante de cinco milhões de contos, reservados aos actuais accionistas, na proporção de uma nova acção por cada duas detidas.

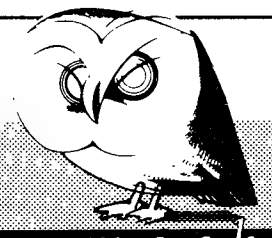
Será feita também uma subscrição destinada aos empregados e colaboradores, ao preço de dois mil escudos e até ao montante de 340 mil contos.

Uma outra subscrição de acções será pública, no valor de dois milhões de contos e ao preço de dois mil e 435 escudos por acção, havendo em simultâneo uma emissão pública de quatro milhões de obrigações convertíveis em acções.

As duas emissões ao público serão efectuadas em conjunto, sendo a sua subscrição feita em simultâneo e na relação de uma acção por cada duas obrigações subscritas. Segundo determinado em assembleia geral do BCI, a subscrição pública de acções e obrigações convertíveis deverá decorrer nos dias 27, 28 e 29 do próximo mês de Junho, nos balcões deste banco.

Conforme divulgado, a amortização, nesta emissão de obrigações, será feita pelo valor nominal de 1 de Julho de 1993, se os seus detentores não optarem pela conversão em acções até ao primeiro dia de Julho do próximo ano. Caso o façam, as obrigações serão convertidas em acções, nessa data, a um «preço de conversão».

CULTURA



olhar de mocho

Arroz amargo

Não se sabe bem o que se passa nos bojudos interiores da 5 de Outubro. A Imprensa escrita relata folhetins rocambolescos e os locutores de serviço, quando dão a cara nos boletins informativos, limitam-se a «desmentir». O certo é que o fenómeno trágico dos arrozais de Coimbra no modo como foi tratado televisivamente, autoriza a ilação que na RTP reina uma inconsciência de carácter criminoso.

As imagens televisivas mostraram-nos uma doença do arroz, uns pesticidas atirados à bruta para as culturas, homens a pulverizar venenos contra insectos sem quaisquer máscaras, luvas ou outras protecções, e em pano de fundo, muitas, imensas «bocas»: uma doutora que veio aos estúdios atirar papaias para o ar sem o espectador saber quem ela era, donde veio, representando o quê ou quem, mulheres do campo dizendo que quanto à protecção «sempre foi assim», homens da terra, que sabem ler no voo das aves o que se passa em terra, a suspeitarem que o equilíbrio ecológico já está destruído. Enfim, a confusão foi total, quer a nível do mero espectador nacional quer a nível de profissional da agricultura e dos arrozes.

O mínimo que se poderia exigir de um serviço público que não seja mera agência de publicidade do Governo, seria o seguinte: primeiro, técnicos agrónomos que descrevessem com dados científicos o que se está a passar com a doença dos arrozais; em segundo lugar, que as multinacionais de insecticidas dessem a cara, identificassem os produtos que venderam ou estão a vender, alertando para os efeitos secundários do remédio; finalmente, que alguém dessa legião de burocratas que começa com o ministro Real, passa pelo secretário de Estado Macário e acaba nos incontáveis terminais de organismos públicos espalhados pelo País, viessem a terreiro, senão para defender, pelo menos para esclarecer o público.

Nada disto se passou. Tivemos até o supremo descoco de vermos nos serviços informativos uma doutora a afirmar que tudo tem perigos, que tudo é mais ou menos tóxico - notícia fresca. Apetecia responder à doutora que todos são mais ou menos cretinos e que todos os habitantes do planeta, desde Adão e Eva podem sempre ser avaliados numa escala de imbecilidade. Mas está em jogo um problema patriótico. Existe uma praga numa região agrícola, que ameaça os rendimentos profissionais de um grupo de cidadãos e que indirectamente também diz respeito aos futuros consumidores de arroz. Mas da parte do Governo, dos Ministérios da Agricultura e da Qualidade de Vida ninguém aparece a assumir responsabilidades de informar e esclarecer. O insecto ataca o arrozal e os governantes saltam logo como pulgas desaparecendo no nevoeiro da confusão gerada. A laranja está a transformar-se em arroz amargo, a realidade em ficção científica mas sem a bela Silvana Mangano.

José Sousa Monteiro

A partir de 1992, a edição do catálogo «raisonné» de Vieira da Silva permitirá termos em casa um museu onde a vida de cada quadro será contada passo a passo, bastando para isso que os coleccionadores compreendam que, ao fim e ao cabo, eles são também os fiéis depositários de um património universal

Ver Vieira da Silva na mão

Os jornalistas ontem convocados para a conferência de Imprensa na Fundação Luso-Americana, tiveram a confirmação do que já há algum tempo constava nos bastidores do mundo das artes plásticas: a obra de Vieira da Silva vai ser finalmente compilada num catálogo que - mais não fosse pela credibilidade merecida pelas instituições que patrocinam a edição - bastaria saber que a mesma será da prestigiada Skira.

História

O estudo do catálogo iniciou-se em 1988 e, progressivamente, estabeleceram-se as condições de apoio à edição através do patrocínio do Banco de Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. Um ano depois, o contrato firmado com a casa suíça "Editions d'Art Albert Skira" compromete os patrocinadores em participações iguais no financiamento global de cerca de 120 mil contos, escalonados ao longo de três anos. O acompanhamento financeiro do projecto, entre nós, é naturalmente feito pelo Banco de Portugal.

Guy Weelen, profundo conhecedor de Vieira da Silva, e que há mais de vinte anos se dedica ao trabalho de classificar e estudar a sua obra, coordenará a extensão e complexidade que um levantamento com estas características facilmente permite avaliar.

Duas galerias - Jeanne Bucher, em Paris, e Nasoni, no Porto - centralizam as tarefas de localização e identificação de obras, respectivamente em França e Portugal/Espanha, América Latina e Brasil. Aliás este último país, sobretudo pela morosidade executiva, poderá ser o que comprometerá 1992 como data apontada para o lançamento do catálogo.

Estimando-se que venham a ser analisadas mais de 2500 obras, o «Catálogo *raisonné* de Vieira da Silva» terá uma tiragem de três mil exemplares, em dois volumes ilustrados de 600 páginas cada.

O catálogo

Um catálogo *raisonné* é o que permite identificar sistematicamente o conjunto da obra de um artista e atestar, de forma que passa a ser indiscutível, a autenticidade das obras que o constituem. Além de conter comentários que as analisam pormenorizadamente (pelo que têm um valor inestimável as etiquetas que se devem conservar nas costas do quadro, e que são a prova documental das

exposições em que participou, e o seu *pedigree*), um catálogo deste tipo destina-se aos especialistas da arte contemporânea e particularmente aos coleccionadores. Pelas suas características enciclopédicas, através dele é possível saber tudo sobre um quadro do artista a que diz respeito, e situá-lo no âmbito geral da sua criação.

Só através da estreita colaboração entre coleccionadores, galeristas, museus e estudiosos, será possível reunir uma documentação que se exige rigorosa e completa, sem o que não poderá ser garantida a certificação das obras referenciadas. Para isso, bastará que os mesmos preencham com o máximo rigor as fichas que tratam exaustivamente cada quadro, e que devem ser obtidas no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, directamente da Skira (89, route de Chêne - 1208 Genéve) ou ainda do secretariado do catálogo (72, rue de Seine - 75006 Paris).

Difusão

Além desta, mais minuciosa, e que se espera dos jornalistas que ontem estiveram na conferência de Imprensa na Fundação Luso-Americana, uma outra será difundida em jornais e revistas especializadas europeias e americanas. Pretende-se assim atingir o maior número possível (e de que não há uma certeza de quantos possam ser) dos proprietários de trabalhos de Vieira da Silva.

Medos

Poderá ainda existir o receio de que - através desta edição - se torne pública a colecção de cada um dos intervenientes, quando, paradoxalmente, um catálogo *raisonné*, além de aproximar os coleccionadores, lhes garante a autenticidade da obra coleccionada. Assim, e quando solicitado, as "Editions d'Art Albert Skira" garantem o anonimato dos coleccionadores e o sigílio quanto às informações recebidas.

Jorge Fallorca

GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO

Tv. São Vicente, 11

Telef: 875626 – 875800

TEMPO DA *presença*

poesia de:

Adolfo Casais Monteiro
Edmundo de Bettencourt
Fernando Pessoa
Irene Lisboa
José Gomes Ferreira
José Régio
Miguel Torga
Saul Dias

Vitorino Nemésio

Por: Alexandra Lencastre, Antonino Solmer, Isabel de Castro, Júlio Mártin.

COLÓQUIO

Com a participação de:
David Mourão-Ferreira, Fernando Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Nuno Júdice.

HOJE, ÀS 18.30

TEATRO DA GRAÇA

GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

«Régio, Patrício e Listopad (e a sua gente, a gente vibrátil e comovente de todos três) estão harmonisamente no Teatro da Graça.» — Fiama Hasse Pais Brandão — «D. Lisboa».

«... actuação sensível, subtil e, não raro, audaciosa de dois excelentes actores (Alexandra Lencastre, Antonino Solmer) que, estou certo, José Régio teria gostado de ver e ouvir.» — Eugénio Lisboa — «Jornal de Letras».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Curta série de representações

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Maria Barroso reviu (e reviu-se) em Benilde

É frequente e diz-se então:"Soares foi ao teatro", Maria Barroso fica sempre um tanto na sombra. Pois de ontem não se dirá que foi Soares ao teatro, mas Maria Barroso, quem ficou na sombra foi o Presidente. Porquê? Porque ontem ir ao teatro tinha um significado muito especial para a mulher do Presidente. É que Maria Barroso foi ver, no Teatro da Graça, "Benilde", de José Régio, uma peça cujo principal papel ela já desempenho quando actriz do Nacional. Mais tarde, em 1975, no filme de Manoel de Oliveira, "Benilde ou a Virgem Mãe", Maria Barroso faria de mãe de Benilde. Ontem foi ver e gostou. Gostou do espectáculo encenado por Jorge Listopad e terá gostado sobretudo de ver uma jovem grande actriz (Alexandra Lencastre) no papel que há 40 anos foi o seu. As fotos -dir-se-ìa- mostram a praxe do costume, mas não, desta vez é algo mais: uma ex-actriz que se revê no que outra actriz hoje faz. O Teatro da Graça não é o Nacional, mas Maria Barroso emprestou-lhe ontem o fausto dos grandes dias, um fausto que os actores diariamente lhe oferecem e que Soares e Maria Baroso souberam reconhecer e estimar.

Francisco Paraíso

Maria Barroso e Mário Soares à porta do Teatro da Graça

Francisco Paraíso

Maria Barroso com Alexandra Lencastre

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA

JUNHO
GRANDE AUDITÓRIO

Dia 4 às 21H30 e 5 às 18H30 — Programa 1
Dia 7 às 21H30 e 8 às 18H30 — Programa 2

Ballet Frankfurt
William Forsyth, direcção artística

PROGRAMA I

Step Text
Coreografia **William Forsyth**
Música **Johann Sebastian Bach**
Cenário e Luzes **William Forsyth**

In the Middle
Coreografia **William Forsyth**
Música **Thom Willems**
Colaboração Musical **Leslie Stuck**
Luzes e Figurinos **William Forsyth**

Skinny
Coreografia **William Forsyth**
Co-Coreografia **Amanda Miller**
Música **Thom Willems**
Cenários e Luzes **William Forsyth**

PROGRAMA II

Miniature Marys
Coreografia **Amanda Miller**
Música **Bill Frisell**
Objectos Luminosos **Claus Jürgen Pohl**
Cenários, Luzes e Figurinos **Amanda Miller**

In The Middle

Love Songs
Coreografia **William Forsyth**
Música **Aretha Franklin e Dionne Warwick**
Figurinos **Eileen Brady**

O Ballet Frankfurt apresenta-se em Portugal com a colaboração da **SIEMENS**

BILHETES À VENDA

Concerto dos Stones transmitido pela RTP

A RTP está a negociar com uma cadeia de televisão estrangeira a transmissão para Portugal de um concerto dos Rolling Stones. Este concerto será transmitido pelo primeiro canal, juntamente com uma reportagem sobre a estada do grupo em Lisboa, mas não está determinada a data para a exibição. A Câmara Municipal de Lisboa criou um serviço de venda de bilhetes para o concerto dos Rolling Stones, especialmente para câmaras municipais, associações culturais, empresas e sindicatos. A Câmara aceita reservas, até ao próximo dia 2 de Junho, através das linhas telefónicas 878714 e 865823. Os bilhetes reservados por esta via poderão ser levantados no Teatro Municipal de São Luiz e no Teatro Maria Matos entre os dias 4 e 8 de Junho.

Teatro espanhol no Cinearte

A companhia de teatro espanhola Teatro para un instant estreia hoje, às 21 e 30, a peça «Crazy Day». Este espectáculo manter-se-á em cena até 4 de Julho.

CRÓNICA DE TOUROS

Não houve pinotes

Praça de Touros de Salvaterra. Domingo, 13 de Maio de 1990. Touros de Vaz Monteiro para João Ribeiro Telles, Joaquim Bastinhas, Rui Salvador e forcados amadores de Santarém (cabo Carlos Grave) e de Vila Franca (cabo João Dotti)

A casta, que vem da procedência, da linhagem, é uma condição inerente ao touro bravo. Já escrevia Ortega y Gasset que a casta é uma das três virtudes (casta, poder e pés) que se reclamam para que o touro mereça esse nome. A casta tem, então, uma ligação forçosa à condição de touro bravo. Uma ligação que se faz duvidosa quando à palavra casta se acrescenta «portuguesa». Casta portuguesa, do que reza a história que chegou aos nossos dias, não é sintoma de bravura, no sentido em que o termo se aplica ao touro de lide, é como nas pessoas, se algum diz «o tipo quando soube que não era promovido até dava pinotes. Ficou bravo», isso não quer dizer que tenha investido contra o director-geral ou o chefe de repartição, a bravura consistia em dar pinotes, ou seja a reacção que é comum esperar de um touro de casta portuguesa quando leva uma farpa. Ao touro de casta portuguesa, além dos pinotes, associam-se vulgarmente vários gestos divorciados da bravura, próprios de procedência de refugo, tais como saltar a trincheira ou raspar desalmadamente a arena. Isto tirando outros aspectos inerentes à condição de touro corrido, que era a vigente na época de esplendor em que, dando o tom à tourada nacional, a casta portuguesa proliferou, condição em que o touro aprendia no terreno as artes de cortar as voltas aos cavalos, espreitar por baixo dos capotes dos bandarilheiros, não sei se chegando a aplicar-lhe rasteiras. Com a (quase) extinção do touro corrido, a casta portuguesa tornou-se uma espécie em vias de extinção, um vestígio, como diria Gasset, da equivalência do conceito genérico da palavra touro com o da palavra «bull» para um súbdito de Sua Majestade Britânica.

Vem isto a propósito da Tourada de Salvaterra, reclamada à base de um curro de 5 anos, com mais de 550 quilos, e de casta portuguesa, da genuína, do senhor Vaz Monteiro, do Carregado; com o que a empresa apelava não sei se ao instinto patriótico, se à evocação histórica, na base de touros aos pinotes. O certo é que o povo acorreu, encheu a praça. Mas pinotes não houve. Os touros da respeitável ganaderia, cuja antiguidade vem de 1843, seriam grandes, compridos, cornalões, mas da tradição da raça dita portuguesa ficaram-se pelo tipo e corpulência; na lide, se não faltou a raspagem da arena e o buscar tábuas, intento de saltá-las não houve, comportaram-se com uma recatada mansidão, dessas que se deixam tourear, e para o fim guardam forças para que possam brilhar os forcados: os de Santarém rijos nas caras de Nuno Varandas e António Gama e na cernelha pronta e sustentada com garra por Luís Gameiro e António Cachado; os de Vila Franca, consumadas à unha as pegas de José e Vasco Dotti, triunfantes afinal no infortúnio, quando derrotado pelo quarto touro levaram em braços o valoroso Carlos Teles, e tomou seu lugar Jorge Faria, cinco vezes deitado ao ar como um boneco, e ele como um homem ali se plantava outra vez, impávido e sereno repetia o desafio, até que ficou, foi mais forte a bravura que em seu peito guardava, e que pôs na praça, com esse rasgo de valentia, a vibração maior da tarde.

Tarde em que com sorte vária se defenderam os cavaleiros das circunstâncias. João Telles crescendo no primeiro, em que fechou com o luzimento de um violino por dentro e de um sesgo citando com as mãos da montada no estribo da trincheira, e sofrendo no quarto um encontrão que lhe retardou a confiança, o acabar animoso. Bastinhas, desordenado e veloz no segundo da tarde, nem o par a duas mãos o salvou, subiu alguns furos no quinto, que se defendia em tábuas, enfeitou-o com três curtos a sesgo. E Rui Salvador soube encontrar os terrenos por onde levar os seus dois mansos, a distância para com justeza os farpear, com um ofício e decisão que fez merecidos os aplausos que despediram o jovem cavaleiro, na tarde puseram o ponto final.

Touros de casta portuguesa, em Salvaterra. Sem as tropelias saltadoras que muitos esperavam, nem a bravura que era suposto estar ausente. Numa coisa, valha a verdade, ganharam no confronto com tantos que, com fama de casta espanhola, nas touradas cá da terra agora se lidam: ao menos não eram novilhos, no alentado corpanzil traziam a idade que ao touro se reclama, de gato por lebre ninguém falou.

Solilóquio

Colóquio Internacional no Instituto Alemão

Os «heterónimos» de Kant

«Age de tal maneira que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal» (Immanuel Kant, *Crítica da Razão Prática*, fez dois séculos publicada em 1988.) - Este, em suma, o chamado Imperativo Categórico da filosofia kantiana, por uns aceite como indubitável, por outros posto em questão no pano de fundo das circunstâncias da vida. A *Crítica da Razão Pura*, que antecedeu aquela, celebrou o seu duplo centenário, como edição definitiva, em 1987. A terceira crítica, *Crítica da Faculdade de Julgar*, completa igual número de anos entre 1990 e 1993.

Kant na juventude

No decurso de três dias (terça-feira, ontem e hoje), numa organização da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Goethte-Institut/Instituto Alemão, com o apoio do Instituto Nacional de Investigação Científica, kantianos nacionais (Nuno Nabais, Viriato Soromenho Marques, Tito Cunha e António Marques) e estrangeiros (Oswaldo Market, Madrid, Birgit Recki, Münster, Robert Pippin, San Diego, Francesca Menegoni, Padova, Kogaku Arifuku, Kyioto, Volker Gerhardt, Colónia, Hermann Parret, Bruxelas, e Josef Simon, Bona) celebram, através de comunicações e diálogo, a publicação há dois séculos da *Crítica da Faculdade de Julgar*.

Embora abertas aos interessados, é óbvio que as sessões (argumentação e contra-argumentação) se dirigem, nomeadamente, a quem pela Filosofia se interessa de um modo geral e a quem em particular estudou Kant até à exaustão.

Assim sendo, e tomando como alvo o público leitor em geral, peermitimonos, de forma sintética, a apresentar Kant sob três aspectos, ou melhor, sob a heteronímia de que o Filósofo se serviu para apresentação do seu sistema:

Crítica da Razão Pura - refutação da Metafísica clássica (1781/1787), utilizando o determinismo das Leis de Newton nas formulações do juízo; *Crítica da Razão Prática* - apologia da Ética (1790), passando aquelas leis para o comportamento humano; e *Crítica da Faculdade de Julgar* - a defesa da liberdade *do* e *no* homem (1990/1993).

Quanto a esta última, em questão no momento presente, e de acordo com o que nos foi permitido ouvir a Birgit Recki, da Universidade de Münster, terça-feira à tarde, aquele texto kantiano «procura dar, se não a totalidade, pelo menos uma parte essencial da resposta em relação àquilo que o homem pode esperar (promessa de felicidade), numa avaliação racional das forças e das condições externas em que ele se vê colocado perante essas forças.»

É, em suma, a Estética, que se furta a toda e qualquer razão lógica e que nos mostra (Shakespeare já o havia descoberto) que «há mais coisas entre o Céu e a Terra do que a nossa vã filosofia supõe.» Numa palavra: a exigência da liberdade, a cor que não existe, o direito de assumirmos todos os heterónimos.

Pedro Alvim

BREVES

Mário de Sá-Carneiro: exposição só encerra dia 8

Devido ao interesse do público a exposição sobre Mário de Sá-Carneiro patente no Instituto Franco-Português só encerra no dia 8 de Junho e não no fim do mês, como estava previsto. A exposição bio-bibliográfica de Mário de Sá-Carneiro é da responsabilidade de Marina Tavares Dias, com o apoio «DL», Quimera Editores e APAMA.

Dois filmes portugueses em Hamburgo

Dois filmes portugueses passam este mês no Festival de Cinema (não competitivo) de Hamburgo. Trata-se de "Recordações da Casa Amarela", de João César Monteiro; e "O Sangue", de Pedro Costa. César Monteiro e Inês de Medeiros (esta em representção de Pedro Costa) estarão presentes em Hamburgo.O festival decorre de 6 a 10 de Junho.

João César Monteiro seguirá de Hamburgo para Moscovo, onde, no respectivo festival, estará presente o seu filme "Recordações da Casa Amarela",. Será,aliás, o único filme português presente na mostra.

Biblioteca Nacional evoca João Pinto de Figueiredo

Na Biblioteca Nacional é inaugurada hoje, pelas 17 e 30, uma exposição evocativa de João Pinto de Figueiredo, cujo espólio foi recentemente doado àquela instituição pela viuva do escritor, Joanne Pinto de Figueiredo.

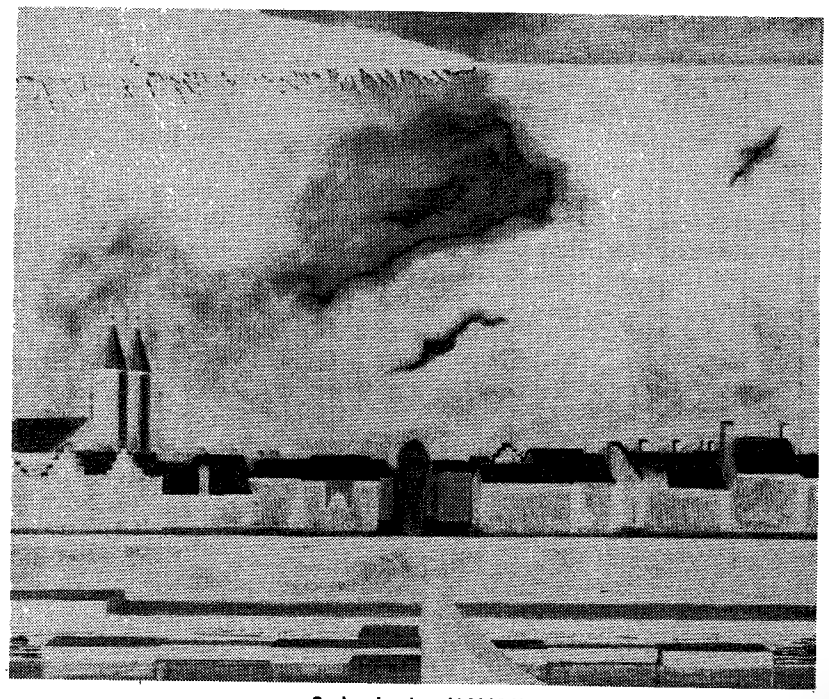
João Pinto de Figueiredo foi um dos mais destacados biógrafos de Mário de Sá-Carneiro e Cesário Verde, cujos itinerários estudou ao longo de anos.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

estreia absoluta da co-produção com a Ópera de Nice

LOHENGRIN
R. Wagner

Direcção Musical: Jan LATHAM-KOENIG.
Encenação, Cenografia e Figurinos: Pet HALMEN



6 de Junho (19H30)
9 de Junho (16H00)
11 de Junho (19H30)
no Teatro Nacional de São Carlos
Intérpretes: Eberhard BÜCHNER, Mechtild GESSENDORF, Waltraud MEIER, Donald McINTYRE, David PITTMAN-JENNINGS, Harald STAMM.
Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Maestro Titular: Gianni BELTRAMI ★ Maestro assistente: João Paulo SANTOS
Orquestra Sinfónica do T.N.S.C.
Bilhetes à venda nas bilheteiras do TNSC e Agências ABEP e Alvalade.
Preços de 500$00 a 5.000$00.

Patrocinio da Fundação do Mecenato Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS: RTP / Antena 1 / RR / O INDEPENDENTE

LIGA COOPERATIVA SINFONIA

ORQUESTRA DO PORTO

L. Janácek
Suite para Cordas

J. Haydn
Concerto para Violoncelo e Orquestra em Ré Maior

J. Haydn
Sinfonia nº 99 em Mi Bemol Maior

Heinrich Schiff, Maestro
e Violoncelo Solo

Porto
6.ª feira, 1 de Junho
Igreja de S. Francisco
21.30 horas

Guimarães
5.ª feira, 31 de Maio
Igreja N.ª S.ª da Oliveira
21.30 horas

Lisboa
Sábado, 2 de Junho
Aula Magna
21.30 horas

Para o Concerto de Lisboa
Bilhetes à venda na Secretaria de Estado da Cultura - Av. da República, 16. Agências de espectáculos. No dia do concerto estão à venda a partir das 14 horas no local do concerto
Preços: Doutorais-1000$00, 1º Anf.-750$00 e 2º Anf. 500$00
Descontos de 60% p/ jovens até 18 anos ou portadores de Cartão Jovem e p/ todas as pessoas a partir dos 60 anos de idade nos lugares de 1º e 2º Anfiteatro. Os alunos das Escolas de Música terão direito a desconto de 80% também nos lugares de 1º e 2º Anfiteatro.

O lugar do Teatro

Se estivermos atentos ao que se passa em alguns dos nossos jornais (diários e semanários), chegaremos rapidamente à conclusão de que alguma coisa está a mudar no que se refere à recepção do teatro. O «Expresso» dedica duas capas seguidas do Cartaz a temas teatrais, além de dispensar mais espaço à crítica de espectáculos. O «Público» dedica as primeiras páginas do seu suplemento semanal ao teatro com chamada na primeira página do jornal; o «Jornal de Notícias» gasta uma página inteira (!) com o Festival Internacional de Marionetas do Porto, com foto na capa; o «DN» começou recentemente a publicar uma nova secção dedicada a temas teatrais, às terças-feiras. O «Sete» aumentou o espaço do teatro, especialmente em entrevistas, e voltou a ter uma coluna de crítica.

Estes sintomas não enganam: mesmo que sejam limitados, são um facto a considerar, sobretudo se tivermos em conta a atitude hostil ou de desprezo que até há pouco a Imprensa nutria pelo teatro de que se dizia não interessar a ninguém.

Aliás, para se ver que alguma coisa está a mudar, basta ter presente o interesse manifestado pelo público portuense em relação ao festival de marionetas já referido e que se realizou entre 3 e 13 de Maio, com o dobro do público da edição anterior. Raramente temos visto o Carlos Alberto tão cheio como aconteceu com o espectáculo, aliás, genial, *Dérives*, de Philippe Genty.

Mas é o caso da comunicação social que neste momento nos interessa, como prova de que o teatro voltou ou está a voltar a ocupar o lugar a que tem direito.

Falta a televisão, é certo. Mas a televisão também vai lá. Daqui a algum tempo.

Tchekhov em Portugal

Razões de sobra

Foi por um telefonema da Teresa Coelho, de «O Público», que fomos advertidos: essa do Ano Mundial de Tchekhov, proclamado pela UNESCO, é treta. A UNESCO, segundo Teresa Coelho, recusava a maternidade e a paternidade da coisa. Rebuscámos os papéis e lá estava: um artigo do «DN» com os títulos: «No 13.º aniversário do dramaturgo russo - UNESCO consagra 1990 a Anton Tchekhov.» Mas antes dessa encontrámos, no mesmo jornal, uma outra notícia intitulada: «Por decisão da UNESCO Tchekhov será a figura cultural de 90.» Data: 31-12-1989. Também «A Capital» publicou em 2-01-90 um artigo sobre o assunto cuja fonte era notoriamente a mesma e, aliás, aproveitada por outros jornais para a divulgação da notícia que acabou por surgir como máscara bem tchekhoviana de um acontecimento que não existe.

Seria necessário saber que fonte seria essa. Para isso recorremos uma vez mais a Teresa Coelho que investigou o suficiente para descobrir que a notícia teria aparecido a partir de um despacho da Novosti.

Salvo erro, teria havido confusão entre a comemoração na URSS e mesmo noutros países, nomeadamente no Japão, do 13.º aniversário do nascimento de Tchekhov que provavelmente conta com o patrocínio da UNESCO, e a proclamação do Ano Mundial de Tchekhov.

Aliás, fomos convidados a participar num colóquio que devia ter-se realizado em Itália, entre 2 e 10 de Abril, mas que foi anulado por causas económicas, organizado pelo Centro Soviético da Associação Internacional de Críticos de Teatro e que se inseria no festival *nacional* de espectáculos com peças de Tchekhov.

Desde Janeiro que temos trazido semanalmente ao «DL» notícias e comentários referentes à produção em Portugal de espectáculos com obras de Tchekhov. Continuaremos a fazê-lo. Para nós, todos os anos são anos Tchekhov, como são anos Shakespeare, Vicente, Brecht, Ibsen, Lorca, Strindberg, Williams, Molière, O Judeu, Sófocles, Eunice, Cintra, Mota, Lourenço, Viegas, e um etc. do tamanho do mundo... Enquanto tivermos um bocadinho de papel continuaremos a falar deles e dos outros. Até à hora da nossa morte. Ámen.

No que se refere a Tchekhov, além da comemoração do 13.º aniversário do seu nascimento, lembremos que algumas das suas peças mais importantes estiveram, estão ou vão estar em cena. Em finais de 1989, o TEAR apresentou

O Jardim das Cerejeiras, com encenação de Rogério de Carvalho e cenografia de José Manuel Castanheira; os dois voltaram a trabalhar Tchekhov, desta vez com a menos conhecida mas não das menos belas das suas peças, *Platonov*, criação do TEUC, co-produção do ACARTE, espectáculo em cena.

PEQUENO TEATRO

Ainda com aquele encenador e aquele cenógrafo, o Teatro Nacional projecta uma encenação nova de *A Gaivota* peça que está também no programa do Centro Dramático de Évora. Como se vê, não faltam razões para continuarmos a falar de Tchekhov.

Sobre este assunto, consultar o suplemento «Leitures» de «O Público» (8-05-90), com artigos de Maria João Brilhante e Teresa Coelho e depoimentos de Jorge Listopad e Rogério de Carvalho, além de uma cronologia bastante completa do autor russo.

Carlos Porto

Alexandra Lencastre e Antonino Solmer em «Cenas da Vida de Benilde», encenação de Jorge Listopad com o Teatro Hoje

Ainda os ingleses

Consta que os actores portugueses, com os do Teatro Nacional à frente, vão solicitar aos directores dos jornais para substituírem os críticos de teatro actualmente em actividade. Eles querem ser criticados não por críticos portugueses mas por actores ingleses que tanto se comoveram ao ouvi-los ler Shakespeare, e era só meio-dia.

Foi pelo menos o que o «O Público» (5-05-90) contou: *Actores portugueses disseram em português excertos de Shakespeare para os seus colegas inglesas da Renaissance. Ema Thomson chorou o tempo todo e, no fim, soluçava no ombro de Rui de Carvalho.*

Compreende-se e até se aceita que os nossos actores prefiram ser criticados por actores ingleses. No mesmo texto, assinado por Isabel Braga, conta-se uma coisa estranhíssima. No Porto, segundo declarações da actriz Ema Thomson, o êxito do *Sonho de Uma Noite de Verão* foi tão grande que já ela estava no duche e ainda o público aplaudia. Só por estar debaixo de água, Ema Thomson não pôde voltar ao palco.

Esta parte é que a gente não entende.

Cintra e os ingleses

Luís Miguel Cintra é que não esteve com mais aquelas e disse em voz alta o que alguma gente disse baixinho ou limitou-se a pensar. Por exemplo: *Tanto o* Sonho de Uma Noite de Verão *como o* Rei Lear *são trabalhos banalíssimos.* (...) *Com uma representação cheia de clichés por parte dos actores* (...) (Branagh) *soube aproveitar-se de saloios como os portugueses de Lisboa que ficam todos contentes porque vem cá uma companhia inglesa... São pessoas muito fáceis de enganar.* (...) *As pessoas viram muito pouco teatro e depois pensam que por estarem num espectáculo desses, em que pagaram um bilhete muito caro estão a subir na vida. Isso satisfaz-lhes o ego.* (...) *E o português é também muito provinciano neste aspecto, pois facilmente se faz sucesso com coisas que não merecem e destrói coisas que não deviam ser destruídas.* (Declarações de Luís Miguel Contra - «Diário Popular»/14-05-90).

Cartaz

A Ver Vamos

A Grande Noite do Teatro - a último de Maio. Começa às 19.00 e não se sabe quando acaba.

Em cena duas peças em estreia - e que peças! *O Estrangeiro em Casa* de Richard Démarcy e *Um Eléctrico Chamado Desejo* de Tennessee Williams. Nada mais nada menos.

No Porto, continuação do FITEI com espectáculos de Espanha, da América Latina, de África, e também portugueses. Outro acontecimento a não perder.

Em Lisboa, um outro grupo espanhol: «Teatro para Un Instante», em cena no Cinearte com o seu último espectáculo, *Crazy Daisy*. Na Sala Experimental do T. Nacional, o novo espectáculo do Bando, *A Terceira Margem do Rio*, encenação de João Brito sobre um texto de J. G. Rosa. Em Algés, no 1.º Acto, estreia de um novo grupo, Locomotiva Promoções, com a peça *S'Tôres*, de John Godber, em cena durante o mês de Junho.

No Palco Oriental, ao Beato, *A Bela dos Olhos de Seda*, de Bepi Marsuli, com encenação de Pedro Wilson.

No Maizum: *O Rei e a Rosa*, de Filipe Petronilho.

Só Visto

Estreia do novo espectáculo do Teatro da Cornucópia, em cena no Teatro do Bairro Alto, a colagem de Manuel João Gomes com textos de Manuel Figueiredo, autor do séc. XVIII, *Um Poeta Afinado*. Continuam: *Na Solidão dos Campos de Algodão*, de Bernard-Maria Koltès, encenação de João Lourenço, em cena no Teatro Aberto; *Inimigos*, de Nigel Williams (Clube Estefânia); *Felicidade* e *Erva Doce*, de Peter Shaffer, C.ª de Teatro de Almada; *A Floresta*, de Ostrovski, Teatro da Malaposta; *Cenas da Vida de Benilde*, de José Régio, Teatro Hoje.

«Teatro para Un Instante» em Portugal

A convite da ACZERT e da Barraca, desloca-se a Portugal o «Teatro para Un Instante», grupo independente fundado em 1983 e sediado em Granada. Tendo começado como grupo de amadores, o «Teatro para Un Instante» passou a profissional em 1985. O grupo tem construído os seus espectáculos, a maioria deles, em colectivo, embora tendo como base dramatúrgica textos mais ou menos consagrados.

Foi o que aconteceu com o primeiro espectáculo com o título *Ubunuestro de cada dia*, a partir do *Ubu Roi* de Jarry; de 1985, *Abra* propunha uma meditação, comunicada em termos audiovisuais, sobre a Mulher; uma outra meditação, esta sobre o tema da droga e suas consequências, no espectáculo *El Envenenador Publico*, também de 1985. Em 1986 estreia, numa encenação de Julio Castronuovo, bem conhecido em Portugal, de uma versão própria da peça de Lorca *La Tragicomédia de Don Cristobal y la Seña Rosita*. Em 1988, *La Merienda de los Generales*, a peça de Boris Vian, estreada em Portugal pelo Grupo 4, no Teatro Aberto. Tratou-se de uma outra criação colectiva.

Finalmente, o espectáculo mais recente do Teatro para Un Instante, com o título *Craizy Daisy* que o grupo define como inspirado na «técnica dadá», por outras palavras, «o monólogo de um animal e o diálogo de uma mulher».

O guião e a encenação são de Sara Molina e a interpretação de Chus Cutillas e da Vaca Daisy.

É este espectáculo que o grupo apresenta em Portugal, em Lisboa no dia 31 de Maio, até dia 4 de Junho, segunda-feira, este especialmente dedicado à classe teatral, espectáculos no Cinearte, às 21.30. Depois disso o grupo de Granada desloca-se a Tondela, Viseu, Porto e Coimbra.

CANAL DA CRÍTICA

Igreja, para onde vais?

José Mensurado apresentou aquele documentário sobre a actualidade religiosa no Brasil tendo, como pano de fundo a Reforma Agrária.

São nítidas duas grandes linhas de força. De um lado, a Igreja comprometida com os pobres; do outro, a Igreja da burocracia e do aparelho instalado no Vaticano. A primeira, resolvida a entrar no conflito social, tomando voz pelos mais fracos; a outra pretendendo esbater oposições, mas participando na realidade, a favor dos poderosos.

O documentário de origem canadiana, ficará como um dos mais preciosos documentos que a Televisão nos deu, autêntico gesto de recriação dos actos dos apóstolos. Claramente, também ele pareceu apoiar os trabalhadores pobres e a Igreja defensora da Reforma Agrária.

Digo *pareceu* para retirar ao notável documentário qualquer suspeita de opção prévia. Ali vimos todas as partes manifestar a sua posição. Se a realidade, depois, toma opção, ela própria, então isso já não é com o jornalista, mas com a essência da História.

Vimos o latifundiário acusar os camponeses de usar armas de fogo fornecidas pelos padres - mas vimos as espingardas artesanais de carregar pela boca para matar passarinho...

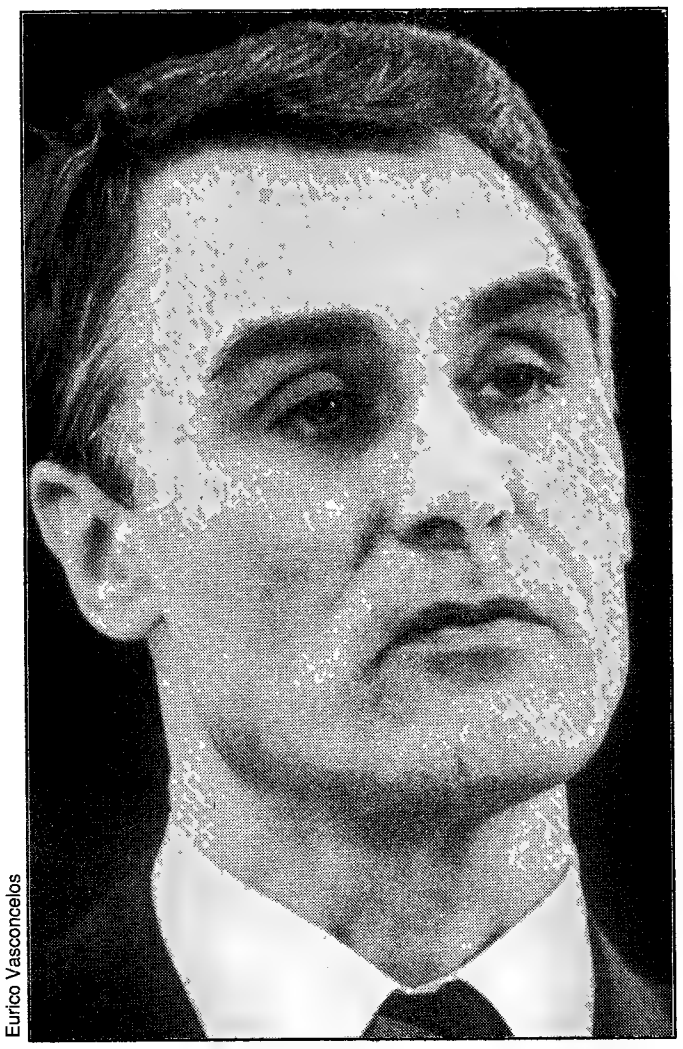
Vimos e ouvimos o membro do partido da direita UDR acusar os ocupantes de provocar desordem, mas ouvimos o depoimento sereno daquele padre:

- No dia 27 de Agosto de 1987, à noite, estava celebrando uma missa. Quando a missa estava no fim, alguém atirou em mim. Havia ali umas 500 pessoas. Era uma noite de festa grande. Por causa do atentado, fiquei completamente cego.

Ouvimos o longo depoimento de um latifundiário de punhal nos dentes:

- A Igreja progressista foi uma maneira desses agitadores marxistas penetrarem na sociedade. Sabe-se que existe uma reacção a todos aqueles que vêm pregar a socialização, a comunicação no país. Então qual foi o caminho para eles chegarem à sociedade? Qual era o palanque de que eles precisavam? Resolveram transformar-se em agentes pastorais, ocupar os púlpitos das igrejas, principalmente na faixa de fronteira e na maioria das vezes não são padres brasileiros, são homens que vieram de fora e que chegam aqui com essa história de progressista dizendo que Cuba é a Terra Prometida e Fidel Castro é Jesus Cristo.

Mas também ouvimos aquele documento excepcional que só por si daria qualidade a um documento: a entrevista de um matador profissional contratado pelos latifundiários para assassi- padre Jorge Morais Tavares, uma das mil pessoas que no Brasil, pagaram com a vida o seu combate pela Reforma Agrária. O matador está preso, não se sabe por que crime. Mas os que o contrataram encontram-se em liberdade...



Eurico Vasconcelos

Cavaco Silva: «Uma lição decorada e mal aprendida...»

Vimos e ouvimos o arcebispo nomeado pelo Papa para segurar as rédeas do sistema. Mas ouvimos o bispo Casaldáliga:

- Só entende de pressão quem convive com os oprimidos. Nós notamos que há uma tendência em Roma para defender uma ordem com bispos e cardeais que sejam harmonizados com o sistema social e que evite, o mais possível, os conflitos. Entretanto, a realidade é mais forte do que a estratégia burocrática de Roma. Muitos bispos escutam a realidade e eles mesmos se transformam e acabam sendo promotores da organização popular.

Tudo visto e ouvido, ficou bem claro que a Igreja se encontra no ponto crucial do seu destino: ou o regresso à verdade da raíz, ou o compromisso sem futuro com as forcas - sem futuro.

Fica na memória do espectador aquele breve diálogo entre a repórter e a camponesa:

- Que é que você acha desta Igreja?

- Acho que está muito certa nesta luta. Se ela sair deste caminho, nós saímos dela.

Este *nós* dirá apenas respeito aos brasileiros?

Alívio no Cais do Sodré

Foi grande a movimentação política - esclareceu José Eduardo Moniz - com o PS em congresso, por um lado, e o Governo a mostrar o que faz, por outro...

A frase dá-nos ideia da perseguição a que o PSD submete todas as forças políticas, não lhes dando a menor «chance» na estrada. Mal um ciclista se destaca, logo ele manda o Governo para o apanhar e o atirar para o fim do pelotão.

Se o dr. Mário Soares vai para um lado, o prof. Cavaco Silva vai logo para outro, um abre simpósios, outro corta-fitas. Se qualquer partido tem uma iniciativa, arranja-se logo um chafariz para inaugurar. Do lado do Governo reina o princípio de que nunca se deve deixar o *Telejornal* aos adversários, é preciso disputá-lo palmo a palmo. Tudo, menos deixar que o adversário apareça isolado. A movimentação partidária nada mais representa senão a disputa do campo televisual. Ganha, claro, quem tiver as peças mais bem colocadas no terreno.

Esta disputa arrasta a situações caricatas quando excessiva. Como se viu naquela reportagem sobre o interface entre as linhas de Cascais e Sintra.

A história já fora feita em anteriores blocos informativos, em quantidades substanciais. Mas o Primeiro-Ministro não se coibiu de a repetir, em termos do menino que repete uma lição decorada e mal aprendida. Ele, com o ministro Ferreira do Amaral ao lado, lembravam uma cena do Bucha e Estica.

Transcrevo as palavras da ocasião para se ver onde pode levar a gula da propaganda:

1.º MINISTRO - Uma obra muito importante e que tive oportunidade de visitar hoje é a que vai permitir ligar a linha ferroviária de Sintra à linha de cintura, e também a transformação da estação de passageiros da estação de Alcântara-Terra que também irá ser ligada à estação de Alcântara-Mar.

Isto vai facilitar substancialmente a vida das pessoas que vêm do lado de Sintra ou que vêm do lado de Cascais-Estoril, na medida em que essas pessoas poderão continuar de comboio para as zonas do norte de Lisboa, para Sete Rios, para Entrecampos, para o Areeiro. Isso vai melhorar substancialmente a vida das pessoas que vêm de Cascais, vêm do Estoril, vêm de Sintra e não querem ir nem para o Cais do Sodré, nem querem ir para o Rossio.

Por outro lado, posso-lhes dizer aqui hoje, que a quinta faixa da ponte sobre o Tejo poderá entrar em funcionamento durante este Verão.

REPÓRTER - Senhor Primeiro-Ministro, a ligação Alcântara-Mar - Alcântara-Terra, ou ao contrário, Alcântara-Terra - Alcântara-Mar, as obras necessárias vão começar quando?

1.º-MINISTRO - Estão neste momento a ser programadas, melhor, a ser projectadas, porque a ideia é construir como que um tabuleiro superior que vai permitir através talvez de faixas rolantes desde Alcântara-Mar até Alcântara-Terra - o senhor ministro segundo me informou os projectos poderão estar prontos de forma a que no próximo ano...

MINISTRO - ... primeiro trimestre.

1.º-MINISTRO - ... primeiro trimestre do próximo ano, as pessoas possam descer na estação de Alcântara-Mar e passar para Alcântara-Terra até a ligação à linha que conduz até Azambuja. Isto vai, segundo se pensa, aliviar, em cerca de 30 por cento, a carga da estação do Cais do Sodré.

REPÓRTER - Por que é que se faz agora e não se fez antes, senhor Primeiro-Ministro?

1.º-MINISTRO - Senhor ministro, diga lá...

MINISTRO - Bom, essa pergunta não deve ser feita a nós...

1.º-MINISTRO - Bom, talvez eu tenha uma resposta. Primeiro, foi a ditadura e foi a guerra do Ultramar, depois foram 16 governos em 11 anos - e com 16 governos em 11 anos não há obra que resista...

Caros leitores, desde as charlas de Américo Tomás que não assistia a uma cena tão gostosa!

O nabo da semana

A informação desportiva da RTP há-de ser cuidada com extremo rigor, pelo papel educativo que pode desempenhar em função do público que abrange. Daí a frequência com que tratamos dela nesta secção.

O comentador da final da Taça foi uma lástima. Rodrigo Guedes de Carvalho que nos comentários desportivos dos telejornais se mostra comedido e simples, foi ali de um excesso de verborreia condenável.

E como quem fala de mais, mais se sujeita ao erro, muitos dos seus comentários atingiram laivos de anedota. «O Amadora não deixa de atacar, pois isso poderá proporcionar-lhe o segundo golo...» «Um golo nesta altura poderá ser fundamental. Pode ser importante. Pode ser decisivo para a sorte do jogo...» Antes do golo do Farense: «Duílio dentro de 5 minutos, poderá levantar a Taça de Portugal...» Depois do golo do Farense: «Dizia eu que Duílio iria levantar a Taça de Portugal. Há que rectificar esta ideia...»

E a solução por grandes penalidades? Primeiro, que sim. Minutos depois, que não. Mais tarde, que sim, Novamente que não. Finalmente que sim...

Rodrigo não pode deixar de levar o prémio da nabice desta semana. Será que a escola de Nicolau de Melo está a ganhar adeptos?

Mário Castrim

DESPORTO

Pinto da Costa: posição firme

Porto quer inquérito à polícia

Jorge Nuno Pinto da Costa, presidente do F.C. do Porto, deu conhecimento ao ministro da Administração Interna (Manuel Pereira) de novas provas sobre os acontecimentos relacionados com os incidentes no Estádio das Antas, que tiveram lugar quando a Polícia carregou sobre adeptos dos «dragões» após estes terem invadido pacificamente o terreno de jogo depois do encontro F.C. Porto - Beira Mar, da última jornada do campeonato.

Pinto da Costa, acompanhado pelo vice-presidente federativo Ribeiro de Magalhães, disse que tinha fornecido a Manuel Pereira fotografias e dois filmes realizados por amadores sobre os incidentes: «Repudiamos a atitude da autoridade que maltratou a massa associativa do F.C. Porto», referiu Pinto da Costa, tendo acrescentado que «existe espírito de colaboração» entre o ministério e o clube nortenho.

O presidente dos «dragões» adiantou esperar que o inquérito mandado instaurar pelo ministro da Administração Interna apure responsabilidades «para que não volte a acontecer o mesmo». Manuel Pereira referiu que os novos elementos de prova fornecidos por Pinto da Costa «vão fazer parte dos autos do inquérito». Sobre a conversa que manteve com Pinto da Costa, declarou que «foi muito positiva e o inquérito será realizado no mais breve espaço de tempo possível, mas vai demorar alguns dias porque o queremos perfeito e organizado com cuidado», acrescentou o ministro, para sublinhar: «Se houver responsabilidades da autoridade nos incidentes abrir-se-ão processos disciplinares aos infractores».

Portalegrense venceu «debutantes» do Farense

Futebol: Federação contraria a verdade

Farense e Portalegrense acertaram ontem o calendário da zona sul da 2.ª divisão, disputando o encontro correspondente à 33.ª jornada, que fora adiado devido á participação do clube algarvio na final da Taça de Portugal. O Portalegrense venceu por 2-0 e nada a dizer quanto à arbitragem do bracarense Adão Mendes.

Têm razão as gentes de Alcântara e dos Olivais em protestar (e devem-no fazer com todo o vigor, porque lhes sobram motivos para o fazer) junto dos órgãos que regem o futebol, porque a verdade desportiva sofreu um atentado provocado pela ligeireza com que os dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol resolvem os casos (ainda que omissos nos regulamentos) que vão surgindo em ritmo alarmante. A competência está afastada a milhas da Praça da Alegria e por aí se vai falando, com bastante intensidade na urgência de meter uma forte vassourada naquele areópago. Atente-se na formação que o clube de Faro apresentou no Municipal» de Portalegre» Bahía; Amílcar, Jorge Soares, João José e Cachola; Hugo, Nelinho, Dicá e Armando; Lima e Xabregas (jogaram ainda Zé Carlos, que rendeu Armando e Carlos Filipe que ocupou o lugar de Hugo. Alguém já tinha ouvido falar nestes artistas? Alegam os responsáveis do Farense que se encontram lesionados Lemajic, Sérgio Duarte, Pitico e mais alguns e que os demais tiveram que ser poupados para a «finalíssima» de domingo. É inquestionável que qualquer outro treinador faria o mesmo que Paco Fortes uma vez que a promoção já está assegurada e o objectivo, em mira é vencer a Taça de Portugal a partir para a Europa, mas não restam dúvidas houve atentado á ética e foi contrariada a verdade desportiva.

Repare-se bem que o Farense apresentou, seis seniores que habitualmente não saltam do banco, cinco juniores e no banco estiveram um sénior e mais três juniores. Perante isto quem se atreverá a retirar razão à boa gente de Alcântara e dos Olivais? A impugnação já seguiu pelas vias hierárquicas e a Associação de Futebol de Lisboa cumpre ser enérgica no acompanhamento do assunto junto da FPF.

Os golos do Portalegrense foram rubricados por José Manuel (41 e 84 minutos) e Ludgero Carvalho colocou em palco o seguinte quadro: Vítor; Carlinhos, Anfelde, Bravo e Boavida; João Carlos, José Manuel, Pedras e Costa; Curinha e Rogério tendo Zé rendido Rogério e Mário ocupado o lugar de Curinha.

Vital regressa ao Lusitano

Dinis Vital (velha glória do Lusitano e do futebol eborense) será o treinador do Lusitano de Évora na próxima temporada, substituindo Leonildo Vilanova, que entrara para o comando da equipa depois da saída (para o Vianese) de Joaquim Meirim.

Árbitros em festa

Por iniciativa da APAF — Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol realiza-se no próximo domingo, no Cabeço de Montachique, o festival de encerramento das actividades do sector, não faltando o tradicional joguinho de futebol (Vítor Correia será o juiz), frango de churrasco e a indispensável sardinhada. Havendo «finalíssima» da Taça, a data terá sido bem escolhida?

«Dragões» em viagem

A equipa principal do FC Porto já se encontra em Turim, onde, esta noite, defrontará um misto formado por jogadores da Juventus e do Torino, em encontro particular cuja receita (os portistas receberão uma verba simbólica) reverterá a favor da Liga italiana contra o cancro. Depois deste confronto em Turim, a comitiva portuguesa seguirá para a RFA para defrontar, amanhã, o Kaiserlautern em jogo integrado nas comemorações do 90.º aniversário daquele clube. Artur Jorge fez deslocar os seguintes jogadores: Vítor Baía, Silvino, João Pinto, Abílio, Toni, Geraldão, José Carlos, Morato, Semedo, Kiki, André, Jorge Couto, Jaime Magalhães, Nascimento, Rui Águas, Madjer, Domingos e Barriga. Outros elementos da comitiva: Pôncio Monteiro, Reinaldo Teles, José Bandeira e Luís César (dirigentes), Artur Jorge e Octávio Machado (técnicos), Domingos Gomes (médico), Rodolfo Moura (massagista) e o roupeiro Fernando Brandão.

Benfica em Luanda

Hoje, pelas 21 e 30, um grupo de futebolistas do Benfica parte para Angola, para actuar no domingo perante o Petro Atlético. Dia 5 de Junho, estará em Moçambique, para um encontro, no Maputo, com o Costa do Sol. A comitiva, dirigida pelo presidente João Santos, integra 35 elementos, incluindo jogadores, técnicos e convidados. Porém, o técnico Sven-Goran Eriksson não pode contar nestes encontros com os futebolistas do Benfica que vão alinhar no Campeonato do Mundo de Itália-90 (os brasileiros Valdo, Aldair e Ricardo e os suecos Mats Magnusson e Jonas Thern) que já integram os trabalhos de preparação das suas selecções, e ainda outros nomes destacados do «plantel»: casos de Silvino (que ainda não revalidou contrato com os «encarnados», porque os 1900 contos de vencimento mensal que deseja não encontraram concordância na direcção da águia), Álvaro e Ademir, já a tratarem das suas transferências. Na comitiva viajam Bento, Dias Graça, José Carlos, Paulinho, Paulo Madeira, Samuel, Fernando Mendes, Veloso, Diamantino, Hernâni, Pacheco, Abel, Vata, Lima, Chalana, César Brito, Sousa e o boliviano Irwin Sanches.

Seguem ainda viagem os dirigentes Gaspar Ramos, Luís Tadeu, Fonseca Santos e Shéu Han, os médicos Bernardo Vasconcelos e Amílcar Miranda, o massagista Asterónimo Araújo, o roupeiro Luís Santos e os técnicos Toni e Eusébio. Regresso previsto para 6 de Junho.

Sporting: vitória

O Sporting venceu o 1.º de Agosto (Angola) por 1-0, em jogo particular realizado no Estádio da Cidadela, em Luanda. Assistiram ao encontro cerca de 60 mil espectadores, e o único golo da partida foi apontado por Litos, na transformação de uma grande penalidade. As duas equipas:

1.º de Agosto: Thomas; Arsénio, Ndisso, Joaquim e Neto; Russo, Valentim (Mulef), Mateus (Moisés) e Vieira Dias; Manuel (Mbila) e Nelito Kuanzas (Kiss).

Sporting: Sérgio; Portela, Venâncio, Miguel e Leal; Ali Hassan (Mário Jorge), Litos, Oceano e Carlos Xavier; Edel e Fernando Gomes (Maside).

Entretanto, Paulinho Cascavel e João Luís pediram autorização ao técnico Marinho Peres para se deslocarem ao Brasil, em gozo de férias, tendo já o consentimento do dirigente Manolo Vidal. Os dois atletas voaram para o seu país, tranquilamente. Só que o presidente Sousa Cintra não gostou: e entendendo que é também o principal responsável pelo futebol sportinguista resolveu mover processos disciplinares a Paulinho Cascavel e João Luís. Um duplo pretexto para os dispensar de Alvalade...

Trocas e baldrocas

O Benfica acordou a transferência de Abel, Ademir e Tiano para o Boavista. China viaja: de Penafiel para o Beira Mar, clube que também adquiriu o passe de Bozinosky e do avançado zambiano Chewalla, enquanto Lowden (Freamunde) se muda para o Tirsense.

Afinal, o ainda recente técnico boavisteiro Manuel Barbosa não passa para o Leixões: uma fatia da direcção matosinhense não concordou com a contratação.

Luto coimbrão

Manuel da Costa, antigo jogador da Académica de Coimbra (chegou a conquistar uma Taça de Portugal) faleceu, no Hospital da Universidade de Coimbra. O fuberal realizou-se esta manhã. Paz à sua alma.

Nuno Marques apeado do Roland-Garros

Nuno Marques perdeu na 2.ª ronda do quadro principal do Open de França em ténis, com o australiano Johan Anderson, em três «sets». O jogador australiano (número 109.º do mundo) bateu Nuno Marques por 7-5, 6-3 e 6-1. O encontro foi disputado no «court» número 3 do complexo de Roland-Garros.

Apesar da derrota, o tenista português obtivera o seu 1.º êxito no quadro principal, na 2.ª-feira, ao derrotar o argentino Christian Miniussi. A vitória de Marques frente a Miniussi valeu-lhe mais de 20 pontos ATP e Marques deverá regressar ao lote dos 150 melhores do mundo, após a conclusão do Open de França, Foi a 1.ª vez que o um tenista português ganhou uma ronda no quadro principal de um torneio do Grand Slam.

Nuno Marques encerrou, em Paris, a sua presença em competições de terra batida, orientando a partir de agora a participação em torneios de relva em Inglaterra, tencionando competir em Queen's e Wimbledon. Seguidamente, Nuno Marques entrará nas competições de piso rápido, que culminam com o Open dos Estados Unidos (em Setembro) onde há dois anos perdeu na 1.ª ronda do quadro principal.

Entretanto, o argentino Franco Davin (20 anos) que, em Abril, foi finalista do Estoril, eliminou o seu compatriota Alberto Mancini em quatro «sets» na 2.ª ronda, em Roland-Garros. Davin bateu Mancini com os parciais de 6-3, 5-7, 7-5 e 6-1. Mancini atingira o ano passado os quartos de final em Paris e vencera o Open de Monte Carlo e de Roma, chegando a ser o 8.º jogador mundial.

Na jornada de ontem um pequeno jogador tornou-se vedeta: o sueco Niklas Kulti (campeão júnior no ano passado) eliminou na 1.ª ronda um dos candidatos, o espanhol Emilio Sanchez e na 2.ª derrotou o suíço Jakob Hlasek, por 6-2, 6-4 e 6-4.

O norte-americano Michael Gang continuou a defesa do título mas cedeu um «set», embora dominasse o suíço Marc Rosset, por 7-5, 4-6, 6-4 e 6-3. Outro forte candidato, o soviético Andrei Chesnokov (3.º cabeça de série) bateu o francês Jean-Philippe Fleurian por 7-6, (8-6), 6-2 e 6-0 e o argentino Guillermo Perez-Roldan (15.º cabeça de série) também prosseguiu em prova, derrotando o soviético Andrei Cherkasov em trêes «sets», por 7-5, 6-4, 6-3.

Nomes mais destacados que passaram à 3.ª ronda: Jordi Arrese e Javier Sanchez (Espanha), Henri Leconte (França), Jim Courier e Andrea Agassi (EUA), Johan Anderson (Áustria), Andrei Chesnokov (URSS), Niclas Kulti (Suécia) e Franco Davin (Argentina) em homens Steffi Graf e Wiltrud Probst (RFA), Gabriela Sabatini (Argentina), Jane Novotha e Radka Zrubakova (Checoslováquia), Camille Benjamin (EUA), Andres Temesvari (Hungria) e as italianas Sandra Ceccihini e Laura Lapi, no sector feminino.

Por cá

A tenista portuense Joana Pedroso resistiu uma hora e 19 minutos à belga Els Callens, perdendo na 2.ª ronda do torneio feminino de 10 mil dólares, no Estádio Nacional. Joana Pedroso, que foi a única das três tenistas portuguesas a ganhar na 1.ª ronda, perdeu por 6-1 e 6-4 com a belga Els Callens, 4.ª cabeça de série do torneio, designado por Tabaqueira Ladies Open. A espanhola Ana Segura (1.ª cabeça de série) cedeu um «set», derotando a sul-africana Jannine Humphreys, por 3-6, 7-5 e 7-6 (7-3). Outros jogos dos oitavos de final: Jorgelina Moreno (Argentina) - Jenny Klem (RFA), 6-7 (5-7, 6-2, 6-2; Eva Bes (Espanha) - Carolina Boscardin (Brasil), 6-0, 6-3; Nadja Beik (RFA) - Paula Boccia (Argentina), 7-5, 6-4; Maria José Llorca (Espanha - Stephanie Mayorkis (Brasil), 6-4, 6-0; Jatja Oeljeklaus (RFA) - Sofie Linner (Suécia), 6-3, 2-6, 6-0 e Ana Quintana (Espanha) - Tatiana Buss (Brasil), 6-3, 5-7, 6-3.

Ciclismo

Holandês lidera «O Jogo»

Ontem disputaram-se duas etapas da Volta do Futuro, organizada pelo jornal «O Jogo» tendo Jorge Silva (Sicasal) triunfado na tirada Viseu-Moncorvo, na distância de 127 quilómetro, enquanto o seu companheiro de equipa, o brasileiro Cássio Freitas, foi o vencedor do contra-relógico em Moncorvo que teve como consequência a mudança da amarela despida pelo jovem Paulo Ferreira (Tensai/Sontec/Etiel) e envergada pelo holandês Luc Suykeerbuyk da equipa espanhola Festina/Lotus. Seguem-se ao holandês Manuel Cunha (Avibom/Velouro/Lousa) a 8 segundos, Joaquim Martines (Royal) a 12, Neil Stephens (Royal) a 16, Delmino Ferreira (Recer/Boavista) a 19 e Joaquim Andrade (Sicasal/Acral) a 25 segundos.

Acácio no «Giro»

Acácio Silva continua no 69.º posto da classificação geral da Volta a Itália a 57 minutos do líder, o italiano Gianni Bugno. Após a 12.ª tirada o avanço de Gianni sobre o segundo classificado (Marco Giovannetti) é de 4 minutos e 16 segundos.

Vem aí o mundial de futebol (1)

Itália: desfile de «estrelas» sobre relva

Está à porta o mundial de futebol que, reunindo 24 equipas de alta qualidade, mesmo deixando fora do painel outras formações com prestígio e qualidade mas que não conseguiram vencer os problemas colocados na estrada para selecção, promete carregar toda a gama emocional, capaz de colocar em polvorosa centenas de milhões de adeptos espalhados pelos quatro cantos do planeta.

A partir de hoje (e, como foi trivial em edições anteriores da competição), o «Diário de Lisboa» estará atento a todas as incidências que forem rodeando a galopada para o título, quotidianamente trazendo a lume todos os temas susceptíveis de cativar os nossos bons companheiros de leitura.

Abrimos a série de trabalhos apresentando a lista definitiva dos artistas inscritos no festim. E, sabe-se já, que os Camarões (grupo B) vão ser multados pela FIFA por terem falhado o prazo fixado para a entrega de lista definitiva de jogadores escalados para Itália. O Comité Organizador da Taça do Mundo reunirá a 4 de Junho para decidir qual a multa a aplicar aos Camarões, o único dos 24 finalistas que não respeitou o prazo de 29 de Maio para divulgar a constituição e números de camisolas atribuídos à sua equipa. No que toca a 23 dos 24 finalistas, eis os elementos identificadores:

De Napoli: o camisa 11 de Itália, 38 internacionalizações aos 26 anos, centro-campista do Nápoles

Grupo A: Itália

Guarda-redes: 1, Walter Zenga; 12, Stefano Tacconi; e 22, Gianluca Pagliuca.

Defesas: 2, Franco Baresi; 3, Guiseppe Bergomi; 4, Luigi de Agostini; 5, Ciro Ferrara; 6, Riccardo Ferri; 7, Paolo Maldini; e 8, Pietro Vierchowod.

Médios: 9, Carlo Ancelotti; 10, Nícola Berti; 11, Fernando de Napoli; 17, Roberto Donadoni; 13, Guiseppe Giannini; e 14, Giancarlo Marocchi.

Avançados: 15, Roberto Baggio; 16, Andrea Carnavale; 18, Roberto Mancini; 19, Salvatore Schillaci; 20, Aldo Serena; e 21, Gianluca Vialli.

Áustria

Guarda-redes: 22, Otto Konrad; 21, Michael Konsell; e 1. Klaus Lindenberger.

Defesas: 2, Ernst Aigner; 8, Peter Artner; 3, Robert Pecl; 4, Anton Pfeffer; 7, Kurt Russ; 5, Peter Schoettel; 12, Michael Baur; e 18, Michael Streiter.

Médios: 15, Christian Keglevits; 20, Andreas Herzog; 11, Alfred Hoertnagel; 10, Manfred Linzmayer; 16, Andreas Reisinger; e 6, Manfred Zsak.

Avançados: 13, Andreas Ogris; 17, Heimo Pfeifenberger; 9, Anton Polster; 14, Gerhard Rodax; e 19, Gerald Galtzmayer.

Estados Unidos

Guarda-redes: 1. Tony Meola, 18. Kasey Keller e 22. David Vanole.

Defesas: 15. Desmonf Armstrong, 17. Marcelo Balboa, 4. Jimmy Banks, 3. John Doyle, 12. Paul Krumpe, 2. Steve Trittschuh e 5. Michael Windischmann.

Médios: 8. Brian Bliss, 20. Paul Caligiuri, 21. Neil Covone, 6. John Harkes, 19. Chris Henderson, 7. Tab Ramos e 14. John Stollmeyer.

Avançados: 13. Eric Eichmann, 16. Bruce Murray, 9. Chris Sullivan, 10. Peter Vermes e 11. Eric Wynalda.

Checoslováquia

Guarda-redes: 1. Jan Stejskal, 21. Ludek Miklsko e 22. Peter Paluch.

Defesas: 2. Julius Bielik, 7. Michal Bilek, 12. Peter Fieber, 3. Miroslav Kadlec, 15. Vladimir Kinier, 5. Jan Kocian e 6. Frantisek Straka.

Médios: 4. Ivan Hasek, 16. Vilian Hypravy, 8. Jozef Chovanec, 9. Lubos Kubik, 11. Lubomir Moravcik, 13. Jiri Nemec, 20. Vaclav Nemecek e 14. Vladimir Weiss.

Avançados: 19. Stanislav Griga, 17. Ivo Knoflicek, 18. Milan Luhovy e 10. Tomas Skuhravy.

Grupo B: Argentina

Guarda-redes: 1. Nery Pumpido, 12. Sérgio Goycochea e 22. Fabian Cancelarich.

Defesas: 11. Nestor Fabbri, 19. Óscar Ruggeri, 17. Roberto Sensini, 15. Pedro Monzon, 20. Juan Simon, 16. Júlio Olarticoechea, 18. José Serrizuela, 13. Nestor Lorenzo e 5. Edgard Baúza.

Médios: 4. José Basualdo, 2. Sérgio Baptista, 7. Jorge Burruchaga, 14. Ricardo Giusti, 10. Diego Maradona e 21. Pedro Troglio.

Avançados: 3. Abel Balbo, 8. Cláudio Caniggia, 9. Gustavo Dezotti e 6. Gabriel Calderon.

URSS

Guarda-redes: 1. Rinat Dassaev, 16. Viktor Chanov e 22. Alexander Uvarov.

Defesas: 2. Vladimir Bessonov, 3. Vagis Khidiatulin, 4. Oleg Kuznesov, 5. Anatoli Demianenko, 19. Sergei Fokin e 20. Sergei Golukovic.

Médios: 6. Vassali Rats, 7. Sergei Aleinikov, 8. Gennadi Litovchenko, 9. Alexander Zavarov, 15. Ivan Yaremchuk e 17. Andrei Zygmantovich.

Avançados: 21. Valeri Broshin, 10. Oleg Protasov, 11. Igor Dobrovolski, 12. Alexander Borodiuk, 13. Akhrik Tsveiba, 14. Vladimir Liutyi e 18. Igor Shalimov.

Roménia

Guarda-redes: 1. Silviu Lung, 12. Bogdan Stelea e 22. George Liliac.

Defesas: 4. Ioan Andone, 3. Michael Klein, 5. Mircea Rednic, 6. George Popescu e 20. Zsolts Musnay.

Médios: 17. Ilie Dumitrescu, 10. Gheorghe Hagi, 15. Dorin Mateut, 13. Adrian Popescu, 8. Ioan Ovidiu Sabau, 19. Emil Sandoio e 21. Ionut Lupescu.

Avançados: 18. Gavrila Blint, 9. Rodion Camataru, 7. Marius Lacatus, 11. Danut Lupu, 14. Florian Radiociou e 16. Daniel Timoffe.

Grupo C: Brasil

Guarda-redes: 1. Cláudio Taffarel, 12. Acácio Barreto e 22. Zé Carlos.

Defesas: 2. Jorge Campos (Jorginho), 6. Cláudio Leal (Branco), 18. Iomar Nascimento (Mazinho), 13. José Nepomuceno (Mozer), 21. Mauro Galvão, 3. Ricardo Gomes, 14. Aldair dos Santos e 19. Ricardo Rocha.

Médios: 4. Carlos Varri (Dunga), 5. Ricardo Brito (Alemão), 8. Valdo Filho, 7. Bismarck Faria, 10. Paulo Silas e 20. Milton dda Paixão (Tita).

Avançados: 17. Renato Portaluppi, 15. Luís Costa (Muller), 9. António Filho (Careca), 11. Romário Filho e 16. José Oliveira (Bebeto).

Suécia

Guarda-redes: 22 — Thomas Ravelli, 1 — Sven Andersson e 12 — Lars Eriksson.

Defesas: 2 — Jan Eriksson, 3 — Glenn Hysen, 4 — Peter Larsson, 5 — Roger Ljung, 6 — Roland Nilsson, 7 — Nicolas Nyhlen e 8 — Stefan Schwarz.

Médios: 9 — Leif Engqvist, 10 — Klas Ingesson, 11 — Ulrik Jansson, 13 — Anders Limpar, 14 — Joakim Nilsson; 15 — Glenn Stromberg e 16 — Jonas Thern.

Avançados: 17 — Tomas Brolin, 18 — Johnny Ekstromm, 19 — Mats Gren, 20 — Mats Magnusson e 21 — Stefan Petterson.

Costa Rica

Guarda-redes: 1 — Luis Gabello Conejo, 21 — Hermídio Barrantes e 22 — Miguel Segura.

Defesas: 4 — Ronald Gonzalez, 5 — Marvin Obando, 2 — Vladimir Quesada, 20 — Maurício Montero, 3 — Roger Flores e 15 — Ronald Marin.

Médios: 9 — Alexandre Guimarães, 14 — Juan Cayasso, 8 — German Chavarria, 10 — Óscar Ramirez, 19 — Hector Marchena, 12 — Roger Gomez e 13 — Miguel Davis.

Avançados: 11 — Cláudio Jara, 7 — Herman Medford, 16 — José Jaikel, 17 — Roy Mayers e 18 — Geozany Jara.

Escócia

Guarda-redes: 1 — Jim Leighton, 22 — Bryan Gunn e 12 — Andrew Goram.

Defesas: 17 — Stewart McKimmie, 6 — Maurice Maplas, 4 — Richard Gough, 2 — Alex MacLeish, 11 — Gary Gillespie, 15 — Craig Levin, 19 — David McPherson e 10 — Murdo McLeod.

Médios: 3 — Roy Atitken, 8 — Jim Bett, 5 — Paul McStay, 18 — John Collins, 16 — Stuart MacCall e 20 — Gary MacAllister.

Avançados: 7 — Mo Johnston, 9 — Ally MacCoist, 13 — Gordon Durie, 14 — Alan MacInally e 21 — Robert Fleck.

Amanhã: Grupos D, E e F.

Romário: o goleador do PSV Eindhoven (Holanda), convalescente de grave fractura na perna esquerda, foi chamado para o escrete canarinho

Américo Raiado anuncia o trabalho produzido e os projectos futuros

Ginásio Clube Português

Renovação e continuidade

Com a presença de elevado número de associados, realizou-se o acto de posse dos novos dirigentes do Ginásio Clube Português. Como factos mais salientes, refira-se a reeleição de Mário Correia Ribeiro como presidente da assembleia geral e de Américo da Glória Raiado no cargo de chefe do executivo e a substituição de António Tibúrcio por António Augusto Almeida na presidência do conselho fiscal. A lista dos corpos gerentes é a seguinte:

Assembleia Geral: presidente: Mário Correia Ribeiro; vice-presidente: Carlos Franqueira de Sousa; secretários: Humberto Pedrosa Novais e Rui Palma Louzeiro.

Direcção: presidente: Américo da Glória Raiado, vice-presidente: José dos Reis Feio, secretário: João Pereira Coutinho, tesoureiro: José Prata da Conceição; director para as actividades sociais: Sebastião Palma Louzeiro; director para as actividades técnicas: José Coelho Jerónimo; director para as actividades culturais: António Vieira Sousa; suplentes: Manuel Almeida Seabra, António Marques Valente, Egas de Vidigal Vieira e João Ferreira Marques.

Conselho fiscal: presidente: António Augusto Almeida; secretário: António Oliveira Maia; relator: José Francisco Machado; suplentes: Fernando Rodrigues de Oliveira e Pedro da Silva Garcia.

Colectividade de nobres tradições

Hockey Clube de Sintra festeja «Bodas de Ouro»

O Hockey Club de Sintra, prestigiosa colectividade que ostenta no seu estandarte a comenda Oficial da Ordem de Benemerência e à qual, em tempo oportuno, foram concedidas as medalhas de Bons Serviços Desportivos e de Ouro do Concelho, está a festejar as suas bodas de ouro com diversas iniciativas desportivas, recreativas e culturais, que se prolongarão até 30 de Agosto.

Detentor de um recheado palmarés, nele regista a conquista de 4 campeonatos nacionais (séniores), 2 nacionais (iniciados), vários campeonatos regionais e distritais, taças de honra e um torneio internacional seniores (Montreux). A não esquecer também o seu importante contributo dado à selecção nacional que, nos seus tempos áureos, foi integrada por vários atletas do clube, cujos nomes andam ainda na memória dos velhos aficionados desta modalidade e que, por direito próprio, entraram na história do hóquei português — Cipriano, Raio, Edgar, Velez, Magalhães, Rui Faria, Pompílio e outros. E, de referir ainda, um outro seu contributo: um treinador da selecção nacional (Cipriano dos Santos) e um seu seleccionador (António Raio).

Infelizmente, no momento presente, o HCS, mantendo, embora, a chama do hóquei em patins, ocupa um lugar modesto (3.ª Divisão) devendo-se tal facto à falta de um pavilhão coberto, condição indispensável, nos dias que correm, a uma progressão eficaz desta modalidade. Neste momento, tem apenas levantadas as primeiras vigas do seu futuro gimnodesportivo, graças à boa vonade de alguns sócios e simpatizantes, à Comissão de Festas da Nossa Senhora do Cabo e à Câmara Municipal de Sintra, que alguns apois já deu e, ao que consta tem em projecto a libertação de uma verba significativa para prossecução das referidas obras.

A Comissão de Honra das comemorações integra o ministro da Educação, presidente da Câmara Municipal de Sintra, presidente da Assembleia Municipal, director-geral dos Desportos e ainda os presidentes da Federação Portuguesa de Patinagem, da Associação de Patinagem do Sul e da assembleia geral do clube. Factos mais significativos da existência do clube fundado no dia 30 de Agosto de 1940: Fernando Cunha, Rui Cunha e Noel Cunha formaram a primeira comissão administrativa; o clube foi instalado numa pequena dependência do Palácio Valenças e o seu primeiro presidente da direcção foi o dr. Guilherme Pinheiro; a actual sede foi inaugurada em 6 de Maio de 1945; o primeiro encontro da sua equipa de honra foi realizado em 2 de Setembro de 1945 tendo como opositor o Montreux Hockey Club e o triunfo foi para a turma sintrense por 6-2; em 1947 foi-lhe concedido o grau de Oficial da Ordem de Benemerência e três anos depois a Câmara Municipal deliberou conceder-lhe a Medalha de Mérito Municipal; em 1965, por despacho do então ministro da Educação, o clube é agraciado com a Medalha de Bons Serviços Desportivos e em 1981 o Governo reconhece-o como pessoa colectiva de Utilidade Pública.

Hockey Club de Sintra: uma colectividade de inquestionável mérito em tempo de festa. Mérito pelos relevantes serviços prestados ao desporto com um historial repleto de motivos para orgulho.

«Skate» em Cascais

Pela 1.ª vez em Portugal podem ser vistos os melhores atletas de Skate a nível mundial, numa demonstração que vai ter lugar em Cascais, no Pavilhão do Dramático. Festa internacional do Skate num «show» inédito no nosso país, que vai receber nomes como Tony Hawk, Joe Johnson, Chris Miller, Ken Park e Ray Underhill, todos eles participantes activos nos circuitos mundiais.

Será já no domingo que aficcionados desta modalidade desportiva poderão ver em acção o campionníssimo Tony Hawk e os restantes jovens, todos eles do «top ten» do «ranking», numa tarde de festa organizada pela Windsurf Guincho com o apoio da RFM e o patrocínio dos Chocolates Buondies e da Pepsi, que mais uma vez apoiam as iniciativas levadas a cabo pelos organizadores (Guincho Wave Classic — Windsurf; Mundial de Surf da Ericeira).

O principal objectivo, dos organizadores, com a realização do Portugal Skate Show, é sensibilizar as autoridades para a prática desportiva por parte dos jovens como ocupação dos tempos livres. Para isso os atletas nacionais desta modalidade necessitam de um espaço próprio, um Skate Parque, para que possam, com a maior segurança, evoluir num desporto ao ar livre que tantos apreciam. Existem em Portugal alguns milhares de praticantes de Skate, que no dia 3 de Junho vão ter no Pavilhão de Cascais a sua grande festa.

Mais uma corrida para o «Guiness»

Ligação Lagos — Macau em «UMM»

A equipa portuguesa presente na expedição automóvel que ligou, pela primeira vez na história, Londres e Pequim, recebeu uma das três taças em disputa, pelo seu comportamento regular ao longo de 52 dias e 15 700 quilómetros percorridos.

A equipa portuguesa, chefiada por José Lisboa, partiu no dia 2 de Abril de Lagos, na ponta sul do País, juntando-se depois em Londres aos restantes participantes, tendo já neste momento percorrido 19 000 quilómetro. No próximo fim-de-semana, José Lisboa, ao volante do UMM Turbo, segue com outras 20 equipas para a província de Guangdong, pretendendo entrar em Macau a 16 de Junho, depois de percorridos cerca de 21 mil quilómetros.

Se o objectivo for alcançado, a equipa de José Lisboa, que é acompanhado por dois músicos latino-americanos a residir há mais de dez anos no Algarve, entrará para o livro «Guinness» de recordes, como aquela que percorreu em veículo motorizado a distância mais longa, sempre por terra.

Em Pequim, depois de 24 horas de viagem de avião, a mulher de José Lisboa e alguns portugueses a passar férias na capital chinesa aguardavam o UMM, que ostenta a bandeira nacional e ainda não teve até agora qualquer problema mecânico nem sofreu qualquer furo. O mesmo já se não poderá dizer do mais antigo carro a participar na expedição - um Lancia Simplex de 1912, que conseguiu chegar a Pequim em relativa boa forma mas ao fim de 25 furos e um reboque protagonizado pelo «jeep» português e dado na televisão chinesa, quando fez uma marcha a traz e caiu por uma ravina.

Alex Viera condecorado

O motociclista Alex Vieira, foi condecorado pelo Governo com a medalha de mérito desportivo. Alécio da Silva Vieira (Alex Vieira) foi distinguido pela sua actividade desportiva (desenvolvida em França na condição de emigrante) durante à qual venceu as duas últimas edições das 24 Horas de Le Mans em motociclismo.

O despacho assinado pelo ministro da educação (Roberto Carneiro) considera que a actuação de Alex Vieira *«com as marcas alcançadas e as vitórias conseguidas têm tido reflexos positivos na comunidade portuguesa na Europa e, em especial em França».*

Amanhã e domingo no Estádio Universitário

«DN/Lisboa Sevens» movimenta vinte e quatro equipas

Cerca de 250 jogadores e dezena e meia de árbitros participam no próximo fim-de-semana no IV «DN«/Lisboa Sevens, Torneio Internacional de Râguebi (na variante de «Sete») que volta a disputar-se no Estádio Universitário. Presentes 24 equipas, metade das quais estrangeiras, na maior organização da modalidade em Portugal.

A prova é uma vez mais patrocinada pelo «Diário de Notícias» e este ano voltou a contar com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, através do seu pelouro de Desporto. O «DN«/Lisboa Sevens faz parte do calendário oficial da Federação Portuguesa de Râguebi, marcando o encerramento da época em Portugal. Está também incluido no programa desportivo das Festas da Cidade.

Para lá do «DN» e da CML, o Clube de Râguebi — organizador da competição — conta com o patrocínio da «TV Guia» Editora, da Unicer, da Commercial Union, da Sprecher × Schuh, da Tabaqueira, da Cimpor, dos Cafés Delta, KPMG e SPC, empresas que entenderam o alcance desta iniciativa e decidiram, por isso, apoiá-la.

Fragoso Mendes (ao centro) elucida os jornalistas sobre a importância de mais uma edição do «DN/Lisboa Sevens»

A prova terá oito cabeças de série, distribuídos por outros tantos grupos de três equipas cada, jogando no sistema de «poule». No total, teremos 54 confrontos, entre sábado e domingo, figurando como encontro de abertura o duelo dos portugueses de Direito e os galeses do David Broast (início às 9 horas). As equipas vencedoras de cada série deverão passar à fase final e os 2.º e 3.º classificados qualificam-se para as Taças Primavera e Laranja, competições que se disputarão depois «a eliminar».

Quanto ao Lisboa Sevens propriamente dito, os primeiros classificados dos oito grupos, na segunda fase da competição — e esta é a novidade em relação a anteriores edições — voltam a ser agrupados em duas séries de quatro, jogando novamente em «poule». Os dois primeiros em cada um desses grupos disputam depois as meias-finais. Os derrotados das meias-finais apurarão o 3.º e 4.º lugares.

As equipas participantes são as seguintes: Cascais, CDUL, Benfica, Direito, Académica, Belenenses, Técnico, Agronomia, Universidade Livre, Arcos de Valdevez, Belas e Vila Real. *Estrangeiras*: Barbarians F.C., Universidade de Cambridge, Gloucester, South Mollton e Old Elthamians (Inglaterra); Canadian Wolverines (Canadá); Impala (Holanda); Saltires (Escócia); David Broast (País de Gales); Le Tigri (Itália); Independente de Santander (Espanha); e Gilbraltar F.C. (Gibraltar).

Médico e piloto-aviador como chefes

Olímpicos para Barcelona vão ter exames «antidoping»

Todos os portugueses que obtenham mínimos para os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, terão de passar pelo controlo antidoping, considerando o **«Exame decisivo»** para o ingresso na **«equipa das quinas»** — anunciou o Comité Olímpico Português

A decisão consta da proposta de critérios selectivos divulgada pelo **COP**, e determina que os atletas com os mínimos olímpicos **«terão, obrigatoriamente, de ser submetidos ao controlo «antidoping», nomeadamente por determinação do COP, e quando este o entender».**

O documento refere ainda que o COP, neste **«capítulo negro do desporto internacional que é o doping»**, vai **«pôr em marcha os meios necessários para que todos os resultados alcançados pelos atletas nacionais e que possam vir a ser considerados mínimos sejam expressão das verdadeiras capacidades desses atletas».**

Durante um encontro com a Comunicação Social, o presidente do COP (comandante Vicente Moura) apresentou ainda o chefe da comitiva portuguesa nos Jogos de Barcelona-92, o médico Geraldes de Oliveira, que terá como adjunto o tenente-coronel Manuel dos Santos Nicolau.

No que respeita a critérios de selecção, a proposta divulgada pelo COP é mais ampla em termos globais do que os princípios que vigoraram para o apuramento da «embaixada» portuguesa nos Jogos de Seul, em 1988. Os mínimos fixados para os Jogos de há dois anos visavam a obtenção, por parte dos atletas portugueses, de um lugar no 1.º terço das tabelas nas várias modalidades, enquanto agora o objectivo é alcançar um lugar na 1.ª metade da classificação.

«Há um ligeiro alargamento em termos globais, mas vamos ser bem mais criteriosos na análise dos resultados, nas modalidades em que não há cronometragem electrónica a confirmá-los» — afirmou o comandante Vicente Moura.

Os mínimos específicos (a definir por consenso, nas próximas semanas, entre a Comissão Técnica do COP, presidida por Celorico Moreira, chefe de missão nos Jogos de Seul e as diversas federações), serão divulgados, em princípio, a 23 de Junho, data de celebração mundial do «Dia Olímpico». Além de Celorico Moreira, a Comissão Técnica integra ainda Geraldes Oliveira, Fernando Mota, Costa Branco, Ilda Pereira, Vasconcelos Raposo (coordenador), José Sacadura e João Paulino.

Os valores propostos **«resultam da análise dos últimos cinco Jogos Olímpicos»**, na qual se procurou estabelecer **«a tendência da evolução, e prognosticar as marcas ou classificações que correspondam ao critério global definido».**

«O objectivo da delegação nacional será o da obtenção de marcas ou classificações que permitam aos atletas portugueses classificarem-se na 1.ª metade das respectivas provas» — refere a proposta de critérios selectivos para os Jogos da 25.ª Olimpíada. Esse documento pretende alcançar *«um equilíbrio entre todas as modalidades e situações de menor rigor»*, como seja a hipótese de **«serem obtidos em prova e torneios de índice técnico desajustado do mínimo global. Os resultados, para serem verdadeira expressão do potencial do atleta devem ser obtidos em condições reais (específicas) de alta competição»** — acrescenta o documento do COP, no qual se reconhece que o **«aumento de provas internacionais tem levantado dificuldades na avaliação objectiva do verdadeiro índice técnico, não exprimindo na generalidades valores típicos da alta competição.**

Exceptuando modalidades como o atletismo ou a natação, onde é exigida a cronometragem electrónica, o COP defende o princípio de que «as competições verdadeiramente avaliadoras do nível de um atleta candidato a participar nuns Jogos Olímpicos deverão ser campeonatos do mundo e campeonatos da Europa».

Porém, atendendo às modalidades em que o número de torneios europeus e mundiais são escassos e ao carácter específico de outras disciplinas, (casos do judo, boxe, luta e esgrima) o COP considera ser **«importante criar as oportunidades para obtenção dos mínimos»** e reduzir, simultaneamente, os **«factores da 'sorte' ou 'azar' que caracteriza todo e qualquer sorteio». Neste sentido, a proposta de critérios do COP defende que, para estas modalidades, devem ser considerados «um conjunto de resultados que comprovem qualidade bastante do atleta para participar nos jogos» obrigando os candidatos a entrar num «mínimo de quatro torneios» nos próximos dois anos.**

As marcas devem ser obtidas em competições disputadas **«no sistema de absolutos»**, fazer parte do calendário internacional das Federações europeias e mundiais, devendo as Federações nacionais avisar antecipadamente o COP dos torneios integrados na preparação dos seus representantes, para posterior observação. Simultaneamente, a proposta do COP estabelece que deverão ser-lhe endereçadas obrigatoriamente as actas completas das provas em causa, nas quais deverá constar os números e nomes dos países e de todos os atletas intervenientes, bem como os resultados, conseguidos por todos os atletas.

O médico José Geraldes de Oliveira será o chefe da missão portuguesa aos Jogos Olímpicos de Barcelona (em 1992) onde terá como adjunto o piloto-aviador Manuel dos Santos Nicolau: **«Vou privilegiar os contactos com as Federações e espero que elas não tenham nem caiam numa faceta simbólica e possam resultar em propostas construtivas para bem, em particular, dos atletas»** — disse Geraldes de Oliveira, de 41 anos. Ele e o tenente-coronel Manuel Nicolau são os líderes da missão portuguesa para os Jogos de Barcelona.

Presidente da Comissão Executiva do COP desde Março de 1989, Geraldes de Oliveira preside actualmente à Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça, modalidade que continua a praticar nas suas diversas variantes, depois de ter jogado voleibol e râguebi quando estudante. Geraldes de Oliveira dirige a Federação de Tiro desde 1984, ocupando cargos destacados na Federação Internacional da modalidade, da qual é membro da direcção e da Comissão Internacional de Tiro ao Voo, além de presidente da Comissão Internacional de Tiro aos Pratos (fosso olímpico).

Almada: mais espaços desportivos

A Câmara Municipal de Almada, preocupada com a construção de infra-estruturas desportivas que dêem resposta às necessidades da população, vai erguendo equipamentos um pouco por todo o concelho, com destaque para o Complexo Desportivo Municipal no Bairro Bento Gonçalves (Laranjeiro) que deverá estar concluído no próximo ano e que custará mais de 730 mil contos.

Entretanto, no dia 5 de Junho (Dia do Ambiente) serão inaugurados na Quinta da Lagoa, numa parte da área destinada à implantação do «Parque da Paz», as infra-estruturas para a prática de actividades desportivas, recreativas e de lazer, nomeadamente, um circuito de manutenção, circuitos para corta-mato, um polidesportivo descoberto e uma zona para treinos de futebol de onze e de atletismo.

Sesimbra organiza «Olimpíadas»

Prosseguindo os princípios para o desenvolvimento do desporto no concelho, a Câmara Municipal de Sesimbra vai dinamizar as II Olimpíadas Populares, apoiando um conjuno de actividades culturais e desportivas, resultantes da acção já desenvolvida pelos diversos órgãos autárquicos e agentes culturais e desportivos.

Esta iniciativa tem a finalidade de acentuar o carácter formativo e educativo que todas as actividades devem possuir, de acordo com o ideal olímpico de fraternidade, paz e respeito mútuo, expresso na carta olímpica.

De uma forma coordenada, realizar-se-ão essencialmente actividades desportivas estruturadas em fases de freguesia e concelhia, na perspectiva da continuação dum efectivo processo de democratização desportiva e cultural, mobilizador e rentabilizador de recursos de toda a comunidade na criação de estruturas capazes de proporcionar respostas às diferentes formas de reforço do movimento associativo e escolar, principais responsáveis pela promoção e organização das actividades na sua área de acção.

. Dinamizada pela Câmara Municipal de Sesimbra, esta iniciativa envolve na sua organização as juntas de freguesia, as escolas do ensino primário, preparatório e secundário e as colectividades do concelho, e prevê-se a participação de 3500 pessoas.

assim vai o totobola

Penalti: 1X1 222 211 1122; O Algarve: 121 2XX 111 111X; Jornal de Amarante: 1X1 111 111 1111; Jornal da Beira: 121 222 111 1XX2; Algarve Desporto: 12X XX2 1X1 111X; Ronda Desportiva: XX1 XX2 11X 11X2; Correio de Coimbra: 11X X22 111 1XX1; Correio do Vouga: 121 X12 11X 1121; A Defesa: 111 X12 111 XXX1; Defesa de Espinho: 121 2XX 1X1 111X; O Diário: 111 122 11X 1111; Diário de Lisboa: X21 X22 111 1111; Diário de Viseu: XX2 222 111 11XX; Grande Área:/Nova Antena: X1X 222 X12 11X1; Folha do Domingo: 11X X1X 111 211X; Ecos de Cacia: 11X 222 111 X11X; Eu Sei Tudo: 1XX 222 11X 111X; O Jornal de Felgueiras: 12X 1X2 11X 1XXX; Jornal do Fundão: 1X1 1X2 112 11X1; Jornal de Gaia: XXX 1X2 111 1X11; Gazeta das Caldas: 1X1 X21 111 111X; O Almonda: 11X 12X 212 1X11; Rádio Guarda: 11X 12X 212 1X11; Rádio Totobola: 1XX 222 111 1111; Linhas de Elvas: 111 XX2 111 1111; Jornal da Lixa: 111 112 111 1111; Maria da Fonte: 1X1 11X X21 1X11; O Mensageiro: 11X X22 11X 1X2X; No Estúdio e no Estádio: 1X1 222 X11 212X; Notícias de Chaves: X21 XX2 X11 11X1; Notícias de Felgueiras: 12X 1X2 11X 1XXX; Notícias de Gouveia: 1XX 122 121 1121; Notícias de Guimarães: 111 1XX X1X 1X1X; Jornal 1X2: 121 22X XXX X1XX; Notícias de Viseu: 111 X2X 111 1X12; Quadrante Norte: 1X1 X21 11X 111X; Região Bairradina: 121 22X X11 111X; Bom Dia/Rádio Comercial: 111 12X XX1 XX2X; Jornal de Sintra: 11X 1XX 121 11XX; A Voz do Domingo: 12X X22 111 X111; Voz de Lamego: 1X1 222 111 X111; Desporto/Rádio Guarda: 211 2X1 111 XX22; Contacto/Rádio Guarda: XX1 121 21X 22X1; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: 121 XX2 XX2 XX21; Meia Tarde/Rádio Guarda: XXX 111 X11 121X; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: 112 XXX X2X X2X1; Tarde Desportiva/Antena Um: 1XX 121 1XX 111X; Livre e Directo/Antena Um: X21 122 X11 X212; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 1XX 122 111 XXX1; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 11X 12X 1X2 1X22; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 11X 12X 1X1 11X2; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 11X 122 121 1X12; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 111 222 1X1 1X1X; O Comércio de Leixões: 1X1 212 1XX 1X21; De Tudo Um Pouco/Comércio de Leixões: 121 1X1 1XX 1121; Jornal da Graça: 1XX X2X X11 X11X; Jornal de Notícias: 1XX XXX 211 111X; Alvo Desportivo: 1X1 122 11X 11XX; Rádio Alvo: X2X 1XX X11 1111; Alvo: 111 111 111 1111; Alvo Suplemento: 121 122 2X1 1121; A Voz dos Ridículos: 111 121 111 1111; RR/Desporto: 111 XX1 111 1111; RR/Bola Branca: 1X1 1XX 111 1111; RR/Frente Desportiva: 1X1 X11 1X1 1111.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 22/90 DE 3 DE JUNHO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Leixões - Aves	54	10	1	10	1	1
2. Varzim - Gil Vicente	23	25	17	4	5	3
3. Felgueiras - Freamunde	39	24	2	7	4	1
4. Vizela - Maia	28	21	16	5	4	3
5. Peniche - A. Viseu	11	20	34	2	4	6
6. Lousanense - Académica	12	19	34	2	4	6
7. Espinho - Salgueiros	45	15	5	8	3	1
8. Águeda - Covilhã	46	14	5	8	3	1
9. Lusitano - Torriense	43	17	5	8	3	1
10. Atlético - O. Moscavide	50	12	3	9	2	1
11. Barreirense - Estoril	43	18	4	8	3	1
12. Lusitano É. - Olhanense	37	16	12	7	3	2
13. Elvas - Louletano	32	25	8	6	5	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ: 1X1 122 111 1111

I Série N.º 125
Dia 31 de Maio
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 406/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Monte Ruivo», «Herdade Casal Novo» e «Herdade da Amoreira», situadas na freguesia de São Brás e São Lourenço, e «Herdade Vale Figueira» e «Herdade dos Ataques», situadas na freguesia de São Vicente e Ventosa, concelho de Elvas.

Portaria n.º 407/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Alcaria-Olta», «Carriços» e outras, situadas na freguesia de Cachopo, concelho de Tavira.

Portaria n.º 408/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Vidigal», «Vale de Boi», «Canafrecheira», «Sesmaria da Ameira», «Vale de Pegas», «Quinta do Pessegueiro», «Ameixeira» e «Cuncos», situadas na freguesia e concelho de Vendas Novas, e «Herdade da Sesmaria Ameira» e «Travessos», situadas na freguesia de Lavre, concelho de Montemor-o-Novo.

Ministério da Saúde

Portaria n.º 409/90:
Aprova as tabelas de preços a praticar pelo Serviço Nacional de Saúde.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 93, de 21 de Abril de 1990, inserindo o seguinte:

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 17/90:
Reforça o Programa Nacional de Combate à Droga, através da reformulação de Projecto VIDA.

AGENDA

PESSOAS & FACTOS

Denim e Ricardo Patrese juntos no primeiro lugar do pódio

Ricardo Patrse, um dos pilotos no Mundial de Fórmula UM, ganhou em Imola a prova comemorativa do 40º aniversário desta competição.

Só a experiência deste piloto, presente em 195 provas disputadas e possuidor do record de participações na história da F 1 Mundial, podia levá-lo a mais esta vitória, numa dura e muito acidentada prova, disputada pelo vencedor a uma média de 202,88 km/h.

Denim, presente com Patrese em San Marino, irá estar, igualmente, em todo este Mundial de 1990, sempre à frente.

Tiguvon: a arma contra pulgas em cães e gatos

Para quem tem um cão ou um gato em casa, ver o animal coçar-se é uma autêntica provação. Além disso as pulgas não são apenas incómodas mas um perigo, na medida em que podem ser portadoras de doenças, por exemplo, como hospedeiras de ténias. A Bayer, companhia que tem vindo, sistematicamente, a desenvover produtos para eliminar esse parasitas, dá agora um grande passo em frente neste combate, com o lançamento do pulgicida «Tiguon».

Produto novo, «Tiguon» é um líquido em bisnagas, pré-doseadas de acordo com a natureza e o peso do 'paciente', que se aplica sobre a pele, entre as espáduas, para que o animal não o consiga lamber. Após a aplicação, o produto espalha-se muito rapidamente, tornando-se, devido à sua acção sistemática, activo em todo o corpo do animal e fazendo desaparecer as pulgas durante um período de 3 a 4 meses.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Continuação do tempo quente com períodos de céu muito nublado por nuvens altas. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral durante a tarde.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Oriental e ondulação Sueste de 2 metros na Costa Sul.
Amanhã
Céu pouco nublado nas regiões do Norte e geralmente muito nublado nas regiões do Centro e Sul. Vento fraco soprando moderado de Leste no litoral Sul.
Depois de amanhã
Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Norte. Pequena subida da temperatura, especialmente nas regiões do interior.

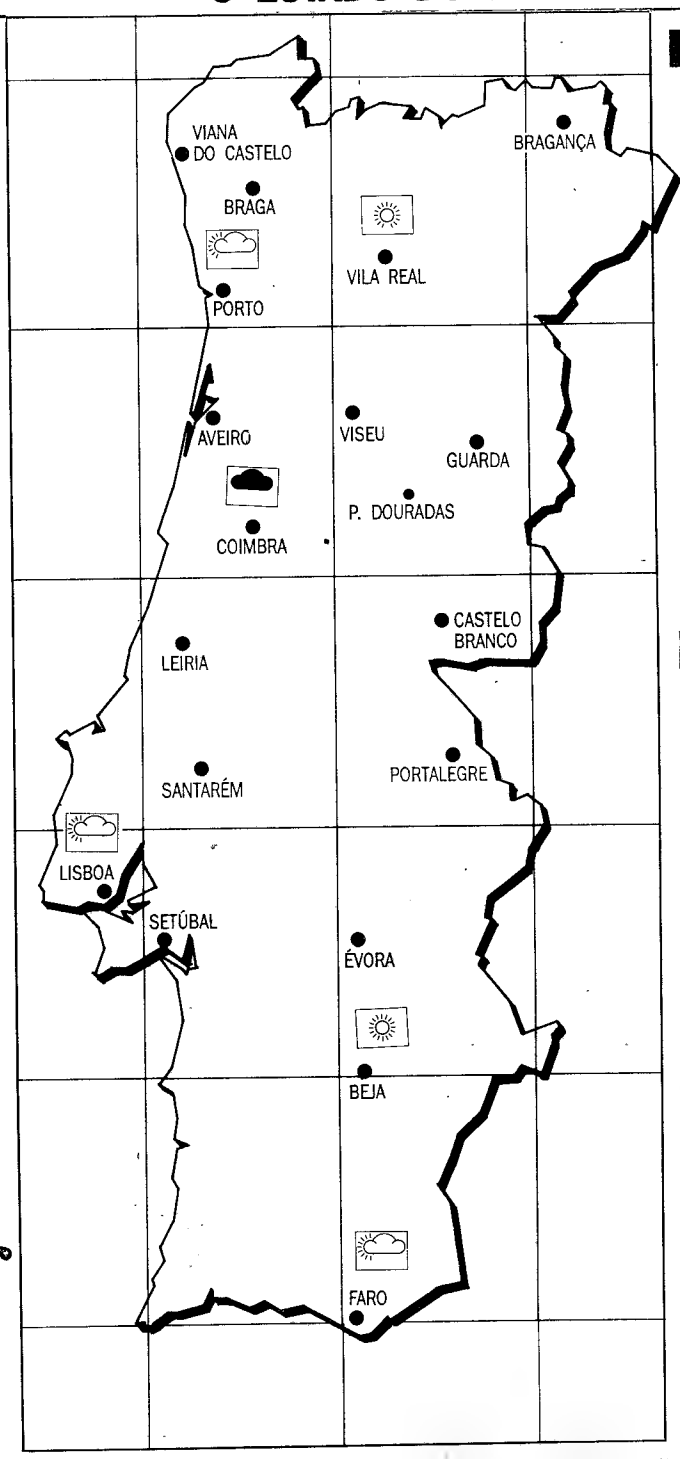
MADEIRA

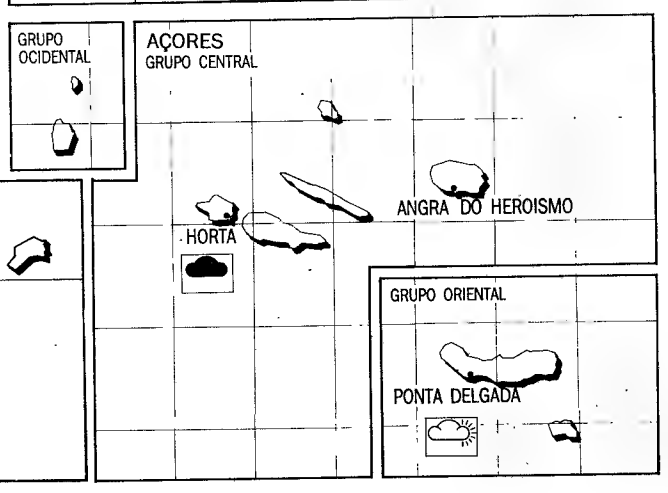
Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Norte.
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.
No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.
Amanhã
Céu muito nublado e vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros pouco frequentes e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas.
Depois de amanhã
Céu muito nublado e vento em geral fraco. Aguaceiros pouco frequentes e possibilidade de trovoadas.

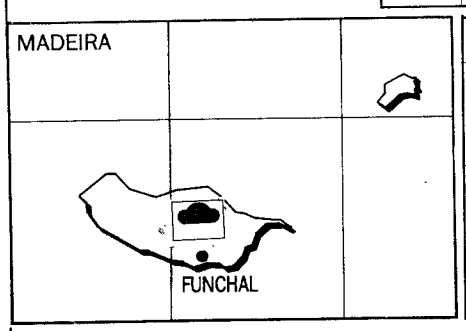
AÇORES

Grupo Ocidental
Períodos de céu muito nublado e vento em geral fraco de Norte.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.
Grupos Central e Oriental
Céu geralmente pouco nublado e vento moderado de Norte.
Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 3 metros.
Amanhã
Céu geralmente muito nublado e vento em geral fraco no Grupo Ocidental e de Nordeste moderado nos restantes grupos.
Depois de amanhã
Céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado de Norte.

O ESTADO DO TEMPO







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
09.41	3,3m	03.18	1,2m
22.04	3,2m	15.28	1,4m

Amanhã

10.46	2,9m	04.27	1,3m
23.10	3,1m	16.40	1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	14	15	P. nub.
V. Castelo	12	12	Neblina
Vila Real	14	14	Limpo
Porto	13	14	Nevoeiro
Coimbra	13	13	M. nub.
C. Carvoeiro	16	17	P. nub.
C. Branco	18	18	P. nub.
Portalegre	22	24	M. nub.
Lisboa	18	18	P. nub.
Évora	16	16	M. nub.
Beja	17	17	P. nub.
Faro	15	15	P. nub.
Sagres	14	14	P. nub.
P. Delgada	14	14	P. nub.
Horta	14	15	M. nub.
Funchal	20	20	Encoberto
Sines	14	15	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 27; Faro, 27; P. Delgada, 19; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	13	13	Limpo
Londres	12	14	Bruma
Paris	10	12	P. nub.
Bruxelas	10	13	P. nub.
Amesterdão	7	14	Bruma
Genebra	7	10	Limpo
Roma	9	14	Limpo
Oslo	12	12	Chuva
Copenhaga	12	14	Neblina
Estocolmo	8	13	P. nub.
Berlim	9	12	M. nub.
Viena	4	12	P. nub.
Varsóvia	3	7	M. nub.
Atenas	16	17	M. nub.
Moscovo	9	11	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	10	21	Limpo
Houston	24	33	Limpo
Los Angeles	15	24	Limpo
Montreal	8	18	Nublado
Nova Iorque	14	24	Limpo
S. Francisco	12	21	Nublado
Toronto	7	20	Nublado
Vancover	8	15	Chuva
Washington	14	26	Limpo
Hong Kong	24	28	Aguaceiros
Melbourne	8	14	Aguaceiros
Pequim	17	24	Limpo
Perth	10	17	Nublado
Singapura	26	34	Limpo
Sydney	9	18	Aguaceiros
Tóquio	18	26	Nublado
Wellington	10	18	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Poço dos Negros:** Valentim, Rua Poço Negros, 88-90, Tel. 601453; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Bairro Azul:** Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A, Tel. 571451; **Baixa:** Normal de Lisboa, Rua da Prata, 220, Tel. 878342; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Chile - Alameda:** Nobel, Rua Actor Vale, 53, Tel. 8142152; **Conde Redondo - Santa Marta:** Davi, Rua Conde Redondo, 68-72, Tel. 554342; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Santo Amaro:** Botânica, Rua da Junqueira, 38-40, Tel. 3638132; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Quinta Marquês, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2247124. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 24, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

O Sporting venceu (4-2) o Belenenses

INOCUL A ADVOCACIA PELA ARTE DE PINTAR

FASCINADA PELA ELEGÂNCIA AUTOMÓVEL

AS ELEIÇÕES INGLESAS PODERÃO AFECTAR AS NEGOCIAÇÕES COM O EUROMERCADO

O Sporting venceu o Belenenses: 4-2

Tudo indica que a final da Taça de Portugal, no próximo dia 14 de Junho, será disputada pelas equipas do Benfica e do Sporting. Na verdade, os futebolistas de ambos estes clubes quase asseguraram já a sua presença no jogo decisivo, pois derrotaram claramente os grupos do Leixões e do Belenenses, na primeira mão das meias finais. O Sporting, por exemplo, derrotou o Belenenses por quatro bolas a duas.

Forças dos EUA no Camboja: retirada antes de Junho

O presidente Nixon terá ainda hoje o seu relatório pessoal sobre as operações no Camboja durante uma reunião em San Clemente com os seus mais destacados conselheiros militares. Sabe-se, em princípio, que as forças dos EUA poderão ser retiradas do Camboja antes de 30 de Junho.

Oferta de Picasso

A pequena cidade de Halmstade, no sudoeste da Suécia, recebeu uma oferta invulgar - uma escultura monumental de Picasso, com 16 metros de altura e 3 de largura, representando os perfis de um homem e de uma mulher.

EFEMÉRIDES

1232

• Uma bula do Papa Gregório IX canoniza Santo António de Lisboa.

1926

• Em Portugal, o Presidente da República, Bernardino Machado, renuncia ao cargo, na sequência do golpe militar de 28 de Maio, que implantara o chamado Estado Novo.

1962

• O nazi Adolf Eichmann, chefe da Gestapo, é executado por enforcamento, após a rejeição do apelo por parte do tribunal israelita.

1975

• Os restos mortais do escritor Ferreira de Castro são exumados na serra de Sintra.

1976

• A Indonésia completa a invasão e tomada de Timor-Leste.

1985

• Na sequência dos actos de violência provocados pelos adeptos ingleses na final da Taça dos Campeões Europeus, em Bruxelas, a Federação Britânica de Futebol determina a ausência das equipas inglesas de futebol das competições europeias da próxima época.

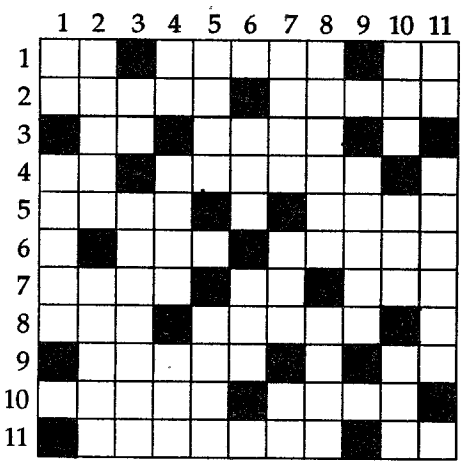
1986

• Com o jogo de abertura Itália-Bulgária, inicia-se, no México, o Campeonato Mundial de Futebol.

1988

• A Assembleia da República aprova a Lei da Rádio.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17930

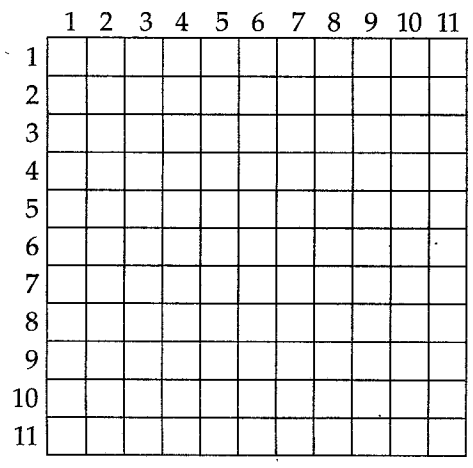
HORIZONTAIS:

1 - Sufixo que designa estado. Mais cedo. Pronome pessoal.
2 - Enxugai. Universal.
3 - Despido. Cá.
4 - Miriare. O mesmo que aluato.
5 - Ulmeiro. Baú.
6 - Armaria. Empregais.
7 - Espanco. Cânhamo de Manila. Bondosa.
8 - Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho da Anadia. Retruque (pop.).
9 - Borla de barrete. Porco.
10 - Consomem. Canto de muitas vozes reunidas.
11 - Carimbaras. Mulo.

VERTICAIS:

1 - Ósmio (s.q.). Defunto.
2 - Relativo aos rins. Naipe das cartas de jogar.
3 - Cobre (s.q.). Cordualha de navio.
4 - Autores. Gorgulho tropical. Doçura.
5 - Ninho. Leito.
6 - Pronome relativo. Desgraça.
7 - Fêmea do cavalo. Embarcação grande (inv.). Centiare.
8 - Bandos. Irmãos do pai.
9 - Da Arábia.
10 - Conjunção. Remo para trás. Semelhança.
11 - Artigo definido (ant.). Que se consorciou.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16740

HORIZONTAIS:

1 - Cidade dos Estados Unidos, capital do Mississípi. Igual.
2 - Bisnaga. A voz do lobo e de outras feras.
3 - Bondoso. Amanhã (ant.). Apelido.
4 - Cupido. Artigo definido (ant.). Cidade de Espanha.
5 - Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Crina.
6 - Ilha da Insulíndia, a mais ocidental do arquipélago de Sunda.
7 - Lusitana. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
8 - Nome dado, em filologia oriental, aos comentários ou miscelâneas e às observações que os mestres ditam aos alunos. Estreito.
9 - Amuleto (pl.). Desenruga.
10 - Brisa. Alumínio (s.q.).
11 - Matara traiçoeiramente, com premeditação.

VERTICAIS:

1 - Antiga cidade da Palestina, na região de Galaade. Cidade e porto de Ceilão.
2 - Frutos silvestres. Nota musical.
3 - Cume. Inundas.
4 - Knock Out (abrev.). Fingira.
5 - Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
6 - Freguesia do concelho de Cantanhede. Carta de jogar.
7 - O mesmo que ninho (prov. trasm.). Cidade da Colômbia.
8 - Vossa Santidade. Sincero.
9 - Rio de Itália. Porco. Alenta.
10 - Arrogaras.
11 - Camareira. Inunda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 929

HORIZONTAIS: 1 - Resolveras. 2 - Rs. Orão. Olá. 3 - Pão. Notem. 4 - DEUS. Atiá. 5 - Mi. Orar. Pã. 6 - Bar. Domem. 7 - Os. Cede. As. 8 - Irmã. Amar. 9 - ACEITA. Aro. 10 - Amarraras. 11 - Cor. Arar.
VERTICAIS: 1 - Rod. BOA. AC. 2 - Rs. Emas. Amo. 3 - Puir. Içar. 4 - Voas. Crer. 5 - Oro. Odemira. 6 - La. Ar. Datar. 7 - VONTADE. Ara. 8 - Oiro. Ar. - Rota. Mamas. 10 - Ale. Pesar. 11 - Sambam. Rola.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 739

HORIZONTAIS: 1 - Lonim. Lampa. 2 - Oc. Negarias. 3 - Faon. Ancas. 4 - Ora. Andor. 5 - Aio. Sisal. 6 - Com. Som. 7 - Id. Ca. Ui! 8 - Romanos. Ora. 9 - Omo. Trincou. 10 - Ta! Honrais. 11 - Errara. Só.
VERTICAIS: 1 - Lofo. Girote. 2 - Ocara. Domar. 3 - Oaio. Mo. 4 - Inn. Cá. Há. 5 - Me. Cantor. 6 - Ganso. Orna. 7 - Landim. Sir. 8 - Arcos. Nas. 9 - Miaras. Ócio. 10 - Pás. Louros. 11 - As. Miau.

PROVÉRBIO: DEUS ACEITA A BOA VONTADE.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinh - T. 806496
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
A FÚRIA DO VENTO
Filme de Steven M. Lisberger
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinh - T. 806496
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
O MEU TIO SOLTEIRO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
PALPITAÇÕES
Filme de Ron Underwood
M/12 anos - Às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10
ADEUS AO REI
Filme de John Milius
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KURCSAWA
Filme de Akira Kurcsawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CARROS ASSASSINOS
Filme de Michael Verhoeven
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
BONECAS SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
VINGANÇA IMPLACÁVEL
Filme de Cheng Ping
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
BATMAN
M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O AMANTE IDEAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
FRANCISCA
Filme de Manoel de Oliveira, às 18.30
AMÉRICA
Filme de Haroun Farocki, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
PINK FLOYD
Filme de Alan Parker
M/18 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ABISMO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
JUVENTUDE EM FÚRIA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA I
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
AMOR E PAIXÃO
Filme de Tinto Brass
M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BELA DE MAIS PARA TI
Filme de Bertrand Blier
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
ABISMO
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
A FÚRIA DO VENTO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
PARA ALÉM DO KILIMANJARO ATRAVÉS DE UM RIO DE SANGUE
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
KEISHA - MAIS DOCE QUE MEL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
AMOR E PAIXÃO
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuyten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
RAID SOBRE O INFERNO VERMELHO
Filme de Christian Ingvordsen
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UMA CASA ALUCINANTE
Filme de Stephen Mincc
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CALMA DE MORTE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O DESAFIO DOS CAMPEÕES
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
O MEU PÉ ESQUERDO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

S I N T R A

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
A FÚRIA DO VENTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO LISBOA

CAFÉ-TEATRO GRUPO DOS 9
Beco dos Agulheiros, 13 - T. 866336
Sexta e Sáb. às 23.30
DEUS FEZ A TERRA, NÓS...TAMBÉM
De Filipe Cochofel e Rui Otero

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes

FUNDAÇÃO GULBENKIAN
Av. de Berna - T. 7935131
De 3ª a Sáb. às 21.00
Dom. às 16.00
PLATONOV
De Tchekov

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb às 21.30.
Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
De António Patrício.

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, 52 - T. 897017
3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner.

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao Vivo.

Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

17.25 - A HORA DO LECAS
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
18º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - ESPIÃO NO PURGATÓRIO
Série de 13 episódio «Um Espião no Purgatório» é uma dramatização da trilogia de romances de Len Deighton, Berlin Games, Mexico Set e London Match.
Esta trilogia é o primeiro grande trabalho de Len Deighton adaptado para televisão. Através dela vamos conhecer o lacónico espião britânico Bernard Samson, interpretado pelo actor Ian Holm. Produzida por Brian Armstrong e realizada por Ken Grieve e Patrick Lau, «Um Espião no Purgatório» gira, assim, em torno de um agente secreto que, marcado por um incidente ocorrido na fronteira entre Berlim Leste e Berlim Ocidental, em que perdeu a vida um velho amigo seu, opta por uma vida calma em Londres.
23.05 - CONVERSAS VADIAS
Neste último programa, o convidado é o jornalista Joaquim Vieira
23.30 - MURPHY BROWN
8º Episódio
24.00 - 24 HORAS
00.30 - UM DIA...
Com Artur Ramos
00.40 - REMATE
00.50 - CARTAS DE HUMOR
Com Fernando Luís

RTP-2

16.25 - OS CENTURIÕES
9º Episódio
16.50 - RETRATOS DA MADEIRA
17.15 - DESAFIOS DA LEI

«A Gata Comeu», de 2ª a 6ª às 12.05 no 1º canal

9º Episódio
18.10 - TELEMERCADO
18.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
116º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.45 - CLÁSSICOS DA TV
Último episódio da série «Reviver o Passado em Brideshead»
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
19º Episódio
21.55 - HORA DA VERDADE
Parque Nacional da Peneda Gerês - Paraiso Perdido
22.55 - 5ª DIMENSÃO
25º Episódio: Uma mulher tímida envolve-se com um homem que consegue transformar-se num gato - e descobre que nem toda a fantasia é um

1º espisódio da série «Episão no Purgatório», no 1º canal às 21.15

sonho tornado realidade.
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.40 - MATINÉE: «O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO»
17.30 - JUNTOS E AO VIVO «DIA MUNDIAL DA CRIANÇA»
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - MILLER & MUELLER
1º episódio
22.15 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.20 - CHEFE, MAS POUCO
23.50 - 24 HORAS
00.20 - UM DIA
00.25 - REMATE
00.40 - CARTAS DE HUMOR
00.45 - PELA NOITE DENTRO «FRANCISCA»

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.40 - FILHOS E FILHAS
15.05 - AGORA, ESCOLHA!
16.30 - HERÓIS
16.55 - GENTES DA AMAZÓNIA
17.40 - MAGAZINE MUSICAL
18.10 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.20 - BUCHA E ESTICA
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.05 - ROTAÇÕES
00.10 - HAJA MÚSICA

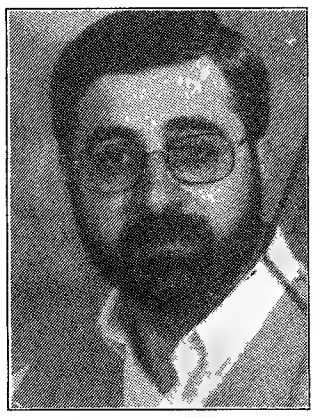
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
ESPIÃO NO PURGATÓRIO
RTP 2
5ª DIMENSÃO
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS
RÁPIDO E ECONÓMICO
PÊLOS EXTRAÇÃO ELÉTRICA
SEM DOR • SEM MARCAS
A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«É evidente o estado de crescente degradação a que, de um modo geral, se deixou chegar o património histórico-cultural do País»

Editorial do «Diário de Notícias», 30.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Filipe Rios Assembleia das Comunidades Portuguesas da Europa

Por que razão a Assembleia das Comunidades Portuguesas da Europa se opõe à substituição do Conselho da Comunidade Portuguesa por outras estruturas?

«Este decreto acaba com o Conselho da Comunidade como uma estrutura associativa para o tranformar num órgão corporativista. Além disso, reflecte uma tentativa de governamentalizar a vida das comunidades, sem respeito pela sua especificidade, pondo mesmo questões de ordem democrática. Na verdade, no preâmbulo do decreto que cria a nova estrutura diz-se que esta deve estar ao serviço das missões diplomáticas e da política do Governo, tansformando as comunidades em meras correias de transmissão. As comunidades ficam ainda impedidas de eleger os seus representantes. É por tudo isto que, pela primeira vez, as comunidades portuguesas espalhadas por todo o mundo estão contra as novas estruturas.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Maçonaria em Grande Angular

Fim de século vai ser sufocante

Política de A a Z por F. Piteira Santos

Entrevista com Mário Raposo

ENTREVISTA

António Victorino d'Almeida, pianista, compositor e maestro, tem hoje uma visão bastante pessimista do futuro da música em Portugal. Lamenta sobretudo a situação dos jovens, com um deserto muito maior pela frente

«Não somos um areal de analfabetos»

D.L. - Como está o meio musical português?

A.V.A. - No campo da música sinfónica nunca esteve tão mal porque não há orquestras sinfónicas em Portugal. As que existiam acabaram e hoje somos um dos únicos países da Europa, senão o único, cuja rádio nacional não tem uma orquestra sinfónica. Em aspectos de discografia, é o vale tudo e um vale tudo contra os portugueses. Não há a mínima política de defesa isenta da música portuguesa e as actividades pontuais não são suficientes.

D.L. - No entanto, há bastantes compositores jovens a trabalhar...

A.V.A. - Há, mas o que é que se conhece deles? O que é que eles conhecem de nós? Nada. E isso de mais velhos e mais novos também não interessa nada: o Verdi, por exemplo, nunca foi tão jovem como aos 80 anos, quando compôs o «Falstaff». O que interessa é que estamos todos no mesmo barco e para os mais novos é mais grave porque têm um futuro maior à sua frente e um deserto muito maior.

D.L. - A extinção das orquestras da RDP deu origem a uma nova orquestra, a Regie Sinfónica...

A.V.A. - Que é toda de estrangeiros. Em princípio, ninguém é contra as novas orquestras, somos é contra as que acabam. Se quiserem cá meter novas orquestras com estrangeiros, metam, mas não acabem com as nossas. Além do mais, esses estrangeiros não estão cá a tempo inteiro.

D.L. - E estão proibidos de ensinar.

A.V.A. - Isso é uma coisa totalmente absurda, apesar de não se poder considerar que esses estrangeiros são todos mestres que vieram para um areal de analfabetos sequiosos de aprenderem com eles. Há muitos bons músicos em Portugal e bons professores. O que não há é estruturas onde esses professores possam ensinar e os alunos obter um aproveitamento ideal das suas potencialidades.

D.L. - Ainda continua a achar que a orquestra da Gulbenkian é uma fraude?

A.V.A. - Eu nunca disse isso na minha vida. A orquestra da Gulbenkian é seríssima, digníssima. A única coisa que eu disse foi que considero que é profundamente errado que uma orquestra de câmara toque reportório sinfónico, porque está a defraudar as suas potencialidades e o público.

D.L. - Mas disse que o público de Viena era reaccionário. E o público portugês?

A.V.A. - O público de Viena é reaccionário, sempre foi, basta olhar para história da música para ver que todos os compositores que trouxeram inovações tiverem muita dificuldade em se impor. O público vienense é demasiado apegado aos valores nacionais. Aqui, é exactamente o contrário, o que é uma aberração não menor.

D.L. - Outra coisa que também disse foi que o modernismo e o vanguardismo já eram uma tia velhota. Então o que é que é hoje moderno e vanguardista?

A.V.A. - O vanguardismo é uma palavra que não significa nada. Teria de haver um rectaguardismo e não existe. Depois, aquilo que se continua a reclamar como ultravanguardista existe há 40, 50 anos e com uma tabela de êxito muito reduzida. Desses auto-intitulados vanguardistas saíram excelentes músicos, mas alguns também entraram no *show business*, como o Stockhausen, por exemplo, que, em parte nenhuma do mundo, teria tanto êxito como aqui.

D.L. - Já fez dois filmes, escreve, compõe, fez programas de televisão, o que há de comum nisto tudo?

A.V.A. - Eu, eu sou o denominador comum. O que eu fiz mais foi compor, que é o menos conhecido. Mas eu não sou um caso isolado. As pessoas pensam que os artistas são todos riquíssimos mas, na verdade, quem é que pode, no mundo artístico português, gabar-se de poder viver apenas de uma actividade? É quase utópico. Além disso, há muitos aspectos positivos em diversificar as actividades.

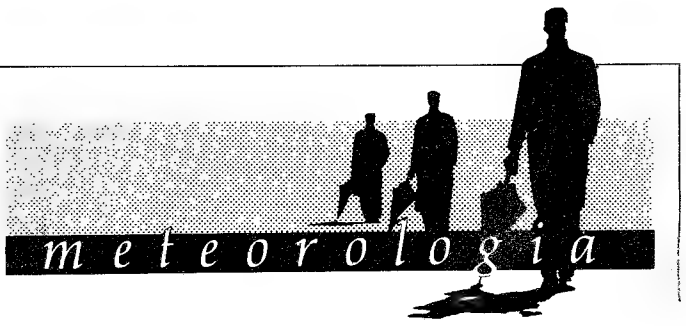
D.L. - As «Histórias da Música» foram um enorme êxito. Há alguma coisa do género que esteja para vir?

A.V.A. - Só pode vir se a RTP me der condições técnicas idênticas às que tinha em Viena, o que está perfeitamente nas mão da televisão, visto que foi um dos programas mais baratos que alguma vez teve. Agora, abaixo do barato é que não se pode ir.

D.L. - Mas ainda há histórias da música para contar...

A.V.A. - Há sempre, ainda que não seja necessário voltar ao esquema anterior, que teve a sua época.

D.S.



Tragédia optimista

Quem os viu, quem os vê: os do *Tchiloli* ou da *Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno*, interpretado pela «Formiguinha da Boa Morte», da ilha de São Tomé. Quem os viu, um ano antes do 25 de Abril, no mesmo sítio, no Anfiteatro do Jardim da Gulbenkian, quem os vê hoje, numa noite, ou ainda melhor, à luz do dia, depois de tantas peripécias políticas, culturais, deles, nossas. Viveram um mau bocado, os fazedores tradicionais desse espectáculo, considerado, nos primeiros anos da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, colonialista. A doença infantil, de que já falava Lenin, passou. *Tchiloli* é apenas um objecto artístico sincrético, sincrético de multissincretismo, desde as fontes europeias do ciclo carolíngeo, assimilados por Baltazar Dias, transfigurados já na Madeira popular, exportado e criolizado, para acabar numa fantasia africana e numa imaginação de *Negros* de Jean Genet, antes de Genet.

Quem os viu em 73, mal pode comparar na memória com a outra equipa de hoje. Problema de pessoas? Dos músicos? Problema rítmico, de respiração do espectáculo? Ou é problema nosso ou até mais meu, dezassete anos depois...?

Mas algo ficou em cheio: o espaço livre, sem convenção e sem tabus; a indumentária de sedução, de significado, do surreal genuíno; a colagem de objectos e pertences — arcaicos metafóricos, de hoje; desde o telefone (ainda não digital) até à mala Regis-Conta.

Antropólogos e etnólogos, doutores de culturas comparadas, mestradas em aculturação, românticos do folclore do 3.º Mundo, felizmente aqui impuro, teatreiros, africanistas de vários lados e costados, este era e é um espectáculo de gente, diferente de nós, nem pior nem melhor.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 31 DE MAIO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Cartas de Camilo Castelo Branco a Adelino das Neves e Melo e a João Jacinto da Silva Correia, pág. 3; Camilo entrevistado por um seu «contemporâneo», José Pedro Ortigão, págs. 4, 5 e 6; Leituras e ideias, págs. 7 e 8

Camilo, cem anos do suicídio

A HORA DERRADEIRA

No centenário da morte do «torturado de Ceide» demos a voz à sua verve, num texto de ferroada implacável às ilusões do jornalismo — actividade que Camilo encetou, lembremo-lo, em Agosto de 1847, precisamente no jornal onde desferiria este «ataque» —, e às penas que o conduziram ao acto derradeiro.

Neste Portugal há uma gente... impossível!

Aqui há parvos, creio eu, por amor da arte. Eu conheço um médico que deu um tiro num homem, para o estudar nos paroxismos: foi homicida por amor da arte.

Ouvi falar dum filósofo que vasou os próprios olhos, para se encerrar nos horizontes da ideia. Cegou-se por amor da ideia.

Mutilou-se Orígenes num acesso de raiva contra os ímpetos da matéria revolta: sacrificou-se ao egoísmo do espírito.

Todos estes afrontaram o Criador e a natrueza, por amor da arte. Isto espanta e compunge: não há aí negaça ao chasco nem à gargalhada.

Porém, o amor da arte que vos arranca o riso, a mofa, e o apetite de estoirar sobre algumas cabeças uma bexiga túmida de vento, é o amor da asneira por amor da arte; é o parvoejar dalguns a quem uma natureza vesga deu a inteligência como um colar de cascavéis e um barrete de guizos.

O parvo por amor da arte, na Idade Média, batia à porta dum senhor feudal, chacoteava em chufas boçais o dono do castelo, e obtinha assentamento de histrião no solar.

Agora, não. O progresso ia matando a posição social do tolo importuno, se não criasse o jornal. O jornal é o valhacouto do bufão. Aí, é libérrima a parvoiçada. Aí é a dala por onde escoam as sujidades dalgumas almas constituídas *ab aeterno* sentinas de infâmia. Aí, é como um leito de salteador da Ática em que o mérito alheio é aferido pelo estalão da desonra que serve a apadroar as paixões do foliculário. Aí, todo o palerma, perante a caixa dos tipos, é Girardin. Aí há alcácer oara todas as vocações fugidiças por quem suspira a tripeça, a carroça do lixo, e o cutelo do magarefe. Aí...

O Nacional, 6 de Setembro de 1859.

...Que me considero perdido, inteiramente cego. Já não posso olhar para a luz, e se me defendo da luz é tudo trevas à volta de mim. Os especialistas, quando o doente toca esta extrema da desgraça, recorrem felizmente às injecções de estricnina. Eu não posso morrer sem este sacramento.

Se os nervos estão atrofiados pela anemia, talvez se desentorpeçam deste marasmo. Se estão inteiramente mortos, nada tenho que perder... O meu médico aqui [em Braga] encarou a moléstia como todos os outros: esgotamento nervoso. Dá-me noz vómica alopaticamente, e estricnina dosimetricamente, injecções de água fria e lavatórios aos olhos. Tenho conhecido que estes últimos, retardando a circulação pela acção do frio, enfraquecem esta pouca vista que se limita a um nevoeiro fosco.

Volto hoje para o Bom Jesus. Não sei o que lá vou fazer. A minha tristeza é negra como a dos cegos revoltados contra o infortúnio tão cruel... Ai de mim! se não fosse consolação a esperança do aniquilamento.

in *Dois Anos de Agonia*, por Júlio Dias da Costa, Lisboa 1930.

A vida dos desgraçados irremediáveis seria um pérfido escárnio do Criador, se o suicídio lhes fosse defesso.

Quando confronto a minha cobardia com as tentações redentoras do suicídio, então compreendo a grandeza de ânimo dos que se matam.

Invectivar de cobarde o suicida é escarrar na face dum morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame.

Um dos cânticos do *Inferno* de Dante é uma poema de lágrimas. São os suicidas que passam gementes.

Se a alma do suicida pudesse subir à presença de Deus, a divina Majestade esconderia a facer envergonhada ou condoída da sua obra; porque lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» — *Quare de vulva eduxisti me?*

Citado em Camilo em Seide, por Veloso de Araújo, Braga, 1925

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho.

Chamo-me Camilo Castelo Branco, e estou cego. Ainda há 15 dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas.

Há poucas horas ouvi ler no *Comércio do Porto* o nome de v. exc.ª Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança.

Poderá v. exc.ª salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso!

Carta ao dr. Magalhães Machado, 1890

1 de Junho Dia Internacional da Criança
Para a Criança o melhor
e o melhor são os livros

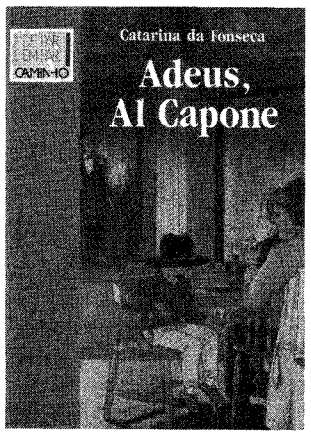
INFANTIL JUVENIL

NOVIDADES

INFANTIL JUVENIL

CAMINHO

DE PAR EM PAR CAMINHO · ALICE VIEIRA · CAMINHO JOVENS · 1001 DETECTIVES · (Começo a ler) · Uma aventura



ADEUS, AL CAPONE

Catarina da Fonseca

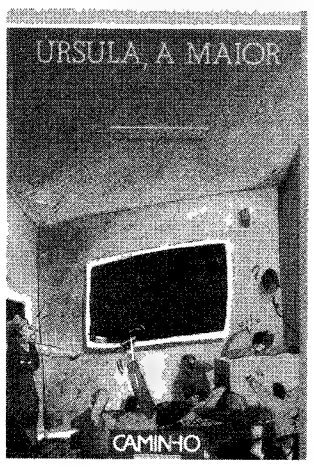
Esta é a história do D.J. e dos seus cinco irmãos e dos seus três tesouros — o chapéu do bisavô Justino, o boneco Telmi-nho e a fotografia da tia Mafalda.

Esta é a história do D.J. e dos seus amigos — o Meu-Menino, a Ana-das-Guitas e o Monstro do Espelho.

Esta é a história do D.J. e das suas angústias — a morte da avó, a trave e a escola.

Esta é a história do D.J. na altura em que jurou ao retrato do bisavô Justino ser o maior bandido de todos os tempos.

ISBN 972-21-0473-X
192 pp.
600$00



ÚRSULA, A MAIOR

Alice Vieira

Os amigos e parentes chamavam-lhe Xuxu. Era uma menina bem-comportada, obediente, sempre de cabeça baixa. Este livro conta-nos o caminho que ela percorreu para ganhar o direito ao seu próprio nome: Úrsula.

Alguns amigos vão ajudá-la nessa tarefa: a Maria João, o pai da Maria João, a Carolina e o Gil Eanes que tem um caderno com Marilyn na capa.

Tudo gente que vais gostar de conhecer.

ISBN 972-21-0465-9
192 pp.
600$00

SETAS CONTRA OS BARÕES

Geoffrey Trease

Quem não conhece a história de Robin dos Bosques e dos seus alegres companheiros? Perseguidos pelo xerife de Nottingham por defenderem o rei Ricardo contra o usurpador João sem Terra, conseguem sempre enganá-lo e vencê-lo, levando uma vida aventurosa e despreocupada na floresta de Sherwood. Mas... e se a história tivesse

sido diferente? Se a vida em Sherwood não fosse assim tão divertida e Robin não gostasse assim tanto de reis e nobres? Desenvolvendo esta ideia ousada, o autor — ele próprio nascido e criado em Nottingham — constrói uma trepidante história de aventuras. Geoffrey Trease é um conhecido escritor de livros para jovens, cujo número ultrapassa já a centena. Deste autor a colecção Caminho Jovens publicou já *O Trovão de Valmy*.

ISBN 972-21-0474-8
166 pp.
550$00

RIBEIROS PARA O RIO, RIO PARA O MAR

Scott O'Dell

Prémio *Hans Christian Andersen*

No início do século XIX, Sacagawea, uma jovem índia, participa numa aventurosa expedição às regiões para ocidente dos EUA de então. O autor transforma-a de obscura personagem histórica em protagonista e narradora do romance, no qual ressalta a independência e coragem de Sacagawea.

ISBN 972-21-0490-X
204 pp.
550$00

O MISTERIO DAS PORTAS MAL FECHADAS

Carlos Correia
Maria Alberta Menéres
Natércia Rocha

Raios e coriscos empurram o Gabriel e a Maria David para um novo mistério.

Por entre portas mal fechadas,

frases por acabar e árvores abatidas, os dois irmãos com a preciosa ajuda do gato Pipetas, vão encontrar a solução de mais um caso altamente intrigante.

ISBN 972-21-0507-8
120 pp.
490$00

BENTO, CABEÇA DE VENTO

Lucien-Guy e *Claude-Rose Touati*

OS LADRÕES DE LENHA

Pierre Coran

ISBN 972-21-0494-2
34 pp.
480$00

ISBN 972-21-0489-6
34 pp.
480$00

COMEÇO A LER, a nova colecção de literatura infantil na Caminho, tem agora duas novidades: *Bento, Cabeça de Vento* e *Os Ladrões de Lenha*. Cheios de ternura, de graça e de aventura, estes livrinhos são profusamente ilustrados. As crianças sentirão o prazer de decifrar sozinhas as histórias mais curtas e podem pedir que lhes contem as histórias mais longas.

Na capa de cada um destes livros é indicado o grau de dificuldade na leitura.

UMA AVENTURA NAS ILHAS DE CABO VERDE

Ana Maria Magalhães e *Isabel Alçada*

Desta vez a aventura é mais a sul e começou logo no avião!

Quem seriam aqueles homens estranhíssimos que vigiavam constantemente um rapaz impedindo-o de falar fosse com quem fosse?

O que procuravam desvairadamente correndo de uma ilha para a outra?

Que fazer para lhes seguir o rasto?

Pedro, Chico, João, as gémeas, sempre ajudados pelo Caracol e pelo Faial, quase morreram afogados, quase morreram sufocados, mas não desistiram.

Se alguém corria perigo, eles tinham que ajudar!

ISBN 972-21-0483-7
240 pp.
420$00

CAMINHO
o prazer de ter bons livros para ler

CDL a distribuição

literário

Nascido sob o signo de Midas, Camilo contaminava tudo com o seu génio. Até na sua correspondência se acumulam os **achados.** *Dessa zona menos divulgada da sua obra oferecemos seis pepitas ao leitor*

MISSIVAS

*Cinco cartas dirigidas a Adelino das Neves e Melo * seguida de uma a João Jacinto da Silva Correia ***

* *Erudito bibliófilo conimbricense*
** *Um dos médicos de Camilo, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra*

Meu presado amigo.

Bestifiquemo-nos nas nossas aldeias: procuremos a felicidade onde Sophocles disse q̃ ella estava: a vida mais estupidamt^e vivida é a mais ditosa. Eu, a fallar verd^e, ainda não encontrei a felicidade; mas, como a desgraça é relativa, com certeza sou áqui menos infeliz. Apesar desta obscurid^e, nem assim escapo ás pedradas dos Sergios e dos Cyprianos Jardins ( ). Não me acertam; mas obrigam-me de vez em quando a largar-lhe uns podengos que tenho acorrentados — os velhos molossos da m^a velha má lingua. As informaçoens q̃ pedi a V. Ex. prendem com este ruim sestro. Tenho de brincar com o capitão Cypriano, e V. Ex. involuntariam^te collabora nesta brincadeira com os seus esclarecimt.^os Parece-me q̃ o homem terá de arrepender-se de se prestar a ser instrum^te do sordido no jornal canalha chamado o *Trinta*.

O *Eusebio Macario* é uma brincadeira. Fallava-se ahi d'um realismo que a ser aquillo que eu fiz ja V. Ex. vê q̃ é coisa facil de fazer. Mas o naturalismo não é o *Primo Basilio;* é o *Père Goriot* é o *Lys dans la vallée,* é todo o Balzac; os nossos imitadores crearam uma adjectivação absurda, e entenderam que a evolução era aquillo.

Dá-me V. Ex. alegres novas do seu filhinho. Que robusto rapagão elle não hade sahir desses contactos rudes com a natureza! O peor é que volvidos dez annos andará elle a adelgaçar o corpo e a subtilisar o espirito pelo pateo da Universid.^e, e d'ahi a pouco será um homem degenerado em bacharel.

Os meus filhos estão brutos o bastante para serem felizes. O Jorge toca flauta e piano, faz caricaturas e caça. O Nuno cavalga como um *clown* e toca guitarra como um faia. Quanto ao futuro, se se acingirem á vida camprestre, poderão viver e morrer n'uma boçal serenidade e n'um desprendim.^to invejavel da historia, da geographia e do sanscrito.

Anna Placido, ha dois annos q̃ padece mt^o do coração. Isto está a terminar para nós, e ja não é cêdo.

Enviamos os nossos respeitos a sua Ex.^ma Senhora.

De V. Ex.
Am^o obgr.^do
C. Castello Br.^co

Seide 1/10/79.

Meu presado Am.^o

Se fôr capaz de ler esta carta sem se rir, está V. Ex.^cia á prova do humorismo indigena.

Os meus medicos, suspeitosos de que as m.^as pernas vão paralysar, mandam-me dar passeios a cavallo.

Eu tenho um, como recordação de bons tempos; mas já não me atrevo a montal-o. Aconselharam me a equitação em burro, pacifico, sem manhas, nem erothismos m^to violentos. É impossivel encontrar no Minho um burro em taes condiçoens; por que, alguns q̃ ainda existem, são abbades. Mandaram-me procural-o no campo de Coimbra, onde permanece ainda a raça do burro espirituoso e meio academico da Mealhada e dos Fornos.

Lido isto, V. Ex.^cia encarrega um dos seus carreiros de me comprar um jumento, nas condiçoens therapeuticas acima referidas — burro q̃ não exceda 6 ou 7 libras. Apalavrado que esteja, envio a V. Ex.^cia a q^ta q̃ me designar, e o burro vem p^a Famalicão, tomar p^te nas minhas contemplaçoens bucolicas por estas montanhas.

Pergunta-me agora V. Ex.^cia em que ponto da carta lhe cumpria rir-se? E' na estouvanice de o ir distrahir das suas leituras pedindo-lhe q̃ me compre um burro.

Vou ler o seu livrinho, na certeza de que encontro novidades.

Peço-lhe a finesa de depor aos pés de sua Ex.^ma Esposa os meus respeitos.

De V. Ex.
Velho am.^o obg.^do

C. de V. Ex.^cia
19-3-86.

Camillo Castello Br.^o

Meu ex^mo amigo

Vejo que é mais facil encontrar ahi e aqui uma dusia de viscondes do q̃ um burro regular. Talvez se desse a evolução darwinista. A gente vê passar o visconde e não vê o burro incluso. Requer-se o olho scientifico, experimental que V. Ex. não tem nem eu.

Muito lhe agradeço o resultado das suas pesquisas. Hoje deve V. Ex.^cia receber um vale de 24$ rs para pagar o meu companheiro de excursoens e travessias por estas serras.

O burro queira V. Ex. enviar-m'o pela via-ferrea. Não vejo melhor meio de transporte, nem deveremos esperar a navegação aeria, salvo se V. Ex.^cia vir que elle, batendo as azas do genio, pode esvoaçar até aqui, como o negro melro da cantiga. V. Ex.^a terá a bond^e de me avisar do dia em que o illustre peregrino chega a Famalicão para as auctorid^es o cumprimentarem na gare.

Dei-lhe o incommodo de responder ao meu teleg. e não pude ir a Coimbra. Fui hontem ao Bom Jesus ver o Peito de Carv.^o ( ) e regressei mt^o doente. Mal posso ja sahir de casa. Se V. Ex.^cia me quizer ver, tem de vir aqui.

Peço os meus respeitos para sua ex.^ma Esposa, minha Senhora.

De V. Ex.^cia
Am^o obgm.^o
Camillo Castello Br.^o

C. de V. Ex.^cia
8/4/86.

Meu presado Am.^o e Ex.^mo Sr.

Cá está o onagro. Não o posso ver porque estou de cama com rheumatismo; mas ouço-o ornear valentemt.^e Desde Famalicão até aqui, não obstante ter passado mal a noite, revelou furias lascivas, dom-juanescas, a cada femia que encontrava. Logo que chegou, investiu para dois garranos q̃ tenho. O deabo tem dentro d'elle o q̃ quer que seja do Marquez de Vallada. Parece m^mo um christão! Meu filho Nuno veio dizer-me á cama que não consentia que eu o montasse (o burro) em q^to lhe durasse a crise erothica.

Assim farei p^a não ser victima de paixoens que me escangalharam a mim, sem ser de todo burro.

Remetto-lhe, meu presado amigo, 2:250 rs.

DOIS CAPÍTULOS SÔBRE CAMILO CASTELO BRANCO

Pelo Dr. J. M. Teixeira de Carvalho, seguidos de 15 cartas inéditas, com um prefácio de J. Freitas Gonçalves

~ MCMXXII ~ COIMBRA ~
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Vão inclusos n'essa q^ta fabulosa os teleg. appensos ao burro.

Mil agradecimentos e mil desejos de lhe provar q^to sou

De V. Ex.
Am.^o grato
Camillo Castello Br^o

S. M. 20/4/86.

Meu presado Amigo
e Ex.^mo Sr.

Como supplemento ás Notas diplomaticas sobre o burro, salvo seja, vai esta como recibo das 5 libras, reis 22$500.

A posterid^e, alem de ver que fomos de boas contas, maravilhar-se-ha vendo quaes eram as preocupações de dois escriptores assas methaphisicos. Se V. Ex.^cia conservar esse pachiderme, e elle render o espirito em sua casa, peço-lhe q̃ o embalsame e lhe ponha entre as orelhas a nossa correspondencia. Elle fez gemer os arames do telegrapho, e promettia fazer-me gemer com as costelas fracturadas. Oxalá que a final V. Ex.^cia não seja victima d'esse burro e nunca lhe sacrifique a dedicada jumenta do olho unico.

De V. Ex.^cia
Velho Amigo

S. C.
26/4/86.

Camillo.

Carta ao Dr. João Jacinto da Silva Correia (1)

Ill.^mo Ex.^mo Sr.

Uma das profundas reformas que vou fazer nos meus máos costumes é abster-me completamente de leituras que tenham cheiro pathológico. Ajude-me V. Ex.^cia como amigo, — já que me quer dar a honra de não ser exclusivam.^te medico, — a depurar as minhas pobres estantes de algum livro infamado de cumplice em todas as m.^as infermidades de terminação grega.

Levantei-me hoje; mas as pernas arrastam-me para a cama: isto é que me parece não poder attribuil-o aos livros.

De V. Ex.^cia
Amigo agradecido e v.^or

C. de V. Ex.^cia
30 de Janr^o de 1876.

C. Castello Branco.

literá i

Pela primeira vez dado à estamp
ainda em 1989. Um retrato d
cujo rasto se perc
reproduzida em todo o seu lus

ENTREVISTA INÉL

Camilo desnud

No dia 1 de Junho de 1989, em circunstâncias que não interessa esmiuçar, veio parar-me às mãos um manuscrito singularíssimo, fonte de trabalhos e angústias como outra não posso reconhecer nos últimos meses da minha vida.

Os cadernos de almaço, cobertos de letra miúda, traziam por título «História de um Desgraçado» e era seu autor um José Pedro Ortigão . Ao canto superior direito, este propósito: «Para ordenar e estampar». De que se tratava? Pois de um alentado maço de apontamentos, registando mais de quarenta anos de convívio de José Pedro com... Camilo Castelo Branco!

Lancei-me, frenético, em busca da edição anunciada; nem rasto, sequer, lhe encontrei, ao fim de minuciosa pesquisa. O mesmo quanto ao autor: em parte alguma vi referência a José Pedro Ortigão que me animasse a rastrear-lhe a vida não debalde. Tudo me indica, assim, que o manuscrito jamais conheceu os prelos, provavelmente por o seu autor não figurar entre os íntimos famosos do escritor (alia, p editores afastaram a hipótese e r elementos susceptíveis de ilumina hoje envolta em misteriosas nebulos

Deitei-me ao labor de decifrar p revelar-se empresa de vulto. Xpo inimagináveis durante cem anos (pr respeita ao ano de 1849 e a últim ao 1890) — quantos paradeiros haverá bolores e bichos, o manuscrito acon em várias partes no próprio papel, e completas, de impossível transcrição. sobrevivente registava, porém, bas o menos apaixonado pelo cavar em insensível à tragédia de uma vida relato de sucessivas conversas en Pedro, seu confidente eleito, como d variadas circunstâncias relevares c do romancista, com o particular im

(...) na Águia de Ouro e no Café Guichard, onde me concedeu o privilégio de privar com aqueles rapazes «satíricos e galhofeiros» que representavam os primores da vida espiritual e mundana da cidade do Porto. O meu amigo, sobre quem adejavam, nesse tempo já, prenúncios de uma desgraça irrepetida, elegia-me seu confidente predilecto de anseios, propósitos e apreciações, distinção que por mais de quatro décadas haveria de me reservar. Separava-me ternamente dos companheiros dilectos para me introduzir em abismos da sua alma vulcânica a outros proibídos - suspeito que por ser eu, de todos, o menos dotado para as letras e o menos susceptível, pois, de vir a tornar públicas as suas desnudações.

Cedi à tentação de o trair — se esta palavra infamante é pertinente — sem violar o juramento que me impôs de apenas ao túmulo confiar determinados pormenores; a minha prosa inábil não possui, todavia, outro intento que não seja o de lhe agigantar a figura, e aos vindouros prover de acrescida compaixão pelas dores excruciantes a que os fados condenaram no berço o maior romancista da Península.

(Guardo dessa época a imagem do meu desafortunado amigo que José Caldas compôs tão a preceito: «Uma personagem de primoroso convívio, de delicadas e finas maneiras, vestindo com elegância, um tanto à Alphonse Karr, compatível e seguidor observante das mais exigentes modas do seu tempo».)

Nos baixos do convento dos Congregados de S. Filipe de Nery, à esquina da Praça Nova, no botequim Guichard, portanto, onde «profligávamos a corrupção dos velhos, a putrilagem purulenta que infeccionava, com a língua, toda a florescência das almas novas»; na Águia de Ouro, perfumada pelo«cheiro das suas inalteráveis costeletas seculares», a «matriarca das estalagens portuguesas»; no Hotel Francês, aonde o acompanhava a desoras, para um repouso tantas vezes adiado — conversávamos perdidamente, em (...)

Camilo Castelo Branco — Por que me exorno, pergunta, com o epíteto de «grilheta das letras»? O trabalho, meu amigo, é «um médico celestial, que Deus põe à beira de cada enfermo das doenças perigosas do espírito. Não médico, antes anjo deverei chamar-lhe, anjo que sustém nas mãos candidíssimas a urna dos bálsamos, colhidos nas flores do Evangelho». O sustento ganha-se com o suor do rosto, penso e assim procedo; jamais através de benesses ou dádivas de mecenas. Exponha-me desapiedadamente à turba se alguma vez eu vacilar na observância deste princípio. «Quando eu repousar a cabeça no regaço da dependência, devo estar a decliná-la da dependência para o seio caridoso da morte». Sou «escritor público», quero dizer, profissional — o primeiro em esta «aldeia barata». Tenho-lhe repetido: «Não escrevo por prazer nem por glória». Também «não aspiro à fortuna; o que eu queria era uma independência e mais tranquilidade de espírito».

José Pedro Ortigão — Ousado desiderato, e de cumprimento incerto...

CCB — Difícil. Em Portugal, os escritores são «os beneméritos da pátria desvalidos».

Proclamo: «O máximo favor que um português pode receber do céu é endoidecer na véspera de fazer-se escritor público».

JPO — No entanto, porfia...

CCB — Porfio, em meio de obstáculos tremendíssimos, que conhece, labutando esforçadamente para extrair de algum talento que possa ter, aquilo que nesta cidade, de ordinário, se obtém pela via do dinheiro: o dinheiro, precisamente. Eis por que se vai «amortiçando a luz da minha mocidade». (...) Mas não desvariemos... Inimigos? Uma cáfila! E muito desamor. O Porto, meu amigo, é um «enxame de moedeiros falsos». Não me perdoam as vergastadas, os burguezões! O meu «querido e respeitável público», ao invés, desvanece-me. Solicito-o amiúde, nas gazetas, e...

JPO — Corre que se afouta a processos condenáveis para dourar o nome...

CCB — Em uma sociedade de «contrabandistas, de mercadores de negros, de exportadores e de magistrados de alquilaria», afiz-me a utilizar «a minha única arma», que é «uma caneta de 10 reis», no propósito de o dispor amavelmente para as minhas «historietas». Será acaso censurável trabalhar nos jornais e escrever notícias? Ou reverdecer um nome de romancista, anunciando que vai estampar a sua última paixão esculpida, furtando-o à voragem do esquecimento? De mais a mais, pululando quem busca espedaçá-lo. Por que julga que não me admitem na Assembleia Portuense, muito bem crismada de Palheiro, conquanto eu propenda a representá-la melhor como «sentina»?

JPO — Esse seu vezo conflituoso...

CCB — De «marreta de ferro» me alcunham, bem sei; não aspirei ao cognome por via da polémica, mas, secretamente, acalento-o. Como hei-de fazer se, quando chega «o Maio deles, ornejam todos?» O público festeja-me com as suas gargalhadas... mas também «há muita gente que se diverte comigo. É bem feito, porque eu também me divirto com muita gente».

JPO — Não lhe perdoam a inconstância...

CCB — E não errarão de todo. «Amo hoje o que aborreço amanhã e detesto no dia seguinte. Isto em mim é uma doença incurável».

1862 — 1870

No ano de 1862, Camilo Castelo Branco vencia a tribulação do encarceramento para onde o haviam lançado os amores heréticos com a senhora Dona Ana Plácido — ou, reproduzindo palavras que lhe ouvi, «a razão insurgida contra o absurdo do vínculo indissolúvel», como deve significar-se o adultério. «A mulher que morre no acto da sua rebelião, que é?» perguntava em desespero o meu desgraçado amigo. Respondia premonitoriamente, sinto-o:«Hoje, é uma criminosa que uns deploram e outros improperam na sepultura. Daqui a cem anos será celebrada como holocausto da emancipação».

Saiu amargurado a porta da Relação, menos livre, por contraditório que se afigure, do que nos meses intermináveis de ergástulo.

História da vida privada

Philippe Ariès e Georges Duby VOL. 1

EDIÇÕES A AFRONTAMENTO

FEIRA DO LIVRO DE LISBOA — PAV. 67
FEIRA DO LIVRO DO PORTO — PAV. 35

História da vida privada

VOL. 2 Philippe Ariès e Georges Duby

4L

ráio

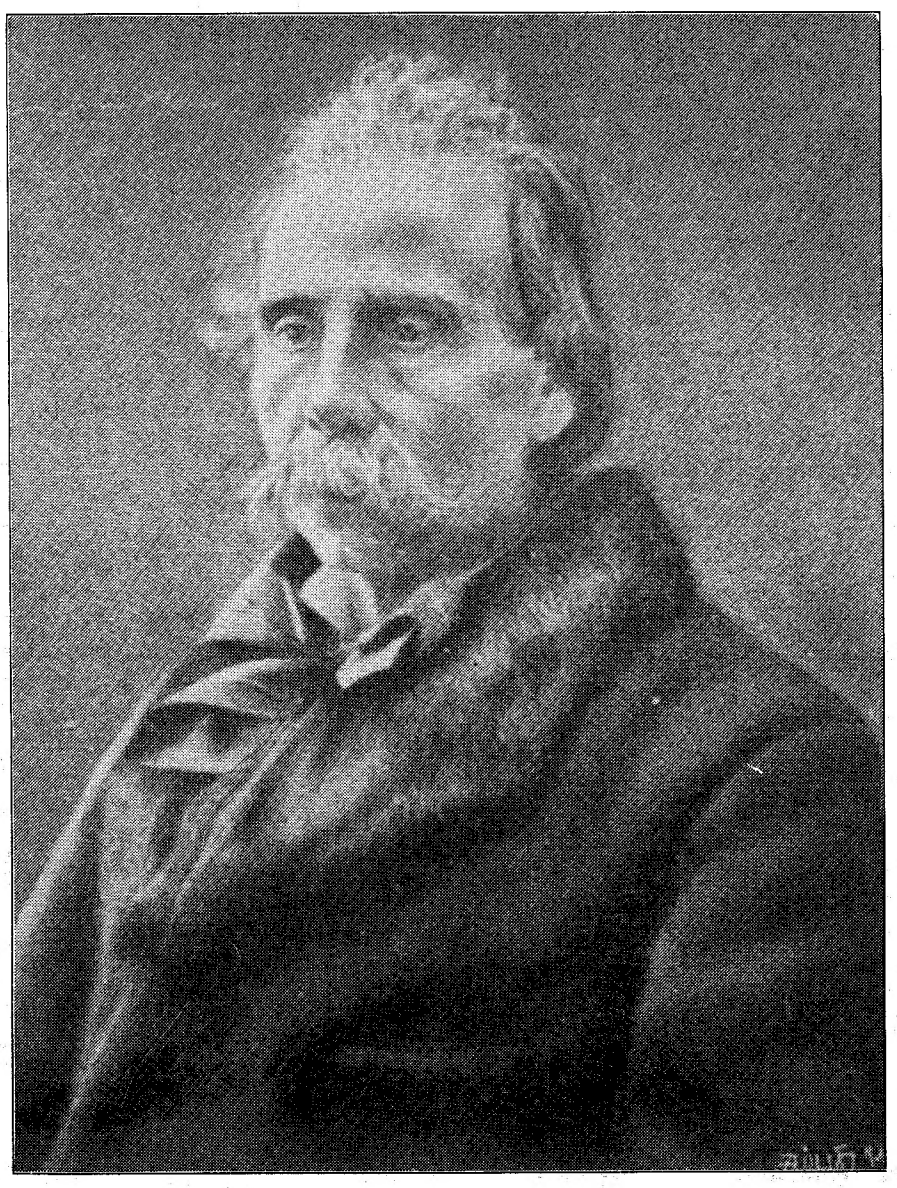
mp um manuscrito cuja existência era desconhecida
to d escritor, composto por um seu amigo discreto
perou. A palavra do Mestre de Ceide,
lus o. Novas revelações sobre o drama da sua vida

ÉLITA
...ado por autor coevo

...r (aliá poucos): decerto, os ...ótese d nele se guardarem ...e ilumnar uma vida ainda ...as nebulosidades.

...cifrar os papéis, o que viria a ...ulto. Exposto a vicissitudes ...anos (a primeira data anotada ...último ao dia 2 de Junho de ...os haverá tido? — , pasto de ...crito encontrava-se mutilado ...io papel, e sumido em frases ...anscrição. A caligrafia obtusa ...rém, bastante para inebriar ...o cavar em ruínas e o mais ...uma vida portentosa. Era o ...versas entre Camilo e José ...o, como decorre do texto, em ...levantes do glorioso calvário ...icular importantíssimo de o autor ter aspado — ele o esclarece na introdução — aquelas declarações de Camilo que a memória ou a oportunidade de uma nota *ad hoc* lhe permitiram trasladar fielmente.

Dei-me por missão imprescritível oferecer, no centenário do suicídio do Mestre, os passos legíveis do precioso arquivo. Nesse intento, actualizei a ortografia, rasourei os intercalamentos de prosa enxundiosa lavrada por José Pedro — mas conservando, na sua integralidade possível, os textos que situam as conversas — e ousei revesti-los da moderna forma de entrevista, para os tornar mais aliciantes ao leitor comum, falho do tempo e, acaso, da paciência indispensável à leitura aproveitada de prosa densa. Respeitei os períodos em que o autor dividiu a «história», a qual fica ao dispor dos camilianistas para se abrir completamente nas luzes que, porventura, contém, à espera de se derramarem, por intermédio de competente mão, sobre a vida e a obra do egrégio escritor.



Confessou-mo em horas das mais tristes que me foram dadas compartir com a sua desolação, numa casa da Rua do Almada, na cidade sua pátria adoptiva, o Porto — casa que fora de Manuel Pinheiro Alves.

JPO — Mortiço e lânguido a sorver haustos de ar puro?

CCB — «Com tristeza sincera confesso que no que fui já mal me reconheço(...) Quem dirá que tenho saudades daqueles dias negros e daquelas noites solitárias» vividos nas cadeias da Relação do Porto?«Devo supor que vim aparelhado para os máximos infortúnios, quando o experimentá-los levemente me incomoda, e o relembrá-los me esperta uma quase saudade!» Penso, meu amigo, «que não é isto saudade da desgraça: deve antes ser pena de ver murcharem-se as quimeras que me infloravam de lá este árido pragal, que vou trilhando agora». Palavras hei-de estampar no prefácio de *O Romance dum Homem Rico*, escrito no cárcere, «o mais querido dos meus romances», que «prevalecerá a quantos a minha imaginação já desluzida, e como à força, der de si», creio.

JPO — Mas a sociedade foi obrigada a recolher as garras...

CCB — Persegue-me de outra sorte. *Periodiqueiro* e *gazetilheiro* cederam, nas mentes vis, ao insulto de mercenarismo. De falta de protérvias escarradas sobre mim não me posso queixar. Não me perdoarão, temo que nem depois de morto; receio que «haja ainda uma fatalidade póstuma que se compraza em impor a violência até aos meus restos». (Não me senti eu repentinamente estrangulado por mão invisível e inelutável quando morreu o marido da minha «amante querida»?) Alto preço me reclama a coragem que tenho tido de «sarjar fundo» pelas «carnes podres» deste «mundo patarata», de «churriscá-las com o cautério da mofa», de «afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada pública»... Os hipócritas plangentes repudiaram-me sob a invocação de virtudes «dignas de Frei António das Chagas», mas eu «não era tão infame como a sociedade me julga». Meu paciente amigo: «os benfadados deste mundo não escrevem livros». Razão tinha a irmã de meu pai: «decrépita e cadavérica, disse-me que era necessário ser desgraçado para não contradizer os fados da nossa família». Eu luto, mas...

JPO — O desafogo é reserva dos «bacalhoeiros ricos», vai tornar a dizer-me...

CCB — De experiência tenho que assim é. «Possam os meus filhos ter a consolação de poderem dizer que seu pai quinhoou das mercês que se liberalizaram aos bacalhoeiros ricos». Estranham que me encabreie contra o trono? Pois não vêem que a pátria é «esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de dificuldades um filho vivo; mas, depois, tira-lhe a alma do purgatório, sendo preciso»? Pois não é o bispo de Viseu que me elucida: «O rei a você não lhe dá o título, que vive amancebado»? Que ignomínia a dos que empeçam nos reais motivos do meu pedido de um título!

JPO — Alegações de vaidade, bem leio...

CCB — Deverei porventura rojar-me aos pés do Bragança e abrir-me assim, com eco público: a tabes vai-me paralisando, estou quase cego, já deixo «cair a fronte esfriada e dorida sobre o papel em que escrevo», sumida «a feliz capacidade para engenhar obras de um dia, leituras de duas horas, recreio a ócios de quem os não sabia gastar melhor e mais aproveitados»? Não compreenderão que vejo à volta de mim os meus filhos «e penso no que serão estes (...) herdeiros das minhas angústias, quando eu lhes faltar»? Ah, «neste país, os bastardos da fortuna prostituta, se fizeram exame de instrução primária, devem morrer com a serenidade dos sábios»! Não terá um escritor público direito, após quarenta anos de labuta, a ir para a cova amortalhado na paz de quem deixa os seus ao abrigo de necessidades? Outra coisa não busco; para mim, o viscondado é uma pensão, e um dote que alguns escolhos varrerá, conjecturo eu, do caminho de meus filhos. Caminho trágico se me antolha...

1885 — 1890

Os derradeiros anos do meu desgraçado amigo Camilo Castelo Branco requerem, para serem competentemente descritos, palavras fora do meu alcance — e até dele próprio, que confessou não as ter adequadas à expressão da

continua na pág,. 6

LIVRARIA
LISIPO
Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda
Deslocamo-nos a qualquer ponto do país
Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA

continuação da pág. 5

«vida atroz« que o estava «despedaçando». O alanceamento da desistência, comunicada aos íntimos, ilustra, pela forma definitiva reservada aos gritos de alma, o seu martírio: «Quando souberes que eu morri, alegra-te». E estoutra declaração arrepiante: «Começo a experimentar uma espécie de afecto póstumo ao meu cadáver».

Percorri a seu lado o longo calvário. A Casa Amarela e o chalé de Nuno assombravam-se de um negrume indisfarçável, prenunciando a tragédia que ia desenrolar-se, felizmente sem a testemunha de meus olhos. Bastas vezes acorri a S. Miguel de Ceide, aos apelos do seu desespero, ou a instâncias da minha inquietação; de cada uma se me deparou mais vencido do que na anterior. O «venéreo inveterado» roía-lhe implacavelmente os olhos; posto o sol, era um cego; a senhora Viscondessa dava-o «impertinente, muito atribulado», quando solicitava o amparo de amigos naquela provação. Relembro duas ocasiões sobre todas dolorosas: a que me figurou o penitente qual imagem fanfástica, cercado de luzes, para cima de uma dezena, revendo «com muito custo as provas da Boémia do Espírito». *«Antes que os olhos me escureçam de todo», gemeu; e aquela em que, despedindo os augúrios obstinados, nos despedimos para sempre sem o sabermos. Era o dia 21 de Maio de 1890. Anoto o que conversámos das duas vezes. Na primeira, os olhos de Camilo ainda me ofereceram lampejos do antigo fulgor, estilhaçado pelo cúmulo das enfermidades e dores familiares — a «insânia» de Jorge e os «desatinos» de Nuno — que não tardariam a armar-lhe o braço suicida.*

JPO — Folgo em vê-lo trabalhando...

CCB — Trabalhando! «Que saudades eu tenho dos meus dias em que trabalhava 10 horas! Hoje, sempre na cama, escrevendo a lápis, e de costas. Isto, além de plasticamente ridículo, é incómodo». Meu amigo, «esta casa é uma sucursal do inferno. É incrível como eu, à custa de violências, consigo trabalhar duas horas de noite». E dito versos a Dona Ana Plácido, que nenhum editor cobiça. São as «derradeiras pulsações» da minha vida literária. Mas ninguém me verá pedindo «esmola ao público», nem batendo «às portas ameiadas da fidalguia merceeira, ou das ilustres vergônteas do sangue azul».

JPO — Em tempos, a Academia das Ciências apresentava-se como editor possível...

CCB — «Deus me livre de ir bater à porta desses ilustrados lorpas com coisa minha!»

JPO — Vejo-o restituído à saudável altivez! Aguçando a pena para novos projectos?

CCB — Não, meu dedicado amigo. O meu «estilo velho» murchou, parece, definitivamente. A «ideia nova» vingou — «por duas dúzias de anos», prevejo; todavia, singra. Eu sou um velho conservador, fiel «à verdade das lágrimas», ao romance «verosímil e português»; e os tempos correm de feição a republicanos e socialistas. A mocidade das letras, escrevendo ao ritmo da revolução sociológica, despe a batina ao padre e põe no palco «um homem com todas as fragilidades herdadas do antropóide e, por atavismo, as sensualidades intransigentes do gorila nosso ancestre, o mais contrariado avoengo que se conhece na nossa brutal genealogia». Tenho para mim que este progresso «é o do diabo».

JPO — Há talentos, concordará...

CCB — Decerto. O Eça, por exemplo. «Aquilo são fezes amassadas, mas a forma que ele lhes dá é atractiva.» Novidade? «Como as novidades de agora são antigas!» Há quantos anos eu as remedava «nos romances de Voltaire»! Foi o que me afeiçoou a mão para os «romances facetos». Venderam-se... mas quanto mais alto subiam, mais fundo ficava sepultado o meu universo novelístico, como dizem os críticos. Desmoronou-se tudo. O meu inferno terreal transmutou-se em pasto de impunidade. O remorso e as lágrimas, feitos velharias. Mas repito-lhe o que escrevi no *Amor de Perdição*: «Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica». No entretanto, ruínas onde escave já não existem. Soçobro, meu amigo. O próprio estilo velho me trai. Sequei. É «a inexorável doença, privando-me quase da vista e debilitando-me o cérebro pela atonia das enormes dores morais que tornam insuportável a dilaceração das outras»... Aliás, «em coisas de literatura, deve falar-se de mim como de um escritor morto. Logo que eu aceitei do Estado uma pensão é que eu não podia trabalhar e manter a

minha laboriosa independência de quarenta anos. Ceguei na luta e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros escritores».

*

JPO — Meu querido amigo, peço a Deus que me revele forma de o aliviar...

CCB — Só existe um remédio eficaz...

JPO — Esse em que pensa e o fascina não se coaduna com a sua grandeza. É fuga de vulgares...

CCB — Será. «Mas nunca a ideia do suicídio me visitou tão galharda e sedutora(...) É-me ideia tão habitual, que já nem poesia nem grandeza tem para mim». De resto, a morte (...) de vez em quando dá-me um beijo dos da sua lavra e retira-se.» Há anos «que a tenho sentido de diversos feitios.»

JPO — A ciência...

CCB — A ciência! A que ponto me tenho deixado iludir por ela! «Aqui estou quase cego e paralítico, ao lado de um filho mentecapto que já tentou matar-me. Haverá grandes desgraçados que comparados comigo se considerem felizes». Isto mesmo escrevi hoje a um médico que chegou de França, petrechado com os últimos conhecimentos em oftalmologia. Pedi-lhe que viesse ver-me. Vem no dia 1. Apresentei-me assim: «Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa neste país, durante quarenta anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.» Meu amigo, «assevero-lhe que não cegarei completamente». Sim, «eu bem queria poupar-me ao suicídio; mas desde os dezoito anos que pressenti a necessidade dessa evasiva.» Porque sou um nevropata, como afiança o Júlio de Matos?» Digo-lhe para que proclame: «Tudo quanto fiz cifra-se numa grande alcofa de brochuras inúteis.» Na verdade, «não deixo nada. Deixo um exemplo.»

Fui dos raros que acompanharam ao cemitério da Lapa os restos de Camilo Castelo Branco. Como justamente observou o Sr. Rafael Bordalo Pinheiro dias passados sobre o fatídico primeiro de Junho, à chegada do enterro ao Porto «não havia na gare senão os reporters *de dois ou três jornais». E, no entanto, indignava-se o reputado artista, «Camilo era o único escritor verdadeiramente grande do Portugal dos nossos dias, e em meio da anemia geral, a sua figura saía, como a dum colosso sardónico, amesquinhando todos os que se lhe aproximavam». Subscrevo estas judiciosas palavras, provindas de quem algumas vezes fraquejou na apreciação do Mestre, o que as reveste de acrescido mérito. O manuscrito, que por esta forma termino, dedico-o à memória imperecível do grande escritor, e morro na confiança de que um vindouro, condoído da sorte de um desgraçado singular, o trate, à luz da sua glória perenal, com o amor que pus na sua feitura.*

O texto que precede é uma ficção, resultante do manuseio de livros de Camilo e de autores que ao longo de um século se têm debruçado sobre a vida e obra do romancista, em primeiro lugar do *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, de Alexandre Cabral, monumento de erudição imprescindível aos amantes do escritor. Tudo o que não se contém entre aspas deverá ser atribuído ao respeitoso atrevimento do jornalista, confrade miúdo de Camilo nas gazetas, que não enumera os títulos de que se socorreu para inculcar nos leitores devidos o apetite de se embrenharem numa vida e numa obra *ad aeternum* fascinantes. Projecto de esperança com que homenageia Camilo na medida das suas possibilidades.

João Paulo de Oliveira

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia __/__/__ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

leituras e ideias

TEMAS DE SOCIOLOGIA

Fiel ao seu projecto original, a revista **Sociologia — problemas e práticas** oferece-nos na sua mais recente edição um interessante conjunto de artigos sobre temas bastante diversificados.

As questões do desenvolvimento e da modernização, tratadas sob a perspectiva predominante da ciência económica e da gestão, constituem o núcleo temático com maior expressão neste volume, no qual é marcante a preocupação de reflectir alguns aspectoss fundamentais da situação portuguesa.

A gestão estratégica, definida por Alfredo Margarido como uma metodologia de análise sistemática da abordagem sistémica, é aqui considerada como um meio fundamental à indispensável renovação da mentalidade empresarial. Este artigo permite ainda desenvolver uma reflexão complementar sobre os limites de aplicação das teorias sistémicas — exercício cada vez mais necessário, quando uma certa moda entre nós instalada pretende transformar a Teoria dos Sistemas numa espécie de paradigma hegemónico para a totalidade das Ciências Sociais.

A discussão dos problemas da industrialização e do desenvolvimento em termos locais leva João Ferrão e Mendes Baptista a afirmarem o papel crucial das pequenas e médias empresas, sustentando ainda os autores com bastante argúcia a impossibilidade de constituir processos endógenos sustentados de desenvolvimento através de iniciativas estritamente locais. A temática em referência é concluída com o artigo de Helena Lopes sobre a qualificação do trabalho — problema da maior actualidade no contexto nacional, e em relação ao qual a autora afirma a necessidade de aprofundar a investigação, como forma de fixar um conteúdo analítico mais preciso para o próprio conceito, bem como para potenciar a sua importância para a maximização do sistema produtivo português.

O segundo núcleo temático é constituído em torno das questões da arte e da estética, aqui já com a clara prevalência das perspectivas sociológicas. Idalina Conde reflecte sobre a situação do mecenato cultural na Europa, procurando definir a especificidade do actual modelo ao integrar a questão cultural num contexto bastante amplo de transformações, de ordem económica, social e política. Na procura de um sentido para o mecenato surge claro o complexo jogo de estratégias que envolve os diversos protagonistas, com investimentos simbólicos diversificados por parte do Estado, das empresas e dos próprios artistas. Constata ainda a autora a flagrante inflação discursiva que o tema alimenta, num efeito de (pseudo)legitimação que, de momento, a «todos» parece aproveitar. Caberá perguntar se aquilo que as empresas reconhecem, com aparente naturalidade, como sua principal motivação no mecenato — a «melhoria da imagem geral» — não será, também, comum aos restantes parceiros do «negócio»? Por esclarecer fica, para já, o próprio conteúdo desta expressão, bem como as possibilidades de preservar (ou não) uma conciliação dos diversos interesses em presença.

Entre várias questões que o problema do mecenato suscita, avulta a das suas implicações para a arte e para a actividade dos artistas. Num contexto diferente, Rosanne Martorella faz esta discussão a propósito das colecções de arte das empresas americanas.

Para a Sociologia, o reconhecimento de factores não estéticos no trabalho artístico e nos respectivos movimentos estilísticos sempre constituiu um dado fundamental, que justificou aliás em grande medida a própria pertinência da análise sociológica sobre o tema. Quanto ao «mecenato de empresa» — expressão pouco feliz para referir as políticas puramente empresariais de intervenção no mercado da arte —, a análise realizada de um conjunto de empresas e de colecções permite concluir, sem equívocos, quanto às relações de poder que se impõem à actividade artística.

Nos limites deste núcleo temático, merece destaque o interessante artigo de Paulo Monteiro sobre as relações que a ciência e a arte estabelecem no plano epistemológico. À *epistemé* da verdade que orientou o pensamento ocidental depois de Platão, as novas epistemologias vêm hoje propor uma reaproximação da Esfinge e do Centauro: ao contrário do que tradicionalmente a ciência sempre afirmou, somos hoje levados a reconhecer que o sentimento e o conhecimento não estão dissociados. Na leitura de autores fundamentais como Kuhn e Gombrich, por exemplo, é-nos pois lícito afirmar que «*os modelos científicos são criações humanas afectadas por tradições, estilos e sensibilidades*«; e numa primeira conclusão provisória para a argumentação desenvolvida, Paulo Monteiro propõe-se reequacionar a velha discussão teoria-observação: «*nem sempre nós partimos da observação para a teoria ou da teoria para a observação, porque partimos muitas vezes das imagens visuais ou literárias para a observação e para a teoria*« (pp. 80). O exercício a que o autor nos convida é um desafio de grande alcance e, para além do mais, também de grande fascínio, como o testemunha a apresentação sumária, mas muito esclarecedora, de alguns trabalhos recentes que confirmam a tese referida, tanto no que diz respeito ao trabalho da comunicação científica, como para o caso ainda mais fundamental (e epistemologicamente decisivo) da descoberta científica — considerada com os exemplos da «navegação intelectual» no pensamento matemático, a construção da teoria quântica e da teoria da evolução.

Este, sem dúvida, um bom exemplo da prática e dos grandes problemas que a Sociologia formula no final do nosso século.

(**Sociologia — Problemas e Práticas**, n.º 7, Pub. Europa-América, 1989, 162 págs.)

João Pissarra

DISTRI Cultural
A qualidade da literatura
GRUPO DISTRI
INTERNATIONAL BOOK CENTRE

FEIRA DO LIVRO FRANCÊS

DE

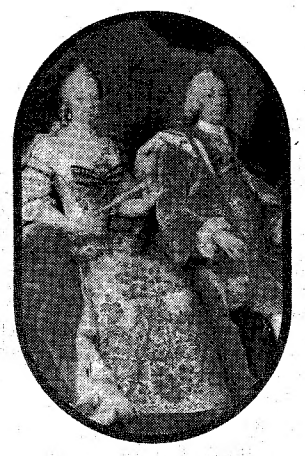
30 DE MAIO A 20 DE JUNHO

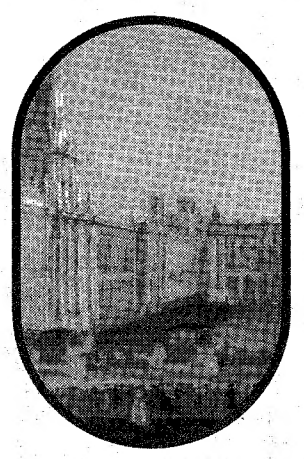
NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE

DESCONTOS ATÉ 50%

INTERNATIONAL BOOK CENTRE LOJA 2044 CENTRO COMERCIAL AMOREIRAS

Giuseppe Gorani — *Arthur William Costigan*





PORTUGAL
A Corte e o País nos anos de 1765 a 1767

CARTAS
sobre a Sociedade e os Costumes
DE PORTUGAL
1778-1779

PORTUGAL
nos séculos XVII & XVIII
Quatro Testemunhos

Lisóptima foi capaz de

criar uma linha gráfica
uma imagem publicitária
um programa editorial

originais

... só não pôde criar
... o público!

ESTAMOS TAMBÉM NAS FEIRAS DO LIVRO

LISBOA [PAV. 103] • PORTO [PAV. 32]

LISÓPTIMA EDIÇÕES
R. da Graça 140 - 2.º 1100 LISBOA ☎ 86 90 84

literário

Crítica e actualidade

A proliferação de revistas a que temos vindo a assistir, e isso não sucede apenas entre nós, é um bom sinal da nossa situação cultural. A perda de influência das grandes revistas dos anos sessenta, época em que também surgem os diagnósticos do fim do «livro» e da crise da escrita, prenunciava um fenómeno que é hoje patente: a da não existência de paradigmas dominantes na cultura (e na teoria), algo a que Jean-François Loyotard chama a «crise das grandes narrativas». A imensidade de novas revistas é, portanto, uma resposta *positiva* a esta situação, aceitando-se queiramo-lo, ou não, que o pensamento actual, é mais tentativo, experimental e ensaístico que nunca.

A segunda série da revista **Vértice** engloba, contraditoriamente, estas duas situações, e seria interessante saber se ela desenvolve a «luta» da primeira série com outros meios, ou se ela é a resposta a uma condição da cultura. Seja como for, o que a distingue das diversas revistas que entre nós se publicam é o carácter de mosaiciforme com que aborda a cultura, sem se prender a fronteiras disciplinares, sem ver a cultura como decorrendo em «vaso fechado». Daí que tenha de posicionar-se complexamente perante o facto de que os vasos comunicantes, não existam, tenham de criar *em acto* os seus percursos de comunicação, pois os seus trajectos já não podem ser programados e projectados por uma arquitectónica da razão, que determinaria com segurança o que é fundamental e o que é acessório. Em suma, a única garantia de unidade é a da *forma* que se dá à fragmentação, e essa é a específica responsabilidade do escritor pela sua escrita. É a esta responsabilidade que Foucault chamava uma «ontologia da actualidade», que é o verdadeiro objecto de qualquer revista.

Ora, a **Vértice,** nos seus vinte e cinco números não se tem eximido à necessidade crítica de pensar a actualidade, abordando uma imensidade de temas que só a necessidade de responder às tarefas do presente pode unificar. No caso do número de Abril, este estilo de abordagem está bem patente, atravessando o conjunto das suas secções. A primeira delas, — «Em questão» — que normalmente constitui o *dossier* de fundo, é dedicada ao ano literário de 1989, contando com análises de Carlos F. Jorge, Helena Carvalhão Buescu, João Barrento e Maria João Brilhante. Enquanto exercício do juízo estamos diante de uma secção interessante, embora pegue pelo facto de excluir o ensaísmo, género para que os autores portugueses parecem mais talhados. Trata-se de uma decisão sobre o âmbito do literário? Mas então, ou se sobrevaloriza o ensaio (pondo-o além do literário, mas então que «ciência» seria a sua?) ou se desvaloriza o literário, («fechando-o» na atmosfera cada vez mais irrespirável da «estética»).

A secção «Em estudo», pela diversidade dos seus temas, contém os ensaios de Manuel Sérgio: «Motricidade humana — uma nova ciência do homem» (37-42), de Orlando Valverde: «A devastação da floresta amazónica» (43-54) e de Fernando Martinho sobre o poeta cabo-verdiano António Nunes. Pelo seu interesse muito especial, valeria a pena destacar o trabalho de João F. Santos, intitulado «A ilusão enganada» (55-62) que repensa o lugar do abstraccionismo dentro de uma concepção do corpo, a que as antigas teorias da mimesis já pouco têm a dizer. Finalmente, deve ler-se o texto de João Barrento sobre o pós-modernismo, intitulado «A razão transversal — *requiem* pelo pós-moderno» (31-36). De escrita aliciante, bem informado — principalmente nas áreas da cultura alemã —, como é timbre do autor do *Espinho de Sócrates* (um dos livros mais reflectidos que se publicaram nos últimos anos no nosso país), o artigo de Brrento faz uma análise panorâmica daquilo a que chama «o unicórnio do século». Mas não como espectador, pois não hesita em tomar posição por uma razão transversal pluralista e perspectivista.

Nas restantes secções, surgem uma grande variedade de textos, além de uma entrevista com Ulpiano do Nascimento (85-96). Aqui, valeria a pena discutir as concepções do húngaro András Gedo, «A ciência incriminada», talvez excessivamente preocupado em iluminar as «contradições» da ciência actual através de um marxismo (mais ou menos) reformado, programa que só é aceitável se se for, ou se se quiser ser, marxista. Destacaria ainda, para terminar, dois pequenos e pertinentes escritos: o de Fernando Guerreiro — «O estádio do espelho», e o de Hélder Coelho — «Teoria e experimentação».

Vértice, n.º 25, Abril de 1990, 119 págs.).

José A. Bragança de Miranda

I

CENTENÁRIO DA MORTE DE

C · A · M · I · L · O

programa

10.15 h «LÉGUA CAMILIANA» entre Famalicão e S. Miguel de Ceide com a participação dos alunos das escolas preparatórias e secundárias
14.30 h SESSÃO SOLENE no Auditório da Fundação Cupertino de Miranda. Entrega dos prémios do I Concurso Juvenil CAMILO CASTELO BRANCO
16.00 h Inauguração da exposição «CAMILO na FILATELIA» na Fundação Cupertino de Miranda. «CARIMBO DO DIA» comemorativo do Centenário da Morte de CAMILO
17.00 h Abertura da «Exposec/90» «CAMILO E A SUA ÉPOCA na Escola Secundária CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

1 de JUNHO
21.30 h Em V. N. de FAMALICÃO
«Trocam-se Mulheres. Máximo Sigilo», pelo grupo Persona, de Lisboa

2 de JUNHO
21.30 h Em JOANE
«Trocam-se Mulheres. Máximo Sigilo», pelo grupo Persona, de Lisboa

2 de JUNHO
21.30 h Na CASA de CAMILO, S. Miguel de Ceide
«A Morgadinha do Vale dos Amores», pelo Teatro Construção

COMISSÃO EXECUTIVA DO I CENTENÁRIO DA MORTE DE CAMILO CASTELO BRANCO

VILA NOVA DE FAMALICÃO